



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



MARCOS ANTÔNIO ALVES DE VASCONCELOS

**A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ NA
VALORIZAÇÃO DA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL E
EDUCAÇÃO EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DO
MUNICÍPIO DE BELÉM DO SÃO FRANCISCO-PE:
EXTRAMUROS, UMA VIAGEM AO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ.**

RECIFE – PE

2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



MARCOS ANTÔNIO ALVES DE VASCONCELOS

**A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ NA
VALORIZAÇÃO DA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL E
EDUCAÇÃO EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DO
MUNICÍPIO DE BELÉM DO SÃO FRANCISCO-PE:
EXTRAMUROS, UMA VIAGEM AO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ.**

Trabalho de Dissertação
apresentado como requisito
para a obtenção do título de
Mestre em História no
Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Dra. Ana Lucia do Nascimento
Oliveira

RECIFE – PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

V331c Vasconcelos, Marcos Antônio Alves de
 A contribuição do Museu Elísio Caribé na valorização da
 preservação patrimonial e educação em duas escolas estaduais do
 município de Belém do São Francisco-PE: extramuros, uma viagem
 ao Museu Elísio Caribé/ Marcos Antônio Alves de Vasconcelos. –
 2018.
 124 f. : il.

 Orientadora: Ana Maria Nascimento Oliveira.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de
 Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife,
 BR-PE, 2018.
 Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

 1. Educação patrimonial 2. Museu 3. Gestão I. Oliveira,
 Ana Maria Nascimento, orient. II. Título

CDD 981.34

MARCOS ANTÔNIO ALVES DE VASCONCELOS

**A CONTRIBUIÇÃO DO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ NA
VALORIZAÇÃO DA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL E
EDUCAÇÃO EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DO
MUNICÍPIO DE BELÉM DO SÃO FRANCISCO-PE:
EXTRAMUROS, UMA VIAGEM AO MUSEU ELÍSIO CARIBÉ.**

Trabalho de dissertação apresentado como requisito para a obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Aprovada em: 23/02 /2018

Dra. Ana Maria Nascimento Oliveira
Orientadora-PGH/UFRPE

Dra. Jeannie Silva Menezes
PGH/UFRPE

Dra. Kátia Silva Cunha
PPGECM/UFPE

A Deus por tudo,

Aos meus pais Antônio Francisco e Maria de Fátima Alves, minha Madrinha Maria José e minha irmã Lucimar Alves, Geyza Kelly. Aos meus Mestres pelo conhecimento e a grandeza de me ensinar: Dra. Ana Nascimento, minha Orientadora e Dra. Katia Cunha por me ensinar e contribuir nesse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pelo imenso amor me dispensado e força me dada no dia a dia, por me segurar com sua mão firme.

Aos meus pais, Maria de Fátima e Antônio Francisco e pelo presente que Deus me concedeu que foi minha madrinha Maria José, sendo também minha mãe e bem presente na minha vida, à eles pela dedicação e por terem me educado e ter feito todo esforço pelos meus estudos.

Aos meus professores do PGH, Dra. Ana Nascimento minha orientadora e uma pessoa incrível, um ser humano fantástico

.

Ao meu grande professor, Dr. Ricardo Pacheco pelos ensinamentos e pelo suporte e orientações.

A professora Giselda Brito com quem aprendi muito e tenho muita gratidão.

A professora Dra. Kátia Cunha, que aceitou a compor a banca de qualificação e acabou se tornado grande responsável pelas dicas e o final do da dissertação

Aos meus Irmãos, Lucimar Alves, Fábio Alves e Kátia Viviane, pela força, amizade e companheirismo, em especial a Lucimar que sempre foi meu ombro para tudo.

Meus irmãos que a vida me presenteou, Lorena Amando, Nádia Cristina, a Juliane, Glauco, Rafael e Rhayne Leão amigos com quem dividi vários momentos no Recife.

À Geyza Kelly Alves Vieira que tem sido mais que uma amiga, tornou-se uma irmã, à quem estimo muito e devo o aprendizado e experiência e todo carinho.

As minhas amigas Rosimeire Torres e Rebeca Lins, pelo carinho e apoio constante e pelas orações.

À família CESVASF, onde trabalho desde 2007 no curso de História e me realizo profissionalmente.

A FACESF, que me possibilitou um crescimento profissional e grandes amizades.

À todos amigos que não dá para citar em uma página por que são muitos, mas de jornada, Herika Viana “uma amiga incrível”, Thaise Ramos, Luciana Dantas, Carmem, a todos colegas de sala.

“Um povo que não se preocupa em preservar sua memória, perde-se na história e se aniquila a curto prazo”.

Paulo José de Oliveira.

RESUMO

Esta pesquisa tem como perspectiva a análise da importância do museu Elísio Caribé na formação da identidade cultural do povo de Belém do São Francisco (PE), o que justifica a sua inserção na escola como ferramenta didática, permitindo uma maior compreensão do espectro histórico da comunidade. A pesquisa analisa a execução do projeto “Extramuros”, de autoria do autor, aplicado no museu Elísio Caribé em parceria entre CESVASF e escolas públicas municipais, mas que participaram do projeto em todas as etapas e na execução. A pesquisa conta com o relato de caso, e metodologicamente constitui-se de natureza mista, envolvendo aspectos qualitativos e quantitativos. A pesquisa concluiu que o museu Elísio Caribé é uma ferramenta de resgate e proteção do patrimônio local, o que justifica sua inserção no contexto educacional para a criação de uma identidade cultural direcionada aos jovens e adolescentes, sendo seus resultados práticos comprovada pela evolução das médias nos índices oficiais.

Palavras-Chave: Educação patrimonial. Museu, Gestão.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the importance of the Elísio Caribé museum in the formation of the cultural identity of the people of Belém do São Francisco (PE), which justifies their inclusion in the school as an educational tool, allowing a greater understanding of the historical spectrum of the community . The research analyzes the execution of the project "Extramuros", authored by the author, applied in the museum Elísio Caribé in partnership between CESVASF and municipal public schools, but that participated in the project in all stages and in the execution. The research counts on the case report, and methodologically it is of a mixed nature, involving qualitative and quantitative aspects. The research concluded that the Elísio Caribé museum is a tool for the rescue and protection of local heritage, which justifies its insertion in the educational context for the creation of a cultural identity aimed at young people and adolescents, and its practical results are proven by the evolution of the averages in official indices.

Keywords: Patrimonial education. Museum, Management.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CESVASF	Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco
EJA	Educação para Jovens e Adultos
FACESF	Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SAIJ	Sociedade Amigos da Instrução de Jatinã
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidade de Belém do São Francisco (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).	63
Figura 2 - Rio São Francisco (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).	64
Figura 3 - Museu Elísio Caribé (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).	74
Figura 4 - Chegada ao Museu Elísio Caribé (Fonte: Júnior Pedroso, 2017).	90
Figura 5 - Recepção dos alunos no Museu Elísio Caribé (Fonte: Júnior Pedroso, 2017).....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo 1 - MUSEUS ENQUANTO ESPAÇOS CULTURAIS, EDUCATIVOS E DE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL.....	25
1.1 Perpetuação da história ao longo das gerações.	25
1.2 História dos museus.	33
1.3 Museu, tecnologia e educação patrimonial (atividades interativas).	42
1.3.1 Os museus e a Educação Patrimonial: a integração entre escola e acervo.....	52
Capítulo 2 - BELÉM DE SÃO FRANCISCO: PIONEIRISMO NA EDUCAÇÃO SERTANEJA	63
2.1 O Museu Elísio Caribé e a sua relação com a educação belemita.	67
2.2 O Museu Elísio Caribé e a contribuição do ensino na história do povo belemita.	71
2.2.1 Museu Elísio Caribé: surgimento, contribuição social e situação atual.	73
2.2.2 Preservação patrimonial do Museu Elísio Caribé e da história de Belém de São Francisco	76
Capítulo 3 - O PROJETO “EXTRA-MUROS” E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENTENDIMENTO DA HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.....	83
3.1 Resultados apresentados pelo projeto.....	94
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	106
ANEXOS.....	112

1 INTRODUÇÃO

Partindo de perspectivas em torno da função educadora que o museu pode exercer sobre uma comunidade, a partir do estímulo à indagação nas pessoas para que estas busquem compreender os caminhos e histórias que antecederam sua origem, a forma de convivência dos seus antepassados, a motivação para a instalação da comunidade em determinada localização geográfica, e para instigar outros questionamentos e soluções, surgiu a proposta de estudar o Museu Elísio Caribé objetivando mostrar sua importante função enquanto ferramenta fundamental na construção do processo educativo dos alunos do sistema de ensino da cidade de Belém do São Francisco-Pernambuco-Brasil.

Em paralelo, torna-se relevante, como parte do conjunto de ações que estarão direcionadas ao objetivo principal desta pesquisa, destacar as novas formas de transmissão de conhecimento, ou mesmo as novas perspectivas apresentadas sobre modalidades clássicas de interação com o conhecimento, formas estas que o museu pode proporcionar aos seus visitantes a partir de uma perspectiva diferenciada, mesmo dentro da sua proposta de dar continuidade à preservação patrimonial e ressaltar a importância, em plano geral, a sua importância como espaços de preservação de cultura e tradição, bem como ferramentas para a reflexão sobre o futuro da arte e das expressões artísticas na e aspectos que refletem os ideais dos fundadores do museu Elísio Caribé.

A experiência lúdica vivenciada por pessoas em espaços como museus e o conhecimento de informações culturais sensibiliza os indivíduos e agrega valor à bagagem intelectual de cada um que teve a oportunidade de visitar locais como estes. De acordo com esta observação torna-se possível inferir que um momento de lazer proporcionado por visitas a museus, pode também ser utilizado como ferramenta educativa com impressões claras e bem definidas para uma comunidade, uma família, uma turma escolar ou por um simples viajante que prepara uma mochila e segue viajando pelo mundo inteiro.

O percurso de análise desta pesquisa está ancorado principalmente na importância dos museus em todo o país. Para construir o conceito de que o museu Elísio Caribé, em Belém do São Francisco (PE) exerce um importante papel social na comunidade em que se encontra, é realizada a análise histórica e social do

museu, a fim de que existam condições de promover a sensibilização sobre o resguardo do patrimônio cultural, trabalham-se como aparatos conceituais a ideia de patrimônio cultural, história e memória, assim como também traz-se os conceitos de museu e sua importância ao longo da História.

Considera-se no contexto da pesquisa, que a inserção dos museus no Brasil representou a promoção de mecanismos de estruturação social da identidade histórica nacional, construindo assim os necessários elos entre a sociedade e a representação da sua memória. Desde o primeiro museu (que fazia grandes referência às monarquias brasileiras e europeias) até os museus contemporâneos, o valor das suas peças é medido pela menção que fazem a períodos e/ou personagens históricas importantes para o país em questão, e é esta atmosfera, que remete ao de retorno à época em que estes objetos existiram, que reforça o sentimento de pertencimento e de ufanismo em relação à comunidade, elemento essencial na proteção das pequenas comunidades que, constantemente, sofrem com o êxodo, especialmente entre os jovens.

Por representar estes e outros significados na vida das pessoas, a estrutura física que constitui um museu passa a ser visualizada por diferentes pontos de observação. É possível se perceber que os museus passaram por uma evolução sistemática, tanto na sua prática como na razão de existir. Assim, os museus que antes eram, culturalmente, vistos como depósitos de objetos que significaram algo no passado, muitas vezes com valores emocionais para pessoas mais velhas e com fatores de ligação por ascendência, dado que a sua formação deu-se durante muito tempo priorizando o aspecto contemplativo, sem maiores pretensões, especialmente no Brasil, ou ainda como polos de cultura antiga, são hoje considerados uma ferramenta ativa de cunho educacional para a comunidade na qual encontra-se inserido, como também para as comunidades circunvizinhas, sem deixar de mencionar a sua importante influência e contribuição na história dos países (VALENTE, 1995).

O contato precoce com museus, institutos culturais, teatros e diferentes formas de expressões artísticas possibilita no aluno o desenvolvimento do senso crítico, já que por meio do acesso a acervos artístico-culturais variados, é possível ao educando conhecer outros aspectos da sua própria cultura nativa ou explorar realidades paralelas às suas. Este processo é excelente formador de expressão pessoal e deve constituir a base da educação patrimonial (MEDEIROS, 2011). Em

sua pesquisa, Faria (2000) elenca que, assim como a escola, o museu desempenha um papel social essencial na formação do cidadão que se deseja formar na sociedade contemporânea.

Os museus são importantes mantenedores da cultura em suas diversas expressões, são o posto de trabalho, e, portanto, compreendem parte importante na construção do universo convivial daqueles que atuam profissionalmente no seu entorno e, junto com a escola, promovem a educação para além dos muros das instituições educacionais, consolidando o seu aspecto de transformador de mentalidades pela expressão das realidades interindividuais sob a perspectiva da transcendência dos símbolos selecionados e mantidos em seus acervos..

Desta forma, a análise do binômio Museu e Educação revela que o desenvolvimento da educação das pessoas não está restrito aos muros da escola e ao contexto da sala de aula somente. A educação pode acontecer dentro do ambiente familiar, em instituições de ensino, grupos de jovens em igrejas, bibliotecas, livrarias e em museus. Ou seja, pode-se construir um conhecimento e haver influência na formação do senso crítico das pessoas em qualquer espaço onde a troca de informações seja estabelecida e discutida. Sendo o museu um lugar privilegiado para a formação humana, difusão do conhecimento, desenvolvimento da argumentação e da capacidade do senso crítico, além do olhar artístico, histórico e estético.

Contudo, as mudanças ocasionadas pela globalização, cada vez mais acelerada por conta do valor agregado de tecnologias, influenciam diretamente o cotidiano das pessoas em vários sentidos. As rápidas transformações ganham maiores proporções em se tratando de cultura e educação, no que tange a integração social. Assim, a sociedade mais do que nunca deve lançar mão de métodos educativos formais e não-formais, sobretudo da conexão entre ambas para promover o aprendizado dos jovens (VALENTE, CAZELLI e ALVES, 2005).

Ao se trabalhar o museu como ferramenta de promoção de educação, introduz-se de maneira direta, a ideia de “civilização”. Porém, nos termos que representam o momento específico. A crítica à ideia da sociedade civilizada apresenta-se como necessária, pois os povos que não têm museus, ainda assim possuem seus próprios modelos civilizatórios, os quais, por sua vez, dão conta das necessidades culturais de cada sociedade.

É importante refletir sobre o potencial papel educativo que os museus podem representar sobre a sociedade, principalmente com a inversão de valores instalada em tempos de intensa globalização, em que a tecnologia tem a necessidade de ser agregada a educação escolar, uma vez que os alunos e profissionais estão sempre conectados e a comunicação através destas ferramentas resulta numa resposta mais rápida.

Atualmente tem-se discutido bastante os efeitos da Globalização sobre a criação e assimilação de culturas. Essa discussão é pertinente no contexto da pesquisa, pois reflete diretamente sobre os museus. Mesmo os museus contemporâneos, que olham à frente e não ao passado, encontram cotidianamente o desafio de produzir e assimilar culturas que são cada vez mais dinâmicas, transformando-se a todo tempo. A Globalização imprime a ideia de velocidade na flecha do tempo, então os museus parecem contraditos nesse contexto (MOSCOLONI, 2017¹).

É interessante observar que no contexto em que as multimídias e a velocidade da informação determinaram os rumos culturais no ocidente, os museus, que tradicionalmente são espaços dedicados ou ao passado ou ao futuro conjectural podem atuar, no campo das ideias, como reversores do processo de esvaziamento que ocorre na Globalização das culturas. Moscoloni (2017) esclarece que com a Globalização, “a sociedade perdeu os valores naturais das coisas em detrimento dos valores substanciais do mercado consumista” (p. 01). Este retrocesso do pensamento encontra como antídoto também a cultura resguardada no interior dos museus, razão pela qual eles podem surgir como importantes implementos pedagógicos.

A preservação do patrimônio cultural é essencial, uma vez que este consolida a junção de todos os aspectos materiais (bens) e imaterial (Manifestações populares, cultos, tradições e outras manifestações culturais que não são possíveis de traspor-se em elementos materiais (símbolos, estátuas, etc.), mas que representam valores essenciais no contexto da realidade das comunidades a que pertencem tais símbolos. No contexto contemporâneo, o patrimônio cultural

¹ MOSCOLONI, Rakuten Sandro. **Perda e inversão de valores em virtude da Globalização Cultural e da inobservância social**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/perda-e-inversao-de-valores-em-virtude-da-globalizacao-cultural-e-da-inobservancia-social/106619>>. Acesso em 19 de março de 2018.

compreende o contexto do chamado elemento de cultura legal, extremamente representativo no quadro geral do Estado (CAMPOS, 2015)².

Há profissionais da educação dispostos a incluir em seus planos de aula a valorização da cultura legal. O termo cultura legal caracteriza os aspectos gerais das expressões culturais, materiais ou imateriais, tais como estes são processados pelo Estado no reconhecimento de seu valor e possível contribuição para a formação do povo, sua capacidade educativa e os valores a serem transmitidos pela cultura, podendo ser, uma vez que este conceito compreende diversas formas de cultura, um desdobramento do conceito jurídico-sociológico desenvolvido por Lawrence Friedman (1975) (MELLO et al., 2013).

Uma das formas de se trabalhar a educação patrimonial que os professores praticam é o contato com peças históricas através de visitas a museus, seguidas da elaboração de atividades que estimulam os alunos a relatarem a experiência vivenciada e fixarem os conhecimentos ali adquiridos. De acordo com Hooper-Greenhil (1998) com ferramentas cada vez mais interativas os museus conseguem sair de uma perspectiva contemplativa e passam a permitir que os visitantes vivenciem e controlem a essência da mensagem que se pretende transmitir. A comunicação dentro do museu assume, gradativamente, o papel educativo, resgatando a sua função primordial como uma necessidade a adaptar-se as novas demandas educativas sociais.

Apesar da relevância social de um museu, nem todas as comunidades os têm, visto que a instalação e manutenção destes lugares, em parte porque os custos da capacitação de instalações físicas (prédios, unidades, espaços específicos) são, em geral, dispendiosos e demandam de investimentos e do apoio de gestores, tanto em nível municipal (prefeitos, vereadores, etc.) para a execução da parte básica de implantação de um museu, que é a formação do seu espaço físico. As pessoas que tomam a responsabilidade da implantação de museus precisam estar cientes da importância desses espaços para que possam direcionar com compromisso as verbas municipais destinadas à cultura.

Muitos dos objetos que compõem o projeto inicial dos museus de pequeno porte são em sua maioria resultantes de heranças. Além do já mencionado exemplo

² CAMPO, Juliano Bittencourt; PREVE, Daniel Ribeiro; SOUZA, Ismael Francisco de. **Patrimônio cultural, Direito e meio ambiente**. Curitiba, Multideia, 2015.

dos museus brasileiros e a atuação da família imperial na formação dos seus acervos, é sabido que vários fenômenos sociais e históricos contribuem para a formação dos acervos no mundo, mas que a maioria acaba passando, em algum momento da sua existência, compondo espólios ou heranças. Santos (2016) exemplifica com o fenômeno das guerras, as quais, além de anexarem parte dos acervos de culturas conquistadas às dos conquistadores, os próprios artefatos de guerra podem ser apontados como parte desses mesmos acervos ou do acervo de museus temáticos. Os herdeiros de propriedades, manuscritos e diversos outros itens que compõem a miscelânea de um acervo museológico também, por vezes, não têm condições de investir recursos nos cuidados de manutenção que algumas peças exigem, como no caso de pinturas raras ou de peças de vestuário, metais nobres, etc.

Para a educação patrimonial, a manutenção e o constante revisitar de acervos museológicos é essencial, já que esta metodologia de trabalho busca intervir sobre objetos históricos, com a lógica da construção cultural. Nesse aspecto, a preservação dos museus, assegurando assim sua integralidade para os futuros estudos, o primeiro passo para a valorização e reconhecimento da educação patrimonial e para sua abordagem na perspectiva educacional.

A pesquisa buscou identificar também estes aspectos no contexto da cidade centenária de Belém do São Francisco, cidade ribeirinha reconhecida no cenário local como sendo um dos mais importantes e expressos berços da cultura local, uma vez que a mesma possui reconhecido patrimônio histórico e artístico, material e imaterial relevantes tanto para a sua realidade específica quanto para o vale do São Francisco, já que suas tradições refletem ainda de forma muito fiel o que se reproduzia em termos culturais em praticamente todas as comunidades e municípios ribeirinhos do vale sanfranciscano.

A cidade de Belém do São Francisco teve sua fundação no ano de 1830, início do século XIX. Seu patriarca, Antônio de Sá Araújo, era o proprietário original de todas as terras onde atualmente se encontra a sede municipal, na época componentes do também centenário município de Cabrobó (PE). Segundo dados da Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco (BRASIL, 2018), a evolução jurídica do município iniciou-se ainda no século XIX: em 1835, um decreto provincial cria o distrito de Belém, ainda subordinado ao município de Santa Maria da Boa Vista; em 1854, Belém foi reconhecido como Vila e separado do município de Santa Maria da

Boa Vista; em 1903, Belém passa a ser reconhecida como cidade e em 1924 passa a se chamar “Belém de Cabrobó”, sendo, em 1928 o nome tornado mais simples, assumindo a denominação de “Belém”; em 1933, Belém passa a ser denominado “Distrito-Sede”, uma denominação administrativa que confere autonomia administrativa ao município. Em 1938 Belém do São Francisco incorporou em seu território o então distrito de Floresta (PE), Itacuruba (PE), sendo que em 1943, o município passou a possuir dois distritos, o distrito-sede e Itacuruba (PE). No mesmo ano (1943), Belém passa a se chamar Jatinã, sendo reconhecido em 1950, que o município possuía dois distritos: Jatinã e Itacuruba, porém, em 1955, Jatinã passa a se chamar “Belém do São Francisco”, nome que possui até os dias atuais, permanecendo o seu distrito com o mesmo nome de Itacuruba. Em 1962 foram criados os distritos de Ibó e Riacho Pequeno. Em 1963, Itacuruba adquire status de município, separando-se de Belém do São Francisco, permanecendo apenas Ibó e Riacho Pequeno, e assim permanece até os dias atuais.

Belém do São Francisco está situada no Sertão do São Francisco, ocupando uma área territorial de 1.830,797 km² nos quais se distribuem os seus 20.253 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), por meio do Censo de 2010 (BRASIL, IBGE, 2018). Possui sua economia construída, principalmente, em torno da fruticultura irrigada, caprino-ovinocultura e apicultura. Além de possuir um dos maiores potenciais turísticos do interior de Pernambuco em virtude da intensa concentração de ilhas fluviais formadas ao longo do Rio São Francisco, possui marcante importância histórica, tradição cultural e vocação educacional. Pelo seu aspecto cultural, pode-se aventar a importância das suas tradições ainda pouco alteradas: por meio de danças, de representações artísticas diversas, comuns da atividade econômica do povo e das tradições indígenas que influenciaram o vale sanfranciscano, pioneira no interior do Nordeste (FACESF, 2016; PEAZ, 2016).

Parte importante no contexto histórico-cultural de Belém do São Francisco, o museu Elísio Caribé teve sua fundação no ano de 2000, e uma parceria entre o poder público municipal, diversos sujeitos proprietários de artefatos importantes e significativos para a História do município (herdeiros ou colecionadores particulares) e pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), que tem contribuído para a permanência do acervo e sua constante valorização por meio da

realização de diversas manifestações didático-culturais envolvendo o acervo e a história do município (palestras, exposições, etc.) (LIMA, 2015).

O acervo do museu é diversificado, mas possui eixo temático focado em artefatos históricos do século XVII ao século XX, que representam parte relevante da história do município ou que se enquadram em um contexto histórico importante da perspectiva histórica nacional.

O Museu Elísio Caribé constitui-se um programa da rota turística do município, apresentando disponibilidade de abertura em dias fixos ou conforme solicitação prévia dos visitantes. O museu representa um importante polo de difusão da cultura local, que possui peças as quais enaltecem o papel histórico do município em grandes acontecimentos do passado do Brasil, como é o caso do batistério de Lampião³, da espada da Guarda Nacional datada de 1704 ligado à ordem Terceira de São Francisco, dentre outros objetos que, significativamente, contribuem para manter viva a memória e história da região (FACESF, 2016; PEAZ, 2016).

Ao levar em consideração que toda história vale a pena ser ouvida, escrita e compartilhada, o trabalho tem como objetivos o aprofundamento de questionamentos relativos à preservação patrimonial e ao resgate cultural das tradições locais, assim como que expliquem pontos importantes sobre a origem do museu, o conhecimento a respeito da importância histórica da ação dos seus idealizadores e fundadores; descobrir a importância do museu para o reconhecimento e divulgação local da cultura e formação dos cidadãos belemitas.

O museu pode contribuir para a transmissão da história local e valorização do patrimônio cultural pela sociedade em geral, sensibilizando crianças, jovens, adultos e idosos a frequentar e colaborar em tornar o ambiente mais atrativo à todos.

A motivação para este estudo ainda é estimulada por se acreditar que há falta de valorização do museu por parte da comunidade de Belém do São Francisco, como também há falta de divulgação para que a mídia e as demais pessoas tenham conhecimento da existência do Museu Elísio Caribé e da importância do seu acervo.

³ Este documento histórico possui importância significativa para o município, pois o mesmo se integrou à rota do movimento Cangaço no século XX de forma estratégica, dada a sua localização geográfica privilegiada. A presença do documento e sua posse pelo município expressa a proximidade que os seus cidadãos possuíam com o famoso personagem histórico. Os registros oficiais demonstram que Virgulino, o Lampião, foi batizado no distrito de Tauapiranga (PE), pertencente ao município de Floresta do Navio (PE) (SILVEIRA, 2008), do qual Belém do São Francisco anexou um distrito (Itacuruba), nos anos de 1930. No século XX, o documento esteve em posse de familiares do cangaceiro e, no processo de composição do acervo, foi cedido ao município nos anos 2000, integrando o catálogo do museu Elísio Caribé desde então.

Junto a isso há uma necessidade da escola sair do seu universo de conforto caracterizado pelo extremo uso de recursos que não conectam o educando à realidade social em que vive, nem o situam no tempo histórico de forma efetiva. Ainda que o fizessem, poucas experiências podem se comparar à visualização do objeto ou da manifestação cultural legítima que representa um personagem ou um período histórico.

O grande desafio da escola é extrapolar os limites de sua estrutura física. Assim como a informação tem chegado de maneira mais rápida até as pessoas, a escola deve utilizar uma linguagem mais atraente para os jovens e agregar valor as ferramentas que possui. Ultrapassar os muros da escola e atingir outros espaços onde a educação pode acontecer de forma tão verdadeira e profunda quanto na sala de aula.

Em Belém do São Francisco, a tentativa de socializar saberes históricos e, ao mesmo tempo, construir mecanismos de integração do sujeito com o meio social, valorizando a sua cultura, a sua raiz, permitiu que se interpolasse a alternativa de revitalização do museu, permitindo dessa forma que o acervo recuperasse sua função didática, ao mesmo tempo em que fizesse parte do cotidiano local como alternativa para a execução de iniciativas: a criação de uma exposição temática baseada em um roteiro pelo acervo do museu é a principal ação que consolida a revitalização do mesmo.

Esta dissertação apresenta proposta de uma ação didática junto ao museu Elísio Caribé. A abordagem proposta é estruturada a partir da atribuição de que os museus têm potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade do ensino escolar formal. Acredita-se que o projeto interdisciplinar intitulado de “Extramuros escolares: uma viagem ao museu de Belém do São Francisco”, de duração permanente, mantido pela FACESF, Município e parceiros da sociedade civil (herdeiros), teve a finalidade de contribuir para uma melhor compreensão do que seja patrimônio e educação patrimonial, como também atrair pessoas para conhecimento e valorização da história local. A escolha do museu como laboratório para atuar o debate de patrimônio se fez por acreditar que este espaço apresenta-se como local de extrema riqueza de acervo, memórias e patrimônios, com potencialidade para a formação educacional e cultural.

O desenvolvimento de um trabalho como o que a FACESF, o poder público municipal belemita e a sociedade civil, na pessoa dos anônimos primeiros

proprietários de parte do acervo, pode servir como base ou até mesmo um instrumento de alfabetização que possibilite ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia para a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Segundo Pacheco (2009) o desenvolvimento da alfabetização deve ser realizado através de uma proposta que possibilite a exposição dos alunos a experiências nas quais eles sejam instigados a ter percepção sistemática das relações sociais e do meio em que vivem. Além de desenvolverem a capacidade de compreensão a partir da apropriação, utilização de linguagem e conceitos, tais como tempo, espaço, processo histórico e instituições sociais.

Nesse sentido, buscar-se-á com esta pesquisa trabalhar a relação significativa do passado histórico com a atualidade, partindo do princípio de que os museus têm o compromisso não apenas com a manutenção do patrimônio histórico e social, mas também com a transformação da realidade em face da sua capacidade de atuar como um apoio à educação formal, criando oportunidades de reflexão, formando sujeitos que compreendam os mecanismos de produção da memória coletiva como também percebam os bens que compõem o patrimônio como novos objetos do ensino de história, respeitando-os e preservando-os.

O museu Elísio Caribé ao ser valorizado pelos profissionais da educação como ferramenta pedagógica que auxilia na construção do conhecimento de seus alunos, reafirma a importância e necessidade de sua preservação patrimonial e continuidade do seu funcionamento. Sobretudo, a gestão municipal deve buscar maneiras de melhorar o espaço e enriquecer o acervo para que o espaço seja cada vez mais visitado e alcance um maior respaldo como um patrimônio cultural da cidade de Belém do São Francisco. A mobilização de professores de áreas conexas com o ensino de História, atendendo à proposição do Ministério da Educação, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a educação, que valorizam e estimulam a interdisciplinaridade como instrumento poderoso na aquisição de saberes, também é fundamental, pois a ideia de implantar atividades multidisciplinares contribui bastante para a construção do senso crítico e do caráter dos discentes. Cada disciplina tem uma origem e um vínculo com o passado que pode ser discutido em espaços como os museus e o seu uso não está restrito somente ao estudo de História.

A produção de estudos e pesquisas, e a disponibilização de trabalhos acadêmicos sobre o Museu Elísio Caribé são escassos. Por isso, faz-se necessário estimular o estudo e fomentar a difusão da história do Museu Elísio Caribé, como também o registro da contribuição histórica que a cidade de Belém do São Francisco teve para o desenvolvimento intelectual e cultural da região. Além disso, sempre existiu uma vontade pessoal de fomentar esta discussão, criar grupos de pesquisa que deem força à causa e continuidade aos estudos para que a memória do povo belemita e o seu patrimônio local não caia no esquecimento, podendo servir como objeto de estudo e trabalho para a pesquisa do país. Consequentemente, ao estimular as atividades no museu, permitir que o povo sempre possa ter um local onde a sua verdade esteja representada, para todos possam ter acesso e o museu jamais volte a ser fechado como já aconteceu ao longo de sua história.

O percurso metodológico da pesquisa será executado a partir da análise dos dados obtidos com a execução do projeto Extramuros, no ano de 2012, associado aos relatos coletados pelo pesquisador, da parte de docentes participantes, possibilitando assim considerar-se a diversidade dos elementos que constituem a pesquisa.

A natureza desta pesquisa é qualitativa, posto que se discutirá a efetividade do seu objeto, focando na efetividade das suas práticas (LAKATOS, 2003)⁴. Após a análise dessas características, serão considerados os dados oficiais coletados junto às escolas participantes do projeto e dos órgãos oficiais

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo discute a finalidade dos museus como espaços múltiplos: preservação de cultura, espaço de aprendizagem, etc. abordando o conceito de educação patrimonial; o segundo capítulo apresenta síntese histórica do espaço da pesquisa, bem como relaciona a sua importância no contexto em que o mesmo se encontra; o terceiro capítulo busca analisar a relação do ensino com a tradição belemita, assim como apresentar o museu Elísio Caribé, alvo deste estudo; o quarto capítulo descreve o projeto Extramuros e apresenta seus resultados mais relevantes. Em seguida tem-se a conclusão, onde se discutem os principais aspectos relacionados à pesquisa, assim como sua relevância acadêmica para o espaço de estudo.

⁴ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 2003.

Capítulo 1 - MUSEUS ENQUANTO ESPAÇOS CULTURAIS, EDUCATIVOS E DE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL.

Neste capítulo falaremos sobre a importância dos museus como ferramentas de registro da história das sociedades, *latu sensu*, com ênfase em sua função junto à comunidade alvo do estudo, reconhecendo a relevância da preservação em acervos de museus e sua influência como espaço para educação patrimonial dos cidadãos.

O principal enfoque deste capítulo é a educação patrimonial como base para a formação de alternativas educacionais eficientes no trabalho em comunidades de pequeno e médio porte, porém, a abordagem passa, principalmente, pela emergência dos museus nessas comunidades, seu legado como base formadora de conhecimentos e experiências e, de maneira direta, de patrimônio de potencial valor educacional, de modo que se compreende, no bojo desta pesquisa, ser interessante associar ambos os conceitos.

1.1 Perpetuação da história ao longo das gerações.

No ser humano, o desejo de construir um legado e repassá-lo às gerações posteriores. Em sua obra, Ecléa Bosi (1995) revela a intrínseca, mas conflituosa relação entre a memória e o futuro, relatando, para a Antropologia e para a Sociologia, a necessidade da construção de um legado memorável, representado tanto nas histórias de velhos, que remontam ao tempo histórico pessoal, subjetivo, e aos objetos a elas relacionados. A diversidade de interpretação desses aspectos revela, portanto, o desejo humano de construir um legado que expresse a sua carga cultural e que de significado às mais diversas práticas, crenças, costumes e valores, ao patrimônio social em si. Acerca desta perspectiva, esclarece Costa (2006):

O cidadão é um ser responsável, individual e coletivamente, por seu presente e por seu futuro. Para isso, precisa reconhecer, respeitar e utilizar o patrimônio que o define em sua diferença e o inscreve numa continuidade. Um patrimônio é uma coisa herdada, enriquecida e transformada, transmitida. É importante para o passado: ele materializa a genealogia do indivíduo e da comunidade. É importante para o presente, pois alimenta a cultura viva da qual ele é fundação.

É importante para o futuro, no que ele constitui um recurso a ser gerido e explorado (p. 72).

A história de um povo interliga o passado, presente e futuro, é a base para a construção de um legado, para que os indivíduos desenvolvam sua identidade, por meio dos recursos significativos representados por diversos símbolos, objetos e representações (materiais ou imateriais), e para que mantenham as tradições, ela serve para que erros não sejam, novamente, cometidos. É a inspiração para a produção e execução de trabalhos, representa a essência de um povo e a herança imaterial de valor incalculável que impulsiona a humanidade para o progresso. Apesar de representar tudo isso e tantas outras coisas, a história só cumpre o seu papel se ela for contada ou registrada. De nada vale uma riqueza registrada, se ela não for disponibilizada e levada ao domínio público. De fato, os artefatos que compõem o acervo dos museus são referendadores do aspecto mnemônico, mas não apenas legados de memória, Eles são representantes materiais de momentos específicos, que, associados à memória à qual se referem, dão uma nova perspectiva sobre os mesmos eventos. Sobre este aspecto, Shoenardie (2016) explica:

O museu e a memória são inseparáveis em sua essência, e deveriam ser ferramentas indispensáveis no espaço escolar e na aprendizagem dos alunos. É através do museu, que o indivíduo pode se ver representado e participante dos processos históricos de formação da nossa sociedade. No entanto, como a maioria dessas instituições ainda é tratada de maneira equivocada por educadores e educandos e pouco valorizadas socialmente, pouco do seu real potencial é utilizado e os investimentos e políticas públicas destinadas a elas é insignificante, inviabilizando a realização de um trabalho de qualidade (p. 417).

A matéria de que se compõem os museus no mundo estão, como bem aponta Shoenardie (2016), relacionados diretamente com a memória, e, como consequência, com a assimilação dos conteúdos que são relevantes ao sujeito. Exatamente por tais aspectos, os museus são centros educacionais em potencial, já que, via de regra, não existem apenas por existir, mas trazem consigo um sentimento utilitarista: o de preservar para a posteridade, os objetos que, de alguma forma, representam conquistas, modelos sociais, momentos históricos, crenças e aspectos sociais diversos, mas que alicerçam o conhecimento para um novo nível, dando, portanto, significado ao acervo, que não mais se estrutura como um

amontoado de itens, mas como um texto, responsável por passar às gerações futuras, uma história, um modelo de narrativa que tem um peso valorativo na sociedade indiscutível.

A reflexão sobre o passado permite que muitos passos rumo ao futuro sejam dados. Mas o avanço só ocorre porque o retorno a um momento pretérito na história, que é impossível do ponto de vista físico, já que a flecha do tempo avança apenas no sentido do futuro, torna-se possível por meio do objeto, que traz consigo uma carga significativa muito grande. Ainda sobre este aspecto, Bosi (1995) explica que mesmo os movimentos sociais e econômicos não foram capazes de excluir o poder da representação mnemônica que está presente no objeto, ou no artefato. A autora esclarece que,

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice; o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. O arranjo de sala cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira os instantes prévios, o ritual antes do sono. A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam (BOSI, 1995, p. 207)

Portanto, o objeto é parte do processo de retomada do passado que, de forma específica, alça o sujeito em direção ao futuro, ao novo. É indiscutível a necessidade e a importância de reconhecer o patrimônio histórico e cultural como parte do legado social de um povo, uma comunidade. De fato, muitas descobertas científicas atuais foram, e são, possíveis porque houve outros estudiosos que trabalharam de maneira árdua e incansável para fundamentarem as descobertas básicas, que, mais tarde, inspiraram as melhorias e os avanços que contemporaneamente fazem parte da realidade social dos povos.

Assim também acontece com o legado, história e patrimônio de um povo. Por isso apesar de haverem mudanças com o passar do tempo, a sociedade deve prezar pelas memórias, mantendo-as em evidência, registradas e com seu devido valor para que ela não caia no esquecimento. Não só os estudiosos que cumprem

este papel como ofício, mas os cidadãos também possuem uma certa obrigação de preservá-la para as futuras gerações (BOSI, 1995).

A preservação das histórias e dos patrimônios culturais fazem-se necessários para que a identidade local não seja extinta. Deve-se promover a criação de formas para protegê-lo, e a educação patrimonial assume o papel de multiplicadora da memória e da conscientização sobre a importância de sua proteção. A marca de um povo pode ser visualizada na forma com que os indivíduos se comunicam, em seu sotaque, sua linguagem corporal, no seu cantar, vestir e até no seu cozinhar. De acordo com Alucci (2014) a essência de uma cidade pode ser visualizada a partir de diversos fatores que a identificam ou por meio de manifestações visuais, sonoras, arquitetônicas, esportivas e culturais. Sobretudo, que identificam os indivíduos ao local a que pertencem pelas suas características peculiares e a forma como a cultura os moldam de maneira particular.

De acordo com o autor as cidades representam uma coletividade que compreende além de sua localização e delimitação geográfica, um período de tempo, espaço, memórias e identificação de seus indivíduos que imprimem em seus hábitos e costumes a identidade de um lugar, sendo a memória o fator que perpetua por gerações, as tradições locais para que esta essência original jamais seja perdida. Dentro de cada localidade insere-se uma vasta diversidade cultural que inclui as formas de se expressar, relacionar-se, forma de trabalho e suas histórias, que constituem o patrimônio das pessoas que ali vivem ou viveram.

A evolução humana ocorre diariamente em todos os sentidos, cada dia há novas descobertas e com elas surgem questionamentos que instigam as pesquisas e a produção de conhecimento. Assim, aos pensamentos e conceitos são agregados outros valores e significados, para a conceituação do patrimônio cultural não é diferente, a este acrescentou-se novos e amplos significados, sendo que ao conjunto de obras artísticas e arquitetônicas que compunham os acervos dos museus nos últimos séculos, adicionou-se como patrimônio cultural de um povo, os artefatos, as mudanças ambientais e os saberes que foram responsáveis pelos acontecimentos e mudanças, sobretudo coisas que contribuem para a evolução dos povos, ampliando desta forma o entendimento a respeito de patrimônio (CLAUDINO, 2013).

Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver

momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada através de lugares e edificações, e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados (TOMAZ, 2010, p. 2).

Todo povo e/ou cidade possui suas riquezas, naturais e culturais e suas histórias. E deve-se perpetuar para evitar a perda ou danos a identidade local. O cangaço pode ser tratado como símbolo da identificação nordestina, pois este movimento tanto foi influenciado, quanto influenciou os elementos culturais da região. O acontecimento do fenômeno cangaço, movimento resultante da estrutura social, política e econômica da população do sertão nordestino no final do século XIX, e primeira metade do Século XX, possui importância histórica e é considerada um patrimônio cultural que junto ao cenário formado pela caatinga constituem-se atrativos turísticos com bastante potencial para elevar o desenvolvimento econômico da região. (BARRETO, 2004).

Conforme Costa (2006) o patrimônio resulta da união de elementos interdependentes, a saber: o patrimônio cultural visualizado por uma perspectiva antropológica, resultante da atividade humana no contexto social; o patrimônio cultural visto pela ação da humanidade compreendida num espaço ou local em que ela se realiza, e por fim o elemento representado pelo recurso humano, este intimamente condicionado ao patrimônio hereditário e ao conjunto de manifestações, de forças, valores éticos, espirituais e morais transmitidos entre as gerações.

[...]os patrimônios são menos expressões de identidades do que meios de produção de determinadas formas de autoconsciência individual e coletiva. O debate sobre os patrimônios não deve, portanto, do ponto de vista analítico, limitar-se às tarefas de descobrir, defender e preservar “identidades” supostamente dadas. Essa noção deve ser problematizada, sendo necessário também, ao mesmo tempo, discutir a noção de “patrimônio”, como ela emerge na história da modernidade e quais os perfis semânticos que ela veio a assumir (Gonçalves, 2015, p. 213).

Segundo Poulot (2009) o patrimônio é visto como um algo concreto e edificado em determinadas circunstâncias que são compatíveis com algum momento histórico. Há necessidade de avaliar a ocorrência de determinado patrimônio e sua

instituição, apenas tendo conhecimento do cenário cultural, político e ideológico naquele período.

A partir da fundamentação do termo patrimônio cultural, o Brasil passou a classificar no panorama legal, formal, o reconhecimento do que mais tarde comporia o legado patrimonial cultural e museológico no Brasil. Com a classificação dos primeiros acervos históricos museológicos, a partir do início do século XX no país, além dos já reconhecidos objetos de indescritível valor histórico, o percurso até o período contemporâneo trouxe para a tradição brasileira um alargamento do patrimônio cultural, o qual foi cada vez mais sendo direcionado a diferentes manifestações culturais, desde cidades, memórias, objetos e até danças. O patrimônio tornou-se ao longo do tempo bastante miscigenador e inclusivo.

Oliveira (2013) explica o fenômeno que se tornou típico expoente da tradição cultural contemporânea: a miscigenação cultural como forma de produção de expressão artística e estética. Segundo o autor, as cidades, principalmente, se edificam no entorno dessa diversidade, de maneira que, em decorrência do processo globalizador que se instaurou, especialmente nos anos 2000, a identidade dos grupos culturais não mais encontra-se delimitada pelo seu aspecto geral, mas constrói-se ancorando na diversidade individual, uma característica da realidade nos grandes centros urbanos, assim como nas cidades de pequeno e médio porte, já que o fenômeno da Globalização tende a integrar todos os aspectos que envolvem a produção humana, realizando o efeito de diminuição psicológica das distancias. Porém, a diversidade, que se torna o símbolo dos espaços urbanos, torna-se também sua propriedade. Nas palavras do autor,

[...]as cidades são o espaço de maior destaque e concentram as narrativas de patrimonialização, estetização, espetacularização e gentrificação entre outras. Mais globalização, menos nação. Mais culturas transnacionais, mais locais, mais regionais. Se ontem o patrimônio era apresentado como memória da nação, hoje o patrimônio emerge como memória de diversos e diferentes grupos e etnias, há assim uma pluralidade de memórias. E mais, o passado recapturado pela memória aparece como objeto de fruição, de consumo (OLIVEIRA, 2013, p. 13).

Na perspectiva de Lúcia Lippi Oliveira (2011)⁵ a Globalização e a transformação dos paradigmas históricos convergem de maneira direta sobre a perspectiva dos interesses do controle e, principalmente, da reprodução da memória, das referências encontradas nos diversos espaços sociais e discursivos, assim como impactam significativamente na dimensão da construção dos valores que estruturam a dialética cultural e a identidade dos sujeitos nos paradigmas sociais vigentes. Em nenhum outro momento histórico, a produção de conhecimento acerca de si mesmos como povo, comunidade e cultura, foi tão essencial quanto no período contemporâneo regido pelo fenômeno da Globalização, uma vez que reconhece que “o patrimônio continua sendo relevante na medida em que vai conferir alguma qualificação especial, um ‘plus’ para a cidade na competição entre outras cidades também globalizadas” (p. 364).

O registro dos elementos que compõem o patrimônio contribui para que esse não seja perdido em meio aos anos, ou para que não se perda a essência das manifestações culturais no meio da miscigenação que se torna a tendência na realidade sociológica contemporânea. E para que também não fique restrito na memória de quem os possui e os identifica como patrimônio. A memória registrada passa pelos processos de identificação e reconhecimento enquanto patrimônio, já que ela não é automática. Ao contrário, a curadoria museológica envolve, justamente, encontrar em meio à produção social humana, os elementos que se distinguem por representar um movimento, uma característica ou uma percepção privilegiada da realidade em que se vive, de forma a documentá-la e transpô-la ao futuro como exposição, reconhecendo e oferecendo ao seu público, parte dessa relevância, a que comumente se denomina “valor” (WERNECK et al., 2010). Partindo desta perspectiva considera-se que quem detém uma memória possui também a possibilidade de criar um bem patrimonial no contexto da comunidade, para que este seja mantido utilizado como tal. O significado do patrimônio é algo que transcende o tempo, uma vez que possui influência no presente, passado e futuro de uma coletividade. Por estar ligado a diferentes gerações possui o papel de desenvolver a cultura e a educação de pessoas de forma atemporal. O registro facilita, principalmente, a fomentação e o resgate de histórias em uma comunidade.

⁵OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Patrimônio ontem e hoje: o caso brasileiro. in: NUNES, João Paulo Avelãs; FREIRE, Américo. **Historiografias portuguesa e brasileira no século XX** – olhares cruzados. Coimbra, Coimbra University Press, 2011.

A necessidade de se preservar lembranças é algo cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas, tendo em vista a crise da instituição memória, já mencionada. Por isso, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento e que são de grande importância para o fazer histórico dessas mesmas sociedades (SCHOENARDIE, 2016, p. 417).

De fato, essas lembranças são a base para a possibilidade de formação de uma identidade cultural básica. Ela se justifica em face da necessidade de conversão que, conforme defende Halbachs (2006) consiste no que confere uma unidade ao contexto social estabelecido pelos sujeitos no interesse que se rege em prol de suas próprias memórias, compartilhada com os demais sujeitos no mesmo círculo social. Segundo o autor,

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (p. 39)⁶.

A memória pode ser transmitida para as demais gerações em rodas de conversas entre avós, filhos e netos. As histórias contadas sempre são marcantes para aqueles que vivenciaram e/ou se identificam com o que foi relatado. Toda essa informação além de representar um momento saudosos, demonstra as tradições e forma de viver em tempos passados. A pessoa que ouve pode identificar os reflexos ou elementos da história contada sobre o comportamento das pessoas nos tempos atuais, e consegue compreender o que era bom e pode ser resgatado. As mudanças ocorrem diariamente e essas histórias que compõem o patrimônio cultural de um povo correm o risco de cair no esquecimento. É importante registrar todas as memórias e promover que um número maior de pessoas possam vivenciá-las através da leitura e visualização de objetos que fazem menção as mesmas.

Sob tal aspecto, os museus, como mantenedores de elementos que fazem menção à realidade histórica dos sujeitos, apresentam-se como espaços e ferramentas importantes nesse processo, como se discutirá no tópico a seguir.

⁶ HALBACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2006.

1.2 História dos museus.

Para compreender o peso da instituição Museu no contexto das sociedades em que existem, é necessário compreender o desejo humano de preservar, para a posteridade, elementos que se coadunam para funcionar como elos entre o presente e o passado, estabelecendo uma conexão essencial para a formação da identidade cultural dos sujeitos.

Identidade cultural é definida por Pacheco (2007, p. 01) como algo que “(...) não é ‘natural’, nem inerente ao indivíduo (...)”, sendo, portanto, essencialmente construída. Mas as bases, os alicerces de uma realidade social dependem essencialmente do processo de reconhecimento do passado. Isso significa, portanto, que, no desejo da construção de uma identidade cultural, os museus apresentam-se como mantenedores da base, da matriz dos institutos que representam o povo e sua natureza cultural.

Os museus são uma criação humana surgida da necessidade de preservação de artigos que, pela sua singularidade e representatividade, expõem elementos (características culturais, expressões de belo, arquétipos ideológicos, etc.) que aos olhos dos habitantes das sociedades que os possuem, passam a ter um significado importante a ser transmitido para a posteridade. Os museus têm seu nome da tradição grega: surgem das figuras míticas das musas, *museion*, em grego, e os primeiros prédios e coleções artístico-culturais são documentados desde o século 69 a.C. As primeiras coleções atendiam a propósitos contemplativos: a tradição iniciava-se com a coleção numismática⁷ do imperador romano Augusto, em 63 a.C.⁸

O termo “museu” é, como anteriormente mencionado, nativo do idioma grego. Aquele povo tinha como referência para a força criativa humana o termo mitológico “musa”. Dada a influência da cultura grega, associada ao ímpeto conquistador dos romanos, o termo se popularizou. Uma das referências mais antigas ao termo museu, remonta ao ano de 640 d.C, em um documento oficial romano, que mencionava a Biblioteca de Alexandria, o maior depósito de cultura humana na antiguidade, pela alcunha de museu (BRASIL, 2018).

⁷ Coleção de moedas de várias partes do mundo.

⁸ CARLAN, 2008.

Durante a chamada era comum, contada a partir da implantação do calendário gregoriano (ano 1 d.C), os museus renascem, especificamente em 476, como reafirmadores do legado romano para os povos bárbaros, especialmente os germânicos (alemães), aspecto que foi fortalecido de maneira singular no império Carolíngio, sob a influência do imperador Carlos Magno (747-814), que determinou a preservação de todo elemento que remetesse ao já decadente Império romano nos seus dias. A tradição de exposições surgiu com Constantino Porfirogênito (905-909 d.C), que tornou oficiais exposições anuais.

O fim do Império Romano aconteceu séculos depois da destruição da Biblioteca de Alexandria (em 48 a.C)⁹, mas a referência àquele espaço como um museu ratificou o termo para a posteridade, embora poucas iniciativas como a de Alexandria tenham se repetido no decurso dos séculos (FREITAS, 2017).

O termo Museu passou, na Idade Média a designar a coleção de tesouros, muitos dos quais conquistados de outros povos, que se destacavam pelo exotismo, e por heranças de família, que constituíam parte da história não verbal das sociedades. Ao contrário dos museus contemporâneos, os museus medievais serviam apenas como depósito de pertences simbólicos dos nobres, não possuíam abertura ao exame público, sendo, por parte deste, alvo apenas da curiosidade e especulação (FREITAS, 2017)¹⁰.

A tendência à preservação do legado romano passou a ser mais expressiva no século XV, XVI e XVII e no século XVIII o abade (homem da religião católica) Joseph Eckel (1737-1788) formaliza o método oficial de catalogação numismática, ao mesmo tempo consolidando também o primeiro método científico associado à formação de patrimônio museológico (CARLAN, 2008).

Os grandes museus mundiais, a exemplo do Louvre (1793), Museu do Prado (1819) e o Museu Mauritshuis (1822), três dos mais importantes acervos mundiais, surgiram a partir da mudança de pensamento sobre as obras mantidas nos espaços

⁹ Um esclarecimento cronológico é necessário. A Biblioteca de Alexandria antiga foi criada em 416 a.C por Ptolomeu II. Após a anexação do Egito ao Império Romano, a biblioteca viveu seu auge, até ser destruída em 48 a.C, por Amr Ibn al-As, conquistador árabe, após uma sequência de pequenos atentados e outros incidentes decorrentes do uso do fogo em suas luminárias e da instabilidade política do império egípcio nos séculos anteriores ao século IV a.C (FREITAS, 2017).

¹⁰ FREITAS, Ana. **Biblioteca de Alexandria acabou por falta de verba, dizem historiadores**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI343729-17770,00-BIBLIOTECA+DE+ALEXANDRIA+ACABOU+POR+FALTA+DE+VERBA+DIZEM+HISTORIADORES.html>>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.

dos museus, especialmente no que pesa à sua importância e sua capacidade de influenciar o conhecimento básico sobre a diversidade de valores a defender-se em uma nação (MUSEUS, 2018).

O século XIX viu nascer as expedições, modelos de incursão à moda militar, que tinham como objetivo a conquista de artefatos que contemporaneamente compõem os principais acervos mundiais. Esse período confunde-se com o surgimento do que se convencionou denominar de “patrimônio histórico”. Boa parte da política adotada na Europa, de conquista e apropriação de elementos artístico-culturais realizados no período das expedições (século XIX e início do século XX) fundamentam boa parte dos museus ocidentais mais expoentes.

Esse processo de evolução no mundo demonstra a relevância de determinados artefatos, tanto que, mesmo fora do seu contexto original ainda constituem elementos ímpares, que remetem o observador a determinadas épocas, conceitos, ideais e expressões que são muito singulares (MARTINO, 2014).

No Brasil, assim como na Europa, os primeiros museus foram expressão da soberania monárquica. Dom Pedro I, príncipe regente do Império do Brasil, cria, em 1810 a Biblioteca Real, com importante acervo em diversas áreas do conhecimento e da literatura de sua época, e, em 1816 inaugura o Museu Real, com peças artísticas doadas e adquiridas de diversas partes do mundo, famoso na América Latina pela sua denominada ala egípcia, onde se expõem artefatos de diversas eras da evolução da sociedade egípcia. De igual sorte, em 1866 surge o Museu paraense Emílio Goendi, especializado na preservação de espécies naturais representativas da fauna, flora e diversidade mineral da Amazônia. A partir de então fundam-se também os dois mais expressivos museus brasileiros, o Museu Paulista, fundado em 1892, pouco depois da abolição da escravidão e o Museu Júlio de Castilho, em 1903, apresentando o país à tradição museológica (BRASIL; IGPA, 2015).

O primeiro museu brasileiro como anteriormente mencionado, foi fundado em 1818¹¹, e era denominado “Museu Real” (BRASIL, 2018, p. 01)¹². Atualmente a

¹¹ Convém destacar também o pernambucano Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, fundado em 1862, o qual, desde o seu surgimento também trouxe a alcunha de “museu”, sendo considerado até os dias atuais um dos mais importantes acervos no Brasil.

¹² BRASIL. **A origem do museu**. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/origem-do-museu/24234>>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.

instituição se chama “Museu Nacional”. Este museu marcou um novo período no contexto da museologia no país, na verdade, iniciando a atividade intelectual nesta área. Somente no século XX o crescimento e a transformação dos modelos de estrutura dos museus nacional permitiu uma reflexão mais efetiva da prática no contexto nacional. Nos anos de 1970 iniciou-se um trabalho de disseminação da prática de preservação dos patrimônios culturais, com a criação de pequenos museus locais e da formação de exposições itinerantes e maior abertura, ao grande público, dos museus mais conhecidos do país. Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBram), são mais de 3.200 unidades no Brasil (BRASIL, 2018).

De acordo com Schoenardie (2016) os museus detêm a responsabilidade de preservar o patrimônio que a memória representa. Cada vez mais observa-se um aumento em números de museus pelo país. Em 2016 o Instituto Brasileiro de Museus (IBram) realizou pesquisa buscando analisar o contexto contemporâneo dos museus no Brasil. Observou-se um significativo crescimento do número de museus (quase 18%) em um intervalo de 10 anos. Em 2017, os museus brasileiros celebravam o aumento do público em suas salas, o maior registrado em um ano: mais de 60% de incremento. Este número é possível graças à incorporação dos museus aos destinos turísticos mais populares, e ao aumento do processo de investigação do setor pelo Estado, a fim de racionalizar o processo de aplicação de recursos nas suas mais diversas áreas (IBram, 2018).

Porém, em contrapartida como a valorização destas instituições pela sociedade e pelos governantes não é tão forte como em outros países. A qualidade, técnica e de infraestrutura, dos mesmos nem sempre é aquela que seus idealizadores almejam. Muitas vezes estes espaços não representam o seu papel fundamental, que possui por falta de incentivo, o que em parte determina a queda na qualidade dos serviços oferecidos, na diversidade e no layout dos acervos, assim como na divulgação e estímulo à visitação por meio do destaque nas mídias mais importantes (radio, outdoor, entre outros), medidas simples, mas que os tornam lugares menos atrativos, tanto diretamente, pelo enfraquecimento da infraestrutura e mão de obra para o atendimento ao público incipiente, quanto pela ausência de condições de manter-se níveis de segurança e conforto aceitáveis, mencionando-se também a dificuldade de montagem, preservação e conservação do acervo já estabelecido (GODOY et al., 2017).

Espaços como museus possuem uma função educacional que é intrínseca a sua origem e seu ano de surgimento, que se deu a partir de espaços direcionados para realização de pesquisas e ensino.

Esta nova interpretação e tônus que o museu adquire, dada a sua história no contexto mundial e no Brasil, observa-se a evolução do seu papel, bem como sua diversidade o que, especialmente a partir dos anos de 1980, passou a fundamentar o que mais tarde seria definido como a sua responsabilidade social. Santos (2004, esclarece como os museus passam a enquadrar-se no novo paradigma que é apresentado pela modernidade:

A partir da definição básica de museu como instituição permanente, que adquire, conserva, pesquisa, transmite e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, diversos adendos foram realizados, ampliando a diversidade do que se compreendia por museu, assim como seus vínculos e responsabilidades em relação à sociedade. Atualmente podem ser consideradas instituições museais não só monumentos, jardins botânicos e zoológicos, aquários, galerias, centros científicos, planetários, reservas naturais, como também centros culturais, práticas culturais capazes de preservar legados intangíveis e atividades criativas do mundo digital (SANTOS, 2004, p. 57).

Importante considerar, entre outros aspectos, que, embora não encerre o denominado processo de educação em museus, é a sua existência que se configura como parte do esforço de construí-lo, já que os museus são espaços nos quais os objetos importantes e referentes à memória, são efetivamente preservados (SANTOS, 2004).

No contexto do Brasil os museus estão à frente das universidades com o pioneirismo em institucionalizar algumas áreas do conhecimento. As suas ações educativas acontecem através da inclusão de práticas de caráter experimental presentes em estratégias institucionais e políticas de setores com abrangência nacional (FALCÃO, 2009).

A exemplo da construção da museologia de outros países, cada museu que surgiu no Brasil a partir do século XIX foi influenciado pela representação dos momentos políticos e movimentos intelectuais da época de sua instalação. Então a aptidão de cada museu está relacionada com o momento em que ele surgiu, no que diz respeito a sua arquitetura, conformação e tipos de objetos que compunham os seus acervos. A apropriação da educação para construir museus específicos que possam contemplar a preservação patrimonial e sua historicidade são também

resultado de movimentos de grupos intelectuais que prezam pela perpetuação de seu legado na construção da educação do país (CONSIDERA, 2011).

O museu constitui-se de um espaço ativo e bem articulado destinado a realização, principalmente, de exposições, eventos e palestras. Nos espaços do museu pode acontecer o desenvolvimento de estudos e pesquisas, como também atividades técnicas, artísticas e educativas (COSTA, 2006). Os museus são instituições idealizadas desde os primórdios na história da humanidade. Assim, o seu aspecto apresentou bastante diversificação ao longo dos séculos. Local em que se comunga história, arte e ciências, abre também espaço para a discussão e estabelecimento de eco-museus, museus comunitários e cidades-museu, transformações que o consagra cada dia mais como local de construção de conhecimento, formação de opinião e saber (MARTINS, 2006).

Conforme descrito na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, para compreensão do universo dos museus, legalmente,

Considera-se museus qualquer instituição sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2018, p. 01).

Varine (1969) desperta para a discussão do quanto a percepção das pessoas sobre os museus não está mais somente ligada à arte, história, arqueologia, etnologia e ciências, as principais disciplinas que fundamentaram a sua criação. Para o autor, o papel de protagonista passou dos objetos estudados para a relação do homem com o que ele representa. O conteúdo de um museu pode transcender os próprios limites do homem e agregar novas funções a este espaço de acordo com as próprias mudanças que ocorrem no ambiente que o cerca, suas crenças, suas atividades, independentemente do seu nível de complexidade.

Nesse sentido, a promoção da cultura por meio da instituição de museus sempre está associada ao alcance sobre o seu público de maneira efetiva. Sobre esta característica, Dabul (2008) considera que, especialmente a partir do século XXI, a promoção de cultura (e de museus) ao alcance do público poderá ser relevante para a contribuição de uma maneira eficiente sobre a perspectiva da formação de

identidades culturais diversas, porque os museus são, em essência, espaço de diversidade cultural. Nas palavras do autor:

Uma parte significativa de centros culturais e de museus de arte (...), estão situados em locais centrais de grandes cidades e oferecem exposições gratuitas ou a preços baixos, o que garante acesso de população numerosa e heterogênea, muitas das vezes desejosa de também ter acesso ao prédio, a seus teatros, *shows*, e a outros de seus espaços e eventos. Muitas dessas instituições, além disso, promovem também, por meio de setores educativos, investimento sistemático na presença nas exposições de diversos públicos, sobretudo de estudantes e de seus professores, especialmente de escolas públicas, afluxo que conta em muitos casos com visitas monitoradas, fornecimento de material educativo, atividades com alunos e professores sobre as exposições, e mesmo transporte das escolas para os centros culturais. Trata-se de público mais e mais diversificado e composto por indivíduos que nem sempre tiveram como prática esse contato com o espaço, com os agentes e com os objetos apresentados nas exposições (p. 259).

Em levantamentos realizados no Brasil sobre o número de museus e as práticas desenvolvidas por eles, registrou-se mais de 1200 instituições. O estudo realizado por Santos (2004) mostrou que há escassez de dados e padronização de informações, que demonstram uma certa precariedade no âmbito cultural do país e ao mesmo tempo evidencia a busca ativa destas instituições em alcançar o respaldo junto à sociedade brasileira. Além de se fazer necessário o desenvolvimento de políticas culturais por parte do estado junto ao sistema de museus (SANTOS, 2004).

Segundo o autor os museus como ambientes públicos há muito tempo colaboram com a construção da civilização e disciplina de importantes setores da população, desde a instalação do primeiro museu nacional responsável pela universalidade do conhecimento no período imperial, quando D. João VI dá o primeiro passo para a museologia no país com a construção do Museu Imperial. Hoje com mais de 1200 museus nacionais pode-se dizer que a educação tem pelo menos em quantidade, boas bases para iniciar um processo de parceria e otimizar o ensino no país ao agregar os museus às suas atividades pedagógicas.

Muitos profissionais e instituições de ensino, apesar de identificar o potencial educativo dos museus ainda apresentam dificuldade e resistência em inserir o espaço museal, como ambiente educativo fixo em suas atividades pedagógicas. Situação que pode ser mudada através de propostas e projetos bastante fundamentados que façam os profissionais visualizarem o quanto a utilização do museu pode ser agregadora na compreensão lúdica das diferentes disciplinas, como

também no desenvolvimento da cidadania dos discentes expostos a essas atividades.

A explanação histórica apresenta a forma com que os museus acompanham as civilizações perpetuando suas histórias, suas formas de convivência em sociedade, primeiras descobertas científicas e seus avanços. Os museus podem ser encontrados em muitas cidades e em muitas destas compõem os principais destinos turísticos, pela exposição de grandes obras de artistas renomados, que alcançaram um papel de destaque na história, influenciaram e continuam mantendo papel significativo nos rumos tomados pela humanidade tanto no que tange à sua finalidade contemplativa/de entretenimento, quanto no desempenho da sua missão de resguardar e proteger artefatos que contribuem com o processo de identificação e manutenção dos aspectos histórico-sociais mais relevantes em diversos níveis.

Acerca desta temática, esclarece Martino (2014) que este fenômeno de transformação significativa dos museus, especificamente no Brasil, tem muita relação com o que se espera dessa nova instituição e sua missão e compromisso para com o Estado:

Em oposição a esta visão retrógrada de “depósito de velharias”, surge um novo modelo de museu a ser instalado ao lado do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. O ilustre vizinho será multimídia e se chamará Espaço Museográfico da História da Independência. O projeto foi anunciado em julho de 1999 pelo seu idealizador, o secretário estadual de Recuperação do Patrimônio Histórico, Emanuel Von Laurenstein Massarani. Vai ocupar a área interna do Monumento da Independência – que até então estava sem destinação – e será inteiramente dedicado aos fatos e personagens que marcaram a história da independência do Brasil (p. 29).

Apesar de estarem situadas em um país com dimensão equivalente a um continente e que certamente há uma variedade de manifestações culturais e costumes, a sociedade brasileira possui graves dificuldades de incorporar a frequência a museus como hábito comum, lúdico, mesmo, o que cria a falsa impressão de que a criação e frequência a museus é uma forma de de estereotipar como *cult* as manifestações artísticas que agradam os ricos e que somente estes possuem acesso. Esta expressão equivocada é o resultado de diversos fatores, desde socioculturais e econômicos, até mesmo elementos políticos que se fundem com as manifestações artísticas, uma parceria que na América Latina se observou bastante, especialmente nos anos de 1980 e 1990, mas que manteve sua força durante toda a primeira década dos anos 2000. São muitos fatores que tornam

difíceis as relações entre os brasileiros e os museus. Em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹³, pelo menos 60% dos brasileiros nunca frequentou cinema, teatro ou museu, sendo que desse quantitativo, pelo menos 70% jamais frequentou museus de nenhuma natureza. Sem esse contato vital, torna-se impossível a criação de vínculos com os acervos no país, assim como também são inviabilizados aspectos importantes, como a visão para além do tempo cronológico sobre as peças em exposição. Em entrevista ao portal de notícias *Internet Generation* (IG), Nelson Colás, que atualmente integra uma organização com fins de promoção da democratização dos museus no Brasil, a Federação de Amigos dos Museus no Brasil, essa ausência de pressupostos, especialmente entre crianças e adolescentes, para conhecer e explorar museus, reflete-se diretamente na qualidade da interpretação que estas pessoas farão de acervos aos quais terão acesso em outras eras das suas existências: “por sermos um país jovem, com uma grande miscigenação ética e educação patrimonial ainda tão precária, existem também aqueles que acham que só o novo é bom e interessante” (2017, p. 01).

Pode-se dizer que muitas pessoas não valorizam como primeira eleição as idas a museus como prioridade em suas viagens. Esta dicotomia, no entanto, revela uma espécie de paradoxo, pois, embora se tenha formulado no senso comum a ideia de que o acervo museológico, quando não travestido de alguma coisa positiva, moderna, não adquire aura *cult* boa parte dos jovens com idade entre 18 e 35 anos, segundo o IPEA (apud MILAN, 2010) revelam manter interesse em visitas a este tipo de entretenimento seja porque certamente seguem a tendência daqueles que são *cults* e já o fizeram antes, já que os museus também são expressão comunicativa de status, seja pelo genuíno interesse na experiência.

Fato é que a suposta elitização dos acervos dos museus é reflexo claro de contextos socioeconômicos, também, já que no Brasil, o acesso a exposições, segundo as mesmas pesquisas do IPEA, mesmo com incentivos dos governos estadual e federal, ainda é muito dispendioso, o que afasta os públicos classificados como B e C, assim como as demais faixas populares de renda. É importante frisar, no entanto, que mesmo sob tais aspectos, a pesquisa revela que o museu, assim como o teatro e o cinema, ainda é considerado um destino importante em viagens de lazer e turismo, especialmente nas cidades com tradição histórica mais presente.

¹³ Apud MILAN, 2010.

1.3 Museu, tecnologia e educação patrimonial (atividades interativas).

Apesar do desenvolvimento e evolução diários que ocorrem com as pessoas, muitos termos mudam ou agregam novos conceitos aos seus significados. A educação pode ser compreendida como um avanço provavelmente o maior, ao lado da expressão artística, na construção da formação e competência humana, com qualidade formal e política, encontrando no conhecimento inovador a alavanca principal da intervenção ética.

Faria (2000) esclarece que a natureza formal do museu não o distancia do objetivo principal na formação do senso crítico do seu público: o aspecto socializador, o qual compartilha com a escola:

É, contudo, importante não esquecer que é comum a estas duas instituições o facto de favorecerem formas de sociabilização específicas que se situam num campo que se estende muito para além da transmissão de matérias de um emissor a um receptor, e que não são substituíveis por nenhum ambiente comunicacional alternativo. É essa possibilidade de partilha *in loco* que deverá ser explorada numa relação da escola, ou do museu, com a comunidade e com outros ambientes, mais ou menos institucionais, onde esta se reveja e esteja de algum modo presente (FARIA, 2000, p. 02).

Deste modo o aluno será preparado desde cedo para se deparar com a arte cultural, saber interpretá-la e, sobretudo, saber se comportar nestes ambientes. A sociabilização dos discentes em espaços que vão além do espaço físico da sala de aula é um aspecto relevante que contribui sobre os aspectos éticos e políticos do cidadão em formação. Estudos na área de educação realizados pela Universidade de Coimbra associam a frequência a museus a uma melhoria sistemática na qualidade da interpretação informacional *in loco* e no exterior, permitindo assim uma forma mais sutil e eficiente, pois a representação dos objetos e elementos apresentados nesses espaços, permite que o sujeito possa refletir a práxis social de maneira intermediada e positiva, fundamentando então uma relação diferenciada entre os objetos expostos e a mensagem que o conjunto do acervo passa. Mendes (2013) afirma que os museus,

Pelas suas múltiplas implicações em diversos sectores – salvaguarda, estudo e divulgação do património, cultura e educação, lazer e ocupação dos tempos livres, criação de postos de trabalho e dinamização socioeconómica das localidades e respectivas comunidades, qualidade de vida, reforço da identidade e preservação da memória colectiva –, urge prestar-lhe mais atenção e tirar partido das suas enormes potencialidades (2013, p. 61).

Ainda sobre educação, confirmando as informações previamente descritas, Lück (2009, p. 19) diz:

Trata-se de um processo sociopedagógico voltado para a mobilização do talento humano e o seu desenvolvimento, mediante a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para o exercício consciente, comprometido e pleno da cidadania, englobando a participação no mundo do trabalho e o uso dos bens culturais disponíveis.

O ambiente escolar constitui-se de um sistema organizacional que dispõe de ferramentas e metodologia necessárias para o desenvolvimento das pessoas. Um sistema que inegavelmente cumpre com os seus objetivos, desde que haja o comprometimento integral do aluno. A escola representa uma instituição legal responsável pela formação de cidadãos aptos a enfrentarem desafios e exigências impostos pela sociedade. Porém não é o único lugar em que a educação pode ser desenvolvida.

Para Rosa (2012, p. 10):

A sociedade contemporânea vem passando por transformações económicas, sociais, culturais e educacionais, que refletem mudanças importantes no contexto escolar. A educação e todos os componentes que integram o currículo escolar são influenciados por essas transformações na sociedade, ao mesmo tempo em que, também, a influenciam. Entretanto, a escola é capaz de produzir relações diferentes daquelas predominantes na sociedade, que podem instrumentalizar os estudantes, na aquisição de conhecimentos para desenvolver autonomia crítica e reflexiva.

Com o dinamismo com que ocorrem novas descobertas e mudanças no comportamento económico e cultural num mundo cada vez mais globalizado, à própria escola é imposto o desafio de adequar sua educação ao ritmo com que ocorrem tais mudanças no mundo. Deve-se ter em mente a ideia da teoria do conhecimento, que fundamenta e explica a forma e o processo com que o homem conhece o mundo e o que está a sua volta.

Sobre educação Duarte Júnior (1994, p 59) diz:

Pode-se entendê-la como um processo pelo qual os indivíduos adquirem sua personalidade cultural. Ou seja: educar-se é, primeiramente, adquirir a “visão de mundo da cultura a que se pertence; educar-se diz respeito ao aprendizado dos valores e dos sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos.

Ainda conforme o autor a maneira como o homem conhece a si próprio e como ele descobre o sentido da sua vida no espaço em que vive é o primeiro passo do processo educativo, que está relacionado com as condições de instrução e aperfeiçoamento de elementos envolvidos no desenvolvimento geral do ser humano. O indivíduo é exposto aos elementos de sua cultura para que ele saiba conviver em harmonia com os indivíduos e no ambiente em que se encontra inserido.

A edificação dos museus na realidade brasileira permite pontuar que estas instituições foram estabelecidas com o objetivo de perpetuar a educação e difundir a ciência para a sociedade. Suas características eram coerentes com o movimento político instalado no país e com forte influência dos museus europeus. Mesmo que houvesse restrição e controle no acesso a estes ambientes, o espaço possuía a responsabilidade de profissionalização e promoção de expedições científicas, que contribuíam na formação de uma sociedade civilizada, crítica e intelectual.

Este modelo de civilização, no entanto, é necessário que se frise, é o modelo educacional baseado na meritocracia e no progresso da educação positivista. Na verdade, o interesse estatal (ou estatais, a depender do momento histórico em que se insere a análise) nos objetivos buscados por intermédio da escola, bem como de todos os processos educacionais, refletem o arcabouço político e social da sua época. Assim, torna-se evidente que a ideia civilizatória tem uma matiz muito ampla, que necessariamente não reflete uma ideia universal, mas local.

Propõe-se a necessidade de planejamento da proposta político-pedagógica escolar, incluindo desta forma o resgate cultural e a compreensão da história e formação do espaço em que o aluno está inserido. Com o objetivo de permitir o conhecimento de sua história, cultura e valores, que podem ser alcançados com aulas teórico-práticas ministradas em museus, adotando dinâmicas/ didáticas para que a experiência seja vivenciada com entusiasmo e coparticipação. Sobretudo, deve-se fugir do marasmo e monotonia que podem resultar em um dia frustrante para o aluno e o impeçam de voltar a viver este tipo de experiência.

Uma das dimensões de ligação com o passado é a relação com os lugares em que vivemos e os elementos que os compõem ou compuseram. É a memória do lugar vivido e de seu patrimônio. Entretanto, com o passar dos anos, as pessoas mudam ou deixam de estar presentes nos lugares em que estiveram e que passam a ser lembradas como vivências históricas. O uso do material do passado é a essência da cultura e é aquilo que, por sua vez, transforma o material cultural em patrimônio. Potencialmente, todos os produtos e espaços podem se tornar patrimônio (DIMENSTEIN, 2017, p. 12).

A discussão da abordagem do museu no universo educativo é ainda mais favorável por se tratar de uma forma de preservar o patrimônio cultural de um povo e incentivar a sua preservação. É mais fácil proteger algo que se conhece. Assim, promovendo o conhecimento da história e do patrimônio que um museu possui é possível estimular os jovens a não deixarem os valores e a identidade de sua localidade serem perdidos ou até mesmo permitir que a ideia e a memória dos fundadores dos museus sejam esquecidas com o passar dos anos. A memória, nesse caso, não se confunde com a atividade mnemônica repetitiva, ou com a memória na acepção de legado, mas, para fins de estudo, toma-se o conceito de memória trabalhado por Sousa (2008)¹⁴, para quem a memória atua como principal embasadora da identidade cultural, trazendo à realidade social a explicação que embasa os aspectos de singularidade de cada povo e de cada sociedade. Assim, ao recorrer-se aos porquês que embasam a linha evolutiva, as sociedades se autoexplicam, e ao fazê-lo, garantem a sua continuidade.

Os museus constituem um espaço privilegiado para contribuir à educação tanto a partir de atividades desenvolvidas por conta deles próprios, quanto por ações planejadas pela escola, mas que utilizam o seu espaço físico como instrumento de trabalho e de comunicação com os discentes.

Há cerca de 20 anos Hein (2008) descrevia que no futuro os museus teriam maior notoriedade em decorrência do seu papel educativo para a sociedade, como também uma reafirmação de sua funcionalidade, visto a injeção de capital necessária para sua manutenção e sobrevivência. E de acordo com que foi previsto pelo autor a função educativa dos museus contribui pelo menos para que haja um fluxo de público fixo que realiza visitas semestrais aos museus representados por estudantes, que após a visita ao compartilhar o aprendizado adquirido com seus

¹⁴ SOUSA, Bertone de Oliveira. **Memória como elemento de construção de uma identidade cultural**. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(10\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(10).pdf)>. Acesso em 19 de março de 2018.

familiares e amigos, além de fixarem o conteúdo este público atua como multiplicador do conhecimento e instiga outras pessoas a também vivenciarem esta experiência.

Com as mudanças operadas tanto no plano conceitual como na prática museológica, a História passou a ser convocada cada vez mais na produção de conhecimento sobre o passado dos museus, sobre seus respectivos acervos e sobre o papel que essas instituições desempenham na sociedade, ora como agentes estratégicos no cenário de políticas simbólicas de Estado, ora como lugares consagrados à produção de conhecimento, responsáveis, inclusive, pela consolidação de determinadas disciplinas científicas (JULIÃO, 2015, p.3).

As visitas realizadas aos museus pelos professores e suas turmas escolares devem ser previamente planejadas e pautadas em reuniões pedagógicas. Cada professor deverá encontrar um elo de conexão da visita ao museu para compreensão de alguma temática abordada na sua disciplina em sala de aula. O conteúdo a ser trabalhado no museu, deve ser debatido em sala de aula antes das visitas. É importante que a visita proporcione a realização de atividades, debates e apresentações orais, onde os alunos possam transmitir o que foi absorvido durante a visita. Os alunos devem ser preparados para realizar questionamentos referentes aos museus durante a visita e despertar a curiosidade sobre o ambiente que estarão desbravando.

O patrimônio cultural é a ponte entre o aspecto objetivo (o objeto, a forma materializada) e o sujeito, que se coaduna de maneira única, formando a chamada identidade cultural. A identidade cultural é o elo que constrói os pressupostos necessários para que os sujeitos possam identificar-se com determinado grupo social, o que, na perspectiva de Santos (2011)¹⁵ é fundamental, haja visto que, de maneira geral, a sociedade contemporânea é cada vez mais fluida, dispersa no contexto amplamente informacional, razão pela qual é realmente importante que os sujeitos possam construir um elo, algo que os conecte às suas raízes e à sua ancestralidade, mas não apenas isso, entenda também o porquê de sua expressividade *sui generis* em face dos demais indivíduos do mesmo grupo social (para além da família, da escola, do trabalho, etc.) e global. Nas palavras de Patriota

¹⁵ SANTOS, Luciano dos. Identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. Vol. 02, nº 04, julho-dezembro de 2011.

(2002)¹⁶, a identidade cultural é presente em cada indivíduo e faz parte da sua realidade objetiva:

Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ressaltamos aqui, que esta identidade não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída. Hall (1999: 50) assim a define: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (p. 03).

Sobre este aspecto, especialmente se considerando a vivência de cada aluno, o que é um contexto excepcional na presente tese, explica Chicareli (et al., 2014):

Pensar o museu hoje significa relacionar os saberes dos alunos, produzidos em suas vivências, com as várias narrativas que poderão estar presentes nesse espaço, bem como, provavelmente, analisar as vertentes que foram excluídas. Para um ensino e aprendizado histórico crítico é importante considerar o conhecimento prévio do estudante: “Assim, as chamadas ideias prévias são de grande importância para determinar o que é aprendido e como é aprendido” (p. 89).

Recomendam os autores ainda que, uma vez inserido no plano educacional, o interesse no trabalho com museus é a sua superação, isto é, o conhecimento do patrimônio histórico e sua consequente carga de valor, que consolidem os elementos que formam a identidade cultural dos indivíduos.

Nas palavras de Dimenstein (2017):

As iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente. Tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais, as políticas de preservação se inserem num campo para criar espaços de aprendizagem e interação que facultem a mobilização e reflexão dos grupos sociais em relação ao seu próprio patrimônio que é o de mediar sempre se pautando pelo respeito à diversidade sociocultural (p. 19).

Educar, portanto, não se restringe à atividade instrutória, embora por ela seja, em sua via mais ampla interpretada, todavia, a construção social que envolve a educação passa pelo esforço de unir a instrução, a técnica e o conhecimento empírico, a elementos que condizem com a vida em sociedade (sociabilidade,

¹⁶ PATRIOTA, Lúcia Maria. Cultura, identidade cultural e Globalização. **João Pessoa**. Vol. 01, nº 04.

profissionalismo, pressupostos éticos e morais, etc.) somente quando consegue coadunar todos estes aspectos é que, de fato, pode-se defender a expressão educacional como base conquistada. Sobre este aspecto, fundamenta ainda Luck (2009) que a diversidade de meios não pode ser um obstáculo, mas um caminho para a conquista de um perfil de sujeitos educados, já que, em muitos aspectos, especialmente no Brasil, a educação é muito caracterizada sob o signo da diversidade.

Demo (2001)¹⁷ estabelece a necessidade de assim como a educação diverge da arte, ela também não se limita apenas ao conhecimento das coisas no mundo, e dessa forma deveria ser encarada. Nesses moldes, o autor explicita que,

É comum dizer-se que educação e conhecimento representam o eixo em torno do qual as grandes questões do desenvolvimento e da inovação giram, ou, na linguagem da CEPAL, o eixo da transformação produtiva com equidade CEPAL, 1992. CEPAL/OREALC, 1992). Não é o caso superestimar o papel da educação e do conhecimento, porque feriria o enfoque integrado, assim como não é o caso considerar a todos os fatores como iguais. Considerandose como fulcros estratégicos, reconhece-se seu papel aglutinador e convergente. Ao mesmo tempo, é fundamental não separar conhecimento, de educação, já que conhecimento é meio, enquanto educação representa os fins e a ética histórica. Mesmo sendo conquista humana, conhecimento facilmente volta-se contra os seres humanos, à medida que serve de instrumento de exclusão social e de dominação (Harding, 1998). Por isso, insiste-se na qualidade formal e política do conhecimento, tendo como fulcro geralmente a preocupação, hoje dramática, de redução do emprego e precarização do trabalho na economia competitiva por conta da intensividade do conhecimento (p. 02).

Portanto, a alocação do conhecimento na escola poder ser considerado como um aspecto secundário, dado que primariamente o contexto contemporâneo requer que a educação, como medida de adequação ao seu meio social, estabelecendo assim um modelo de atuação na sociedade que liberte os sujeitos da opressão sistêmica. Esse processo somente se dá por meio da reflexão sobre o meio e a influência sobre o mesmo. Assim, o processo de educar pode se apropriar do uso de objetos artísticos, dado que estes se consolidam na medida em que conseguem estabelecer múltiplas reflexões sobre temáticas diversificadas.

¹⁷ DEMO, Pedro. **Professor/conhecimento**. Disponível em: <

http://antigo.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fProfessor_Conhecimento.pdf>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

Nesse contexto, educação e arte se coadunam de maneira eficiente, sendo complementares. A incorporação de novas metodologias dentro do contexto do ensino no Brasil, especialmente a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei 9.394/96, ganhou um corpo mais completo, permitindo assim que diversas outras alternativas pudessem ser utilizadas como recursos pedagógicos. Entre outros aspectos, o ensino por competências, mais democratizador e inclusivo, o ajuste das propostas político-pedagógicas e o contexto da construção de avanços no sentido de criar uma escola mais preparada para a vivência social, e não mais apenas para o mercado, como por exemplo, por meio da recepção de métodos socioconstrutivistas como base para o desenvolvimento do ensino formal nacional, entre outros, consolidou o papel da educação em contraste e complemento com outras áreas do conhecimento. Em especial sobre a abordagem do ensino por competências, explica dias (2010):

Uma abordagem ao ensino/aprendizagem por competências incita a considerar os saberes como recursos a serem mobilizados, a trabalhar por meio de problemas, a criar e/ou (re)utilizar novas metodologias de ensino/aprendizagem, a negociar e a desenvolver projectos com os alunos, a optar por uma planificação flexível, a incentivar o imprevisto, a caminhar no sentido de uma maior integração disciplinar, na direcção do desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar (p 76).

A educação consiste no processo pelo qual se procura desenvolver as potencialidades da pessoa humana e integrá-la na comunidade a qual pertença, não apenas no sentido de permitir a sua entrada, mas na acepção de formar um indivíduo dono dos saberes da comunidade, entre eles, necessariamente o saber histórico, que é capaz de construir elos com os quais ele irá compreender melhor seu papel onde coexiste. Tal processo de integração depende do arcabouço histórico, porque ele é o que define a singularidade da formação da sociedade em que o sujeito vive, e esta formação depende muito das experiências que se vive, enquanto indivíduo e enquanto povo, que, na sua maioria das vezes, está expressa na obra/peça de arte. Os contextos exclusivistas das sociedades, no sentido de terem expressões e tradições culturais próprias é uma característica comum a todo povo, e se reflete tanto na educação formal quanto informal, haja visto que, no decorrer da História e nas mais diversas sociedades, os processos e objetivos

educacionais se diferenciam imensamente, de acordo com complexos fatores culturais.

Os museus são, de maneira direta, catalisadores desse processo de entendimento da formação da sociedade e de sua compreensão segura sobre os rumos que se deseja tomar como sociedade. De modo geral, é evidente que a construção dos arquétipos e valores sociais tem que passar necessariamente pelo conhecimento histórico. Assim sendo, torna-se claro o reconhecimento do museu como principal depósito dos objetos que compõem estes valores.

A realização da educação na realidade de um museu tem o intuito de integrar os conhecimentos ligados ao museu e amadurecê-los em seu próprio ambiente visando o desenvolvimento dos indivíduos, principalmente, por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências (KUPPER, 2004; DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013).

A complexidade que envolve a funcionalidade e a sua representatividade perante a formação de um povo fez com que os museus adquirissem uma importância que excede os limites das instituições museológicas e o próprio controle de seus gestores. Por ser um espaço polivalente de discussão do conhecimento, que alberga o estudo e divulgação do patrimônio, cultura, educação, lazer, local de expressão de ócio criativo (para a melhoria e expansão da criatividade em contato com contextos históricos diferentes), criação de postos de trabalho e dinamização socioeconômica das localidades e respectivas comunidades, qualidade de vida, reforço da identidade e preservação da memória da coletividade, torna-se necessário haver maior dedicação de atenção e tirar partido das suas enormes potencialidades (MENDES, 2013).

A construção do senso crítico individual possui como ponto de partida a observação e interpretação que cada um alcança a partir da análise de um objeto ou de um fato. A partir dos quais há o desenvolvimento de um diálogo pelo o que foi visto ou sentido. Assim, o impacto que o museu pode causar na educação dos jovens está intimamente relacionado com o método de inserção deste espaço no planejamento de trabalho dos educadores nas instituições escolares (STONE, 1996).

Para utilizar o museu como ambiente educacional faz-se necessário descartar a ideia de que o museu é um espaço “morto”, ocioso e monótono, ambos conceitos

antigos e que permanecem na mente de pessoas desinformadas e que não conhecem o que de fato acontecem nestes ambientes e o potencial dinâmico que eles podem desenvolver. Além de dinâmico, muitos museus são espaços diariamente ativos nos quais é possível desenvolver boas propostas de atividades educativas (LOURENÇO, 1999). A valorização do museu pelos educadores é o que torna esses espaços mais dinâmicos e a movimentação de pessoas e estudantes nos ambientes dos museus leva ao resgate de memórias e multiplicação da valorização do patrimônio. A visita aos museus permite que alunos tenham contato com o seu passado e contribui para projetar o seu futuro através do seu próprio desenvolvimento cultural.

Brandão (1996) relata que os recursos culturais que identificam uma localidade podem ser utilizados para promover a construção do conhecimento e absorção dos demais conteúdos curriculares no processo educativo normativo desde que se utilize meios para que haja a integração da comunidade neste processo. A intervenção da comunidade pode ser executada por ações planejadas e bem direcionadas. O interessante do processo de amadurecimento do processo social é que a cultura é diversa e retroalimentada. Desde a antiguidade, o conhecimento sempre se misturou e se recriou. Na contemporaneidade, o processo globalizador implantado desde o século XVI criou a necessidade de os sujeitos resguardarem o seu patrimônio cultural próprio, sob pena de ter a sua cultura minimizada. Assim, compreender a sua própria cultura constitui-se a base para consumir e absorver as demais culturas que se encontram em convergência com os mesmos valores manifestados no contexto local, porque a tendência com a Globalização é que cada vez mais culturas se influenciem mutuamente. O olhar sobre a própria individualidade promove uma melhor percepção do que ocorre ao seu redor e as interações com os movimentos, manifestações e com a coletividade.

Ao ensino normativo é necessário agregar propostas e diferentes caminhos para que os alunos aprimorem a sua capacidade de percepção sobre o patrimônio e aspectos de sua identidade cultural. A educação patrimonial é considerada permanente e metódica, com base na observação, registro, exploração e apropriação de evidências materiais ou manifestações culturais, que contemplem objetos, bens, monumentos, sítios históricos e/ou arqueológicos, paisagens, parques naturais, comunidades rurais, centros históricos, manifestações populares, rituais,

produção artesanal, saberes populares, ou as coisas ou expressões que possuem valor simbólico e que resultam da interação das pessoas e o meio em que vivem (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999).

Dar oportunidade para os estudantes da rede pública terem acesso à educação mais complexa, na qual há maior estímulo intelectual a partir da introdução de elementos artísticos que podem ser representados por teatro, dança, modalidades esportivas, museu e artes, para que os alunos desenvolvam suas habilidades. No sistema de ensino público essas atividades curriculares não são uma realidade padrão, resultado do processo construtivo do ensino do país, em que apenas a classe economicamente dominante tinha o privilégio e acesso a tais atividades que são responsáveis por promover uma educação integral. Hoje é possível agregar essas atividades no ensino das classes menos favorecidas e possibilitar que alunos da rede pública possam ter um ensino mais completo e que possa equiparar-se ao que é oferecido em escolas tradicionais de ensino privado, pelo menos em questões de programas didáticos, por mais que os recursos não sejam os mesmos.

O modelo educacional brasileiro, durante muito tempo, foi baseado em padrões tradicionalistas, que, em linhas gerais, determinavam-se sobre modelos pouco progressistas de gestão, a exemplo do Behaviorismo e do Positivismo puro, doutrinas sociais que se incluíram na educação, mas que, na prática, acrescentaram menos que o desejado, devido o teor altamente técnico e pouco humano de suas práticas (LEAO, 1999¹⁸; QUEIROZ et al., 2007¹⁹). Estas ideias foram, e estão sendo, implantadas gradativamente visto o sucesso obtido por programas educacionais, a exemplo do Movimento Brasileiro pela Educação (MOBRAL), e os contemporâneos “Se Liga” e “Acelera”, gestado pelo Instituto Ayrton Senna.

1.3.1 Os museus e a Educação Patrimonial: a integração entre escola e acervo.

¹⁸ QUEIROZ, Cecília; MOITA, Filomena. **As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, 2007.

¹⁹ LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**. Nº 107, julho de 1999.

A educação patrimonial é construída através da identificação dos indivíduos com a história atribuída aos objetos expostos nos museus e o vínculo de ligação com a cultura e costumes dos antepassados locais. O significado na história por trás das peças ou objetos são diferentes dos atuais, pois o conceito está relacionado com a interpretação de cada indivíduo. Entretanto, há um elo que mantém o passado e o presente conectados.

Para compreender a educação patrimonial é necessário inicialmente saber que se constitui de um processo educacional contínuo e disciplinado que possui como objeto principal de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, o patrimônio cultural. Sendo importante pontuar que a íntima relação das pessoas com evidências e manifestações culturais conduz os discentes a desenvolver um processo de reconhecimento, apropriação e valorização da herança cultural no contexto em que nasceu ou viveu. Por permitir a construção de uma educação de maior percepção, sensibilidade e abrangência que desperta no aluno a busca pelo seu papel na sociedade na qual está inserido, a educação patrimonial consegue ganhar aos poucos seu espaço nas grades curriculares (HORTA, 1999; MALTÊS et al., 2010).

A ideia de preservar o patrimônio cultural e realizar ações que promovam maior rotatividade ao fluxo de pessoas em museus consiste também em criar uma rede de apoio composta por pessoas e profissionais com afinidade com estas instituições para que estas possam demonstrar interesse em administrá-las ou trabalhar em seu quadro de funcionários e, ao mesmo tempo, assegurar a continuidade educativo-patrimonial dos acervos.

O patrimônio é visualizado como a história materializada. Entretanto o termo patrimônio pode transitar e ter outros sentidos para diferentes áreas, estes sentidos, que podem ser utilitários, simbólicos, representantes de status social ou de momentos específicos na realidade social, que revelam tanto a historicidade da existência e manutenção de artefatos e peças, tanto como objetos como quanto símbolos, resulta do esforço humano em construir o seu próprio DNA cultural. Nas palavras de Ballard (2006, apud NOGUEIRA et al., 2012):

(...) o termo habitual na fala corrente, coisa se confunde ou se complementa a outros conceitos chave associados a valores de civilização, tais como objeto, artefato e cultura material. Em sua acepção imediata e material, objeto é qualquer coisa que se configure como presença sensível aos sentidos, possui três dimensões e não pode estar ao mesmo tempo em dois lugares

distintos. O uso do termo artefato no sentido literal de objeto material se especifica a partir de sua contribuição para a compreensão e interpretação de uma realidade sócio-histórico (p. 03).

O patrimônio material, que se representa nas coisas, portanto, tende a compreender múltiplos significados, além dos mencionados previamente nesta pesquisa, fundamentando a lógica humanizada da sua existência. Ballard (idem) admite que a expressão humana não se delimita apenas à sua existência como os demais animais, ao contrário, este trabalha e transforma a sua realidade, fundamentando novos contextos, tão singulares em alguns aspectos, que chegam mesmo a comprometer parte da lógica que fundamenta a existência de uma experiência conjunta entre homem (ser imaterial) e coisa (objeto cultural). Karl Marx (2008), em sua dialética da evolução socioeconômica e ideológica humana, fundamenta, sobre o homem, o trabalho e a cultura:

Animais e as plantas que costumamos considerar produtos da natureza são, possivelmente, não só produtos do trabalho do ano anterior, mas, em sua forma atual, produtos de uma transformação continuada, através de muitas gerações, realizada sob controle do homem e pelo seu trabalho. No tocante aos meios de trabalho, a observação mais superficial descobre, na grande maioria deles, os vestígios do trabalho de épocas passadas (p. 215).

Visto sob tal perspectiva, os objetos, assim como praticamente todos os elementos que consolidam a existência da sociedade contemporânea, estão linkados entre si e com as sociedades e comunidades que os desenvolveram, existem em função de um aspecto próprio da necessidade prática ou contemplativa de quem originalmente os idealizou e, portanto, consolidam o processo de formação e intervenção cultural em suas mais diversas vias, percebendo-os em sua real dimensão.

É possível entender que a sua significância se insere em diversos aspectos da vida prática, embora a eles não se limite, mas também conseguem os objetos, transitar entre as mais diversas formas de manifestação, de expressão cultural e de diversificação de saberes culturalmente propostos e construídos, influenciados pela diversidade de pensamentos e, por fim, consolidando o entendimento complexo de cultura, estando presente na memória e identidade de povos e comunidades, no turismo, desenvolvimento do trabalho e no lazer (MENDES, 2013).

O ato de preservar o patrimônio cultural, histórico e o acervo de um museu garante que os esforços realizados pelos fundadores do projeto original sejam validados e perpetuados. As pessoas podem ter o conhecimento sobre a história de

um local durante uma simples visitação, mas na própria visita pode-se instituir métodos educativos que incentivem a preservação do patrimônio e manutenção das atividades do museu por tempo indeterminado para as gerações futuras.

A conexão entre a educação escolar, educação patrimonial e os museus gera vantagens para ambos os envolvidos neste processo, uma vez que o conhecimento construído em conjunto com os alunos pode ser compartilhado e mais pessoas poderão defender e pôr em prática a preservação de espaços públicos, em especial as pessoas terão noção da responsabilidade que a humanidade tem que assumir para preservar o seu patrimônio cultural, representado aqui pelos museus e seus acervos. Sem contar, a preservação de suas histórias e memórias, como também tudo que eles representam na vida de uma comunidade.

Comunidades de pequeno e médio porte podem encontrar nos museus um importante elo entre a sua cultura, tradição e as representações culturais que mais definem a sua existência. Este aspecto, associado ao processo de educação formal, fundamenta e consolida a importância dos museus para a criação de identidades culturais locais, assim como também de reconhecimento do valor dos objetos e das transformações pelas quais estes passaram.

Os museus são espaços de cultura que têm íntima relação com o patrimônio cultural e social das comunidades em que se implantam. Isto porque eles são depositórios de importantes referências nas quais a identidade e o valor das expressões culturais se decantam. Nesse sentido, afirma Parellada (2009) que os museus funcionam como verdadeiros depositórios de objetos que traduzem, em sua existência material, a importância e a intensidade de um determinado momento histórico, consolidando assim uma memória que, de modo feral, a todos os habitantes de uma comunidade, interessa conhecer, a fim de que se identifique o seu lugar no mundo:

A durabilidade de alguns objetos, que ultrapassam o tempo de vida de quem os produziu e dos usuários originais, já tornam esses materiais expressões convincentes do passado, porém esses artefatos estão permanentemente sujeitos a transformações, e no presente é que são classificados, segundo categorias variáveis de acordo com a formação teórica e os métodos utilizados pelos pesquisadores que analisam esses objetos. Desta forma, conforme discussões em Meneses (1998), as coleções privadas que se deslocam para espaços públicos, como os museus, são representações de trajetórias pessoais, onde os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade (p. 01).

É impossível dissociar a história de certos objetos, assim como também os aspectos culturais que geram a compreensão sobre o que há de importante para uma comunidade. O patrimônio social, que se define por ser imaterial, encontra seu correspondente físico, seu invólucro, na presença do artefato histórico que, de certa forma, sobreviveu ao tempo. É, em uma análise mais objetiva, o objeto histórico, portanto, uma testemunha da circunstância que moldou a realidade que os sujeitos vivem na contemporaneidade. Assim, a arqueologia, como ciência comprometida com a reconstrução crítica dos arquétipos e das características gerais do passado, encontra no artefato o seu principal objeto de investigação. Sobre este aspecto, esclarece Icomos (1990):

O patrimônio arqueológico é a parte do patrimônio material no qual os métodos arqueológicos fornecem dados primários. Compreende todos os vestígios da existência humana e consiste de locais relacionados a todas as manifestações de atividade humana, estruturas abandonadas e vestígios de todos os tipos, incluindo sítios subterrâneos e subaquáticos, junto com todo o material cultural associado com eles (p. 01).

É por meio do artefato, seja ele um pequeno pedaço de cerâmica, seja uma construção monumental, que reside a historicidade. Objetos são apenas matéria, se não se encaixam em um contexto, porém, quando se compreende a sua importância, se reconhece a influência que a atividade humana exerceu sobre ele, assim como também a forma com que este objeto revela aspectos da historicidade de um povo, permitindo desvendar sua natureza e explorar sua complexidade, tem-se um objeto digno de ser considerado um integrante do patrimônio histórico, porque a junção de elementos imateriais – a exemplo do sentimento de sagrado, do ufanismo patriótico ou do ideal de liberdade – consolidam-se nos objetos físicos, transformando-os em arquétipos que, por sua vez, explicam a sociedade e a realidade que se deseja compreender.

Cada objeto possui uma memória, e cada pessoa que o observa cria um diferente ponto de vista sobre a sua história e para ela a experiência no museu, o significado e impressão gerados serão singulares na sua individualidade da interpretação e identificação e resgate de sua memória. A formação dos acervos, portanto, envolve uma série de informações que, pelas mais diversas vias possíveis, acabam construindo pontos de vista e explicando, ao coletivo, elementos que antes eram pertencentes apenas a contextos individuais, e esta forma de viabilizar informações e de sensibilizar para aspectos específicos, revela-se também uma

forma de educação, que, por sua vez, deverá compor o bojo das demais iniciativas educacionais.

A educação patrimonial é uma forma de utilizar a arte, os artefatos do dia-dia e os que trazem consigo singularidades, para criar o conhecimento sobre a história do povo belemita e realizar o seu resgate para perpetuar o legado dos antepassados. Entretanto, ao se tratar de educação e formação de pessoas deve-se efetuar uma intervenção cautelosa, organizada e fundamentalmente planejada em bases pedagógicas. Deve-se compreender que o presente e o futuro são dependentes um do outro, assim como ambos estão ligados ao passado de um povo, de um lugar e de suas histórias.

Porém, é necessário frisar, que a educação patrimonial e os acervos dos museus, são espaços completamente preenchidos de história e mantêm relação entre o passado das peças e as intenções dos proprietários/construtores. É necessário saber-se que a educação e os museus são mensageiros de uma mensagem que é, ao mesmo tempo, social e política. Não é do interesse da escola negar esta perspectiva, mas parte da ideia ampla de educação trabalhar todos os aspectos necessários para compreender e interagir com a diversidade cultural. Sobre este aspecto, considera Chagas (2013):

É desejável abolir toda e qualquer ingenuidade em relação ao museu, ao patrimônio e à educação. Ao lado dessa abolição é desejável desenvolver uma perspectiva crítica, interessada em investigar ao serviço de quem estão sendo acionados: a memória, o patrimônio, a educação e o museu.” (p.30)

Para que ocorra comunicação entre memória, educação e patrimônio é preciso criar a sensibilização às circunstâncias que formam o patrimônio histórico local, especialmente através da informação sobre o contexto das artes, dos objetos e aspectos culturais da história dos museus, frisando também a diversidade e atemporalidade destes – já que se relacionam com o patrimônio que desejam destacar, não ao período histórico *de per se* no qual que este patrimônio foi produzido –, para que ele não tenha aversão a nenhum tipo de peça que ele possa encontrar exposta em museus. Outro fator importante é fazer uma intermediação entre os espaços dos museus e os jovens utilizando uma linguagem e ferramentas tecnológicas que atraiam o público para dentro do museu.

Os museus são espaços nos quais deve acontecer a concretização da educação sobre aspectos de herança da cultura, que deve ser acessível a todos e não se restringir a abertura para classes econômica e socialmente privilegiadas. Nos museus é concebido o contato com o padrão de avaliação e apreciação das manifestações artísticas por meio da história. Deste modo, moldam os consumidores de arte críticos de forma atemporal (BARBOSA, 1998).

Os museus hoje têm públicos distintos e variados que neles vão buscar bens e experiências capazes de construir suas identidades, são centros de identificação que acumulam as funções de conferir valor e de definir autenticidade com a de ser lugar de lazer, de consumo e de estetização do cotidiano o que revaloriza o seu papel, desse modo os museus e o patrimônio agregam novas funções ainda que continuem a construir e representar identidades locais, regionais, nacionais e globais (OLIVEIRA, 2008).

A utilização de museus como espaços educativos possibilita um maior número de abordagens para a transmissão de informações que não ficam restritas somente aos conteúdos curriculares. Neste ambiente, o educador possui a liberdade de se comunicar com seus alunos através do incentivo ao uso da linguagem visual e da capacidade de percepção. O museu tem bastante potencial para o desenvolvimento da educação, pois permite a utilização de diferentes métodos e estratégias que culminam na construção do aprendizado em meio a um processo peculiar que vai além da complementariedade do ensino escolar (ALMEIDA, 1997).

Acredita-se que o museu possa desempenhar uma ação didática, através do reconhecimento de potencialidades para análise de objetos e da própria perspectiva tridimensional na construção do conhecimento no processo ensino-aprendizagem. Como também na variedade de métodos, processos e estratégias de educação que se pode fazer uso diante das circunstâncias e das impressões das pessoas e/ou alunos que fazem as visitas (MENDES, 1999).

A educação tradicional e focada na administração de excesso de conteúdos restritos a livros e atividades, apenas, dentro da sala de aula além de antiquada, foge da realidade dos jovens presentes na nova era digital. Em 1987, Zeller, em sua obra *Let's Reach With Originals* (1987), no qual fundamenta a lógica da educação nos museus como base para uma experiência mais ampla de aprendizagem, já enxergava que a educação desenvolvida em museus deve ser feita com maior protagonismo, devendo-se evitar ao máximo torná-la somente como mero recurso

do programa didático ou um complemento à educação. O seu estabelecimento deve ser orientado como uma extensão do próprio ensino, sendo necessário inserir o museu e as suas informações no centro da educação.

De fato, a capacidade de construir novos modelos educacionais é típica da ação prática dos museus, já que nesses espaços, o conhecimento é compartilhado com referências mais consistentes e práticas. Dessa forma, a proteção desses espaços precisa ser uma condição prioritária nas metas estatais para a educação, já que nos museus, o patrimônio cultural de um povo encontra-se direcionado ao reconto da História em toda a sua dinâmica e de forma efetivamente interativa. Nas palavras de Azevedo (2010):

Entende-se patrimônio cultural como os bens de natureza material e imaterial, que refletem a identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos da sociedade. Dessa forma, sua preservação justifica-se pela necessidade de se manter ou resgatar o passado, a fim de manter as raízes e a identidade cultural, permitindo o conhecimento e a reprodução pelas futuras gerações (p.265).

O ponto de encontro entre os museus e a educação na construção do aprendizado escolar requer a reflexão e planejamento de estratégias e de como deve ocorrer a parceria entre as duas instituições, a partir da delimitação de metas e metodologia de trabalho. Assim, a ação resultante desta interação deve ser definida em um projeto, onde possa ficar bem claro o papel de cada instituição, para que os resultados possam ser positivos para ambas as partes e contribua para a mudança do comportamento dos jovens com relação a museologia e transforme também suas impressões sobre a escola. O aluno deve criar novas expectativas ao ir à escola e também aplicar isso na absorção do conteúdo que lhe for passado. Com a execução do trabalho em conjunto talvez o resultado seja mais eficaz, fácil e prazeroso ao atingir a missão dos profissionais da educação (SANTOS, 2002).

A influência exercida pelo museu no aprendizado dos alunos será dependente da forma como este espaço é vinculado ao programa de ensino das instituições educacionais, já que o aluno é influenciado em seus contextos pessoais, sociais e físicos durante a experiência vivenciada nos museus (XANTHOUDAKI, 1997). Para validar a função educativa e contribuição da experiência na vida da coletividade a escola deve incluir em sua proposta político-pedagógica, planos de aulas e cronogramas, atividades permitam que todas as disciplinas sejam conectadas ao museu. Deste modo uma visita ao museu pode ser vista com maior complexidade

pelo aluno ao visualizar o momento de diferentes ângulos a partir das perspectivas que cada disciplina pode proporcionar.

Neste aspecto, a arte e seus artefatos, pelo seu caráter flexível e transformador pode contribuir de forma efetiva na construção do novo paradigma. E essa possibilidade se aventa ainda mais em face dos pressupostos que fundamentam as políticas educacionais contemporâneas, desde as que se expressam no Brasil dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nos documentos auxiliares, na legislação especial. Nesse sentido, afirma Moreira (2015):

As políticas educacionais contemporâneas para o ensino em geral e, para o ensino escolar da arte, em especial, vêm buscando ressignificar as práticas pedagógicas e dinamizar a interlocução das escolas e dos professores com as instituições não escolares, com o objetivo de proporcionar aos seus estudantes, vivências educativas exploratórias em espaços como centros culturais e museus, nas suas diversas tipologias, envolvendo arte, história e ciência (p. 172).

Na perspectiva educacional observa-se que os museus possuem uma característica atemporal, sendo, portanto, objeto de interesse da atualidade. Cada obra é interpretada de uma forma por cada indivíduo e as interferências dos acontecimentos do momento em que se realiza a reflexão agrega outra forma de interpretá-la. As ações educativas envolvendo o acervo de cada museu agem como ponto inicial para a disseminação do conhecimento e do espaço em que ele está sendo construído.

A presença de jovens em museus estreita as relações destes com as instituições públicas e permite abertura para o diálogo sobre a preservação do patrimônio cultural e da história de um povo. A partir deste encontro pode haver também o despertar de interesses pela arte, cultura, história, arqueologia e outras manifestações que levam o jovem a ter afinidade com o espaço e o que ele representa com as atividades desenvolvidas e o acervo por ele exposto.

Os museus, pela diversidade dos seus acervos e, principalmente, em função das condições de apresentação destes – mais dinâmicos, envolventes e impressionantes que os meios tradicionais de ensino – podem ser importantes contributores com o trabalho educacional. Isto porque os acervos estão diretamente ligados à perspectiva de vida dos educandos e à sua própria realidade física, já que, nos museus, o patrimônio cultural e suas diversas variantes (histórica, cronológica,

tecnológica, etc.) se encontra literalmente disponível. Santos (2002) fundamenta o entendimento da realidade dos museus como espaços educacionais:

A análise da educação, portanto, está sendo aqui realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o patrimônio cultural, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos, em um determinado tempo e espaço, considerando que as diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, mas são parte de uma grande diversidade, que é resultado de uma teia de relações, em que cultura, ciência e tecnologia em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do homem, produtor de cultura e conhecimento (p. 310).

Os museus são por excelência os ambientes culturais mais adequados para deposição e preservação da memória e arte de uma civilização e, simultaneamente, para construção de conhecimento. A descrição do caminho percorrido pelos objetos e os motivos pelos quais são tão significantes devem ser passados para os discentes, para colaborar com a formação e vivência destes enquanto aprendizes. O conhecimento adquirido justifica pelo menos para os alunos a importância da preservação patrimonial.

A relação entre o patrimônio cultural e os aspectos sociais é pungente: ela é comparável ao cuidado com itens vitais, como a soberania alimentar e a proteção contra os riscos ao meio ambiente: os museus são espaço de resguardo e multiplicação do valor cultural das sociedades que possuem museus e, portanto, da própria comunidade que lhes deu origem.

Assim como se criam bancos de genes de espécies vegetais para evitar o empobrecimento da diversidade biológica e o enfraquecimento de nosso ambiente terrestre, é preciso, para que a vitalidade das sociedades não seja ameaçada, conservar, ao menos, a memória viva de costumes, de práticas e saberes insubstituíveis que não devem desaparecer. Pois é a diversidade que deve ser salva, não o conteúdo histórico de cada época lhe conferiu e que ninguém saberá perpetuar para além dela própria (STRAUSS, 2001, p. 27).

Sem a proteção e o controle em relação ao patrimônio cultural, as sociedades perdem a sua identidade e conseqüentemente tornam-se alienadas em relação ao contexto em que se insere no planeta. O patrimônio cultural é o *benchmark* de cada povo e evidencia que a sua trajetória histórica e cultural tem valor, podendo

participar ativamente do jogo da Globalização, permitindo o reconto, por meio dos seus acervos, do presente e do passado, projetando a cultura em questão para o futuro.

De acordo com IPHAN (2014) para se implantar uma proposta de educação patrimonial deve-se inserir um processo de construção de conhecimento com métodos formais e não formais que tenham como objetivo estudar e compreender o patrimônio cultural. Após a identificação deste é possível promover um programa de preservação, já que será possível reconhecê-lo e valorizá-lo. Nas bases curriculares da educação do país publicados pelo Ministério da educação nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) há fortes evidências acerca da necessidade do estudo e fomentação do patrimônio histórico cultural, pois é indispensável ao aluno(indivíduo) ter conhecimento do contexto de produção histórico cultural, suas referências, identidade tradicional local e do seu patrimônio.

Conforme Moraes (2005) a educação patrimonial visa a transformação (ou concepção do caráter político do cidadão para estimular as mentes a terem a capacidade de identificar a história cultural por entre as muitas formas que esta historicidade se manifesta. Além disso, deve promover o protagonismo do indivíduo dentro de sua história, a fim de que este busque novos conhecimentos e reflita sobre as informações construindo o seu ponto de vista sobre os fatos.

Compreender a dimensão do Patrimônio Cultural em face do processo educacional é, portanto, uma questão, que, nas comunidades de pequeno e médio porte, deve ser tomado como prioridade. É essencial que se proteja, que se mantenha também a proteção e, sobretudo, a significação no plano educacional, de modo que, pela sua dinâmica se possa garantir a proteção à identidade dos seus moradores com a realidade histórica da sua comunidade. Nesse sentido, o próximo capítulo analisa a experiência da cidade pernambucana de Belém do São Francisco (PE).

Capítulo 2 - BELÉM DE SÃO FRANCISCO: PIONEIRISMO NA EDUCAÇÃO SERTANEJA

Antes de discutir o projeto em questão, torna-se relevante analisar o panorama da evolução educacional do município alvo do projeto. Belém do São Francisco tem, conforme comprovam os documentos do Museu Elísio Caribé, uma tradição cultural muito forte na região do submédio São Francisco, tradição esta que também se coloca como base para o seu pioneirismo no contexto educacional na região. Conforme se analisará a seguir, a tradição educacional do município em discussão o coloca em destaque face os demais em sua circunvizinhança.



Figura 1 - Cidade de Belém do São Francisco (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).

A conjuntura política e social de cidades banhadas pelo Rio São Francisco, tal como Belém do São Francisco (Figura 1) foi desenvolvida sob um intenso processo de seleção de identidades de grupos étnicos com base na exclusão de algumas e protagonismo de outros que convinham com estratégias da política de ocupação e expansão territorial caracterizada como etnocêntrica e desapropriadora, visando a instalação de empreendimentos no sertão franciscano. Com a construção do lago de Sobradinho em virtude do alagamento ocorrido em cidades ribeirinhas, alguns

moradores tiveram que ser reassentados, culminando em impactos no contexto da cidade de Belém do São Francisco, a nível demográfico, cultural, social, econômico e ecológico. A sociedade belemita, direta ou indiretamente, constrói ao longo da história um vínculo com o rio, de onde busca recursos para sobrevivência e desenvolvimento da cidade, é também por influência da presença do rio que a cidade atrai diversos visitantes, que chegam em busca de suas belezas naturais e sua história (CAMPOS, 2008).



Figura 2 - Rio São Francisco (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).

Conforme Campos (2008) o rio São Francisco (Figura 2) representa, fundamentalmente, papéis ecológico, social e econômico sobre as cidades que são banhadas por ele. Em especial na região do sertão nordestino o rio é responsável por amenizar as dificuldades impostas pelas características físicas da região. A cidade de Belém de São Francisco está situada em uma região que durante bastante tempo foi vista pelos primeiros exploradores da região como isolada do Brasil. Mesmo que muitos cidadãos e até os próprios governantes visualizem o Nordeste desta forma, quando coloca-se em paralelo o desenvolvimento da região e do restante do país. É importante pontuar e enaltecer o desenvolvimento da região em meio as dificuldades do cenário marcado pela caatinga e ao contexto histórico das disputas por território, violência e presença do cangaço (MELLO, 2004).

Ao documentar a história sobre a evolução da cidade de Belém do São Francisco o Prof. Biu Vicente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pontua que ao observar o casario da cidade é possível constatar três etapas de

desenvolvimento. No início do século XX as construções estavam localizadas mais próximas à margem do rio São Francisco, no entanto com a ocorrência de enchente no ano de 1919 a comunidade ficou desalojada. Na ocasião somente a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio podia ser vista. Na década de 1920 a cidade foi construída somente após ter sido planejada, algo inédito na região, a cidade de Belém de São Francisco foi uma das primeiras a serem planejadas. Assim, reergue-se o perímetro urbano junto ao Mercado Municipal, o Correio, a Prefeitura, a CESVASF e a Igreja Matriz do Menino Deus (FACESF, 2017).

A modernização da arquitetura neoclássica caracteriza as edificações da cidade reconstruída. Presente também nas calçadas enriquecidas e embelezadas com a técnica de calceteria portuguesa. Traçado marcante nas grandes avenidas direcionaram o crescimento tendencioso da cidade à BR 232 no período de 1950 a 1980. A influência neoclássica e o costume de apreciar músicas sacra e erudita foi influenciado pelo padre belga Norberto Phalempin.

De acordo com FACESF (2017)²⁰ o município de Belém do São Francisco possui, historicamente, vocação educacional, destacando-se no sertão nordestino como centro irradiador de ações educativas, a partir de iniciativas de um grupo de idealizadores da Sociedade Amigos da Instrução de Jatinã (SAIJ), que acreditavam que o saber representa o ápice de todas as conquistas da humanidade e que, somente, através da educação poderia estabelecer-se o desenvolvimento cultural e socioeconômico da região. Assim, no seu primeiro Estatuto, a SAIJ fomentou e apoiou iniciativas, projetos, acordos e convênios de natureza educacional, cultural ou desportiva, destinados a todas as classes sociais do município.

Assim, a SAIJ fundou, em 1951, a Escola Normal Nossa. Senhora do Patrocínio, visando a formação de professores tendo como objetivo a minimização do número de analfabetos da região, criando novas escolas e melhorando a qualidade do ensino. A seguir, criou o Ginásio Menino Deus, oportunizando aos sertanejos e barranqueiros do submédio São Francisco a conclusão do curso ginasial no próprio município. Uma vez que nessa época, no interior de Pernambuco, apenas Petrolina e Pesqueira ofereciam cursos de nível médio. A população estudantil em Belém do São Francisco, advinda de vários estados nordestinos,

²⁰ BRASIL. FACESF. **Histórico**. Disponível em: < <http://www.facesf.com.br/instituicao/historico>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

aumentou consideravelmente. E para atender a essa demanda, criou-se dois internatos educacionais, sendo um feminino e outro masculino²¹.

Foi também a SAIJ responsável pela criação dos cursos de magistério, pedagógico, científico e contabilidade. Mas com a necessidade de tornar o magistério na região ainda mais democrático, em 1976 a Prefeitura Municipal criou a Autarquia Belemita de Cultura, Desportos e Educação - ABCDE - mantenedora do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF com os cursos de licenciatura em Letras, Matemática, História e Geografia. A SAIJ abraçou a causa e cedeu, gratuitamente, durante 20 anos, suas instalações para o funcionamento dessa Faculdade de formação de professores. Foi, sem dúvida, uma grande conquista para os sertões de Pernambuco, da Bahia e para algumas regiões do Ceará e de Alagoas (FACESF, 2017).

Essa realidade educacional de Belém do São Francisco contribuiu de modo fundamental para a melhoria da educação pública e privada da região, ao viabilizar a formação de grandes contingentes de professores, assegurando uma melhor qualidade do ensino básico. Em seguida, deu-se início ao surgimento de novos cursos, incluindo Direito que fazem da pequena cidade um polo universitário, que ao invés de enviar estudantes para os polos metropolitanos, recebe alunos de vários lugares (IBGE, 2018)²².

A instalação de centros de educação na cidade ainda em tempos que a educação era privilégio de pessoas com maior poder aquisitivo contribuiu para que a cidade desenvolvesse uma população com pensamentos a frente de outras cidades do interior nordestino, já que a educação é uma das mais importantes formas de moldar a mente e o contexto da expressão de uma população, como defende Moreira (2011)²³ Uma contribuição por parte do incentivo das empresas instaladas na região, que estimulou a produção e o desenvolvimento intelectual dos moradores de Belém do São Francisco, distinguindo-os dos de outras localidades. Fazendo uma observação da história da educação no município por meio da base documental fornecida em seus veículos oficiais (site) (BRASIL, 2018), é possível perceber que

²¹ Idem.

²² BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Belém do São Francisco: Histórico**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=260160>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

²³ MOREIRA, Adriano. Educação escolar e transformação social. **Revista FAAC**. Vol, 01, nº 01, abril-setembro de 2011.

até os dias de hoje com o surgimento de novas instituições, cursos de graduação, a cidade é potencialmente um polo universitário importante para o semiárido nordestino e para os moradores do interior de Pernambuco.

2.1 O Museu Elísio Caribé e a sua relação com a educação belemita.

A história educacional de Belém do São Francisco (PE) se entrelaça, em muitos aspectos com as ações da SAIJ, assim como também com a vida cotidiana da cidade, que, ao longo dos anos, consolidou sua vocação para o desenvolvimento educacional e social. Este aspecto se encontra presente em diversos momentos, permitindo assim que a dinâmica social envolvendo a realidade belemita, em determinado momento, nos anos 2000, encontrou os pressupostos necessários ao seu desenvolvimento com a consolidação do museu Elísio Caribé.

O Museu Elísio Caribé surge no cenário educacional belemita como um dos principais suportes para a educação em sala de aula, estabelecendo a tutela e a manutenção de bens históricos e culturais que, efetivamente, podem servir como arcabouço para o enriquecimento das atividades didáticas no contexto local. Este aspecto pode ser conferido aos museus, de forma geral, que, como defende Aguiar (2016), possuem efetiva capacidade de apresentar novas perspectivas sobre a realidade educacional das comunidades que os criam/mantém.

Desenvolver a valorização do patrimônio cultural em sala de aula é algo necessário, pois estamos trabalhando com cidadãos em formação, onde despertar para a necessidade da preservação da sua história e sua identidade é fundamental. Estudos sobre esta relação estão sendo desenvolvidos por diversos pesquisadores, que apresentam em suas análises a necessidade de levar aos alunos um olhar amplo sobre os bens culturais, ultrapassando a ideia de que esses bens estão apenas relacionados aos bens materiais. Assim sendo, elementos relacionados a experiências vividas, formas de expressão diversificadas, saberes e fazeres, celebrações, o meio ambiente, todos estes bens são de natureza imaterial e também fazem parte do campo do patrimônio cultural (AGUIAR, 2016, p. 22).

A proposta de intervenção na educação dos jovens belemitas através de atividades desenvolvidas no Museu Elísio Caribé possui o objetivo de romper paradigmas e qualquer barreira que possa existir entre o público jovem e museus, incentivar a visita ao espaço, rotatividade de público e reduzir a associação

destes ambientes a espaços obscuros e que alberga peças velhas inutilizadas. Sobretudo instruí-los sobre o papel daqueles artigos antigos e suas influências para o alcance do contexto atual da humanidade e até mesmo sobre o futuro. Porém esta abordagem com a juventude deve ser feita utilizando uma linguagem convincente e bem direcionada para atrair este tipo de público.

O tipo de museu correspondente às características e conformação do Museu Elísio Caribé, em que os espaços são menores e regionais com função mais voltada para a preservação patrimonial começaram a surgir no final do século XIX. Além de servirem de vitrine para exposição de peças manufaturadas de arte mecânica que aos poucos perdiam o lugar e funcionalidade com o advento da industrialização e surgimento de tecnologias que aumentassem a produtividade (PEIXOTO,1890).

O pioneirismo na educação na região identificada como sertão nordestino desenvolveu-se por influência dos colonizadores da região advindos de lugares nos quais a colonização já havia se estabelecido. Com forte característica voltada para a valorização familiar, assim como ocorria na formação das primeiras sociedades, exemplos que foram seguidos na construção do saber, formação do poder político e legitimação da sociedade local (FERRAZ, 2004).

Neste ponto, é importante que se considere, o museu Elísio Caribé mantém íntima relação com as ações desenvolvidas pela SAIJ, e que, com o decurso do tempo, consolidaram a vocação educacional do museu. Bom exemplo desse trabalho e sua relação com a SAIJ, foi a parte documental relativa à construção das primeiras unidades educacionais do município, e a própria curadoria dos primeiros empreendedores da SAIJ para a montagem e definição do acervo que, mais tarde, seria o componente principal do museu.

Parte dos fundadores do museu, tanto no processo de formação de acervo quanto na etapa de convalidação dos itens, foram pessoas que conheceram o passado cultural belemita, puderam experimentar e encontrar elos com a formação inicial da cidade, imprimindo à montagem do acervo do museu uma carga maior de importância, não apenas formando reminiscências do passado – como tradicionalmente as pessoas associam o papel do museu – mas apontando à percepção do futuro, dos rumos que o mesmo e a sociedade possam referendar.

O desenvolvimento do trabalho junto ao Museu Elísio Caribé para realização de atividade educadora, busca dar continuidade ao perfil de educação proposta desde início da história de Belém do São Francisco, utilizar um recurso local para

fortalecer a educação na rede municipal de ensino e impedir que as memórias e o patrimônio cultural da cidade sejam perdidos em meio aos rumos da sociedade que vive em uma era da informação, em que tudo acontece muito rápido e os dados mudam em fração de segundos.

Os museus são lugares com “poder” transformador e de acordo com Bittencourt (2009) podem ser vistos como pequenas/imensas janelas, pelas quais é possível visualizar o universo em diferentes formas, lugares, épocas e culturas. Permite que as pessoas sejam conectadas mesmo sem pertencer ao mesmo lugar, sem falarem o mesmo idioma e sem estar no mesmo tempo.

A dinâmica da transformação educacional em Belém do São Francisco passa por uma realidade de vivências muito intensas. A título de exemplo, o seu acervo ainda conserva objetos icônicos que se relacionam diretamente com a história da cidade: no início do século XX, especificamente em 1919, boa parte do país ainda não tinha a formação tradicional dos carnavais contemporâneos. Em Belém do São Francisco, assim como no vale sanfranciscano como um todo, essa tradição ainda era incipiente, e boa parte dos bailes seguia a regra dos anos XX, o que por sua vez, retratava um estilo europeu americanizado, com expressões em *art nouveau* e pouca originalidade. Em Belém do São Francisco, o desejo de promover uma ruptura com o modelo inspirou a criação dos chamados bonecos gigantes, que, ironicamente, tornaram famosa a ex-capital pernambucana, Olinda (G1, 2015)²⁴.

No século XX, o padre belga Norberto Phalempin, vigário de Belém do São Francisco contava histórias sobre a existência de bonecos gigantes em sua terra natal, a Bélgica. E o fazia de forma tão impressionante, que inspirou o belemita Gumercindo Pires de Carvalho a recriar em papel machê, retratando aspectos da realidade local, personagens típicos da cultura pernambucana, que também é forte expressão da cultura nordestina. E o mundo viu surgir Zé Pereira, em 1919, e Vitalina, sua esposa, em 1929, os primeiros bonecos gigantes que o carnaval nordestino – e brasileiro – possuiu. De Belém do São Francisco, ambos inspiraram os bonecos de Olinda e de lá a tradição mantém referências até mesmo com o poderoso carnaval do Rio de Janeiro, atualmente uma das atrações mais

²⁴ G1. **Belém do São Francisco mantém viva a tradição dos bonecos gigantes.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2015/02/belem-do-sao-francisco-mantem-viva-tradicao-dos-bonecos-gigantes.html>>. Acesso em 10 de abril de 2018.

conhecidas no mundo, o desfile das escolas de samba, trazem a cada edição, reminiscências da inspiração criativa de Gumerindo Pires de Carvalho (G1, 2015).

Este recorte da cultura da época encontra-se bem documentado no museu Elísio Caribé, com o respectivo acesso aos primeiros registros fotográficos, a evolução da tradição e sua transformação. Todos estes elementos, como mencionado nos dizeres de Farias (2000) fomentam o papel do museu como espaço de consolidação das culturas, assim como de criação de identidades pessoais a partir da sua existência.

Shoernadie (2016) fundamenta o entendimento de que o museu é um ícone representativo da memória, mas a ela pura e simplesmente não se prende. Sua missão, enquanto espaço de construção social é amplamente transformador, sua diversidade e importância dentro do contexto em que se encontra, especialmente se faz referência a uma sociedade ou comunidade em particular, como no caso em vista, é essencial para a proteção de sua natureza mais pura, regatando o orgulho e o interesse dos sujeitos que coexistem no mesmo espaço geográfico, na mesma comunidade. A este fenômeno, pode-se também atribuir, segundo Shoernadie (idem) a definição de identidade.

Na medida em que o povo, a exemplo do povo belemita, conhece e se apropria dos elementos que projetam a sua comunidade em nível nacional, se produz também uma nova forma de entender e de processar a própria cultura. Sai o sujeito da desvalorização, da relação com o anonimato, complementando então uma nova perspectiva de entendimento na qual a realidade em que este habita é, de forma indiscutível, uma realidade produtora de riquezas culturais. Tal como expõe Claudino (2003), o patrimônio cultural do sujeito o precede no contexto de sua comunidade, permitindo a ele encontrar laços e referências como a mesma.

O museu Elísio Caribé ainda guarda fotografias, registros em vídeo 35mm sobre momentos marcantes da história de Belém, que explicam, inclusive, fatos marcantes e dramáticos na existência do município que, para as gerações mais novas, são apenas um reconto distante, chegando mesmo alguns sequer a conhecer estes eventos, como a desapropriação das terras e a formação da “nova” Belém do São Francisco, onde atualmente esta se encontra, acontecido ainda em 1919, marcando a mudança de espaço geográfico e o redesenho da cidade, permitindo dessa forma que a cidade se tornasse uma das primeiras cidades planejadas no

Brasil (até então, somente com Brasília, nos anos de 1970, a urbanização planejada se tornou regra no país).

Estes eventos se tornaram importantes motivadores da atividade da SAIJ, e, mais tarde, influenciaram o interesse na manutenção do museu, por parte da FACESF, retomando a ressignificação do seu acervo, inicialmente com a restauração, em seguida com o incentivo à construção de modelos de ação baseados na atividade historiográfica constante do curso de História da FACESF, fundamental para a compreensão e ressignificação do acervo, bem como de sua exposição ao grande público. A universidade, como detentora do processo de formação de futuros profissionais possui importante influência no processo de desenvolvimento de ações de proteção e descobrimento da cultura e tradição local. No caso de Belém do São Francisco, uma das alternativas encontradas para ampliar o fomento a estas características foi o estímulo à formação identitária por meio de projetos, entre os quais, o projeto de autoria deste pesquisador, “Extra-Muros”, no qual a abordagem do conteúdo do museu se desenvolve de maneira integrativa entre estudantes do município, acadêmicos e o acervo do museu.

2.2 O Museu Elísio Caribé e a contribuição do ensino na história do povo belemita.

Este capítulo tem como objeto a análise do Museu Elísio Caribé, situado em Belém do São Francisco (PE), situado no prédio do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), na BR-315, s/n, bairro Alto do Encanto. O museu está classificado segundo o Anuário Pernambucano, registro estatal dos museus e seus acervos de Pernambuco, como sendo de acervo iconográfico.

O museu Elísio Caribé inicialmente não possuía sede. Segundo o site institucional da facesf (2018), o mesmo se constituía de um “acervo familiar”, organizado para ser um museu. Sob a coordenação do professor Marcos Vasconcellos, em 2012, o projeto “Extramuros” foi elaborado, tendo como objetivo promover tanto a restauração quanto a ressignificação do material do acervo que compõe o museu Elísio Caribé. De perspectiva prática e abordagem descritiva e qualitativa, o projeto buscou ressignificar os aspectos gerais do material do acervo,

que além de vasto, incluía aspectos relevantes não apenas para a realidade belemita, mas para o Nordeste.

O museu Elísio Caribé possui uma vasta coleção de itens em seu acervo. Dentre os itens catalogados podem ser elencados, como os mais relevantes, o batistério, documento que formaliza o batismo na Igreja Católica, de Lampião, famoso cangaceiro nordestino, uma balança clássica de precisão, para o trabalho de pesar ouro; uma espada da Guarda Nacional de Dom Pedro II, um bandolim do início do século XIX, um fóssil de animal desconhecido e um registro fotográfico de 1704, da Ordem Terceira de São Francisco, entre outros itens que são de enorme importância para a sociedade local e circunvizinhança.

O projeto extramuros teve como principal objetivo o ressignificado desses itens que anteriormente, como mencionado, estavam em estado de semiabandono, sob risco de se estragarem e se perderem definitivamente. O trabalho constituiu-se de duas etapas. Na primeira, houve o recrutamento de alunos do Curso de História da Cesvasf, especialmente com os alunos do 3º período da licenciatura em História, a fim de que conhecessem noções de educação patrimonial, sua importância e modelos, assim como conhecessem noções sobre classificação, organização e catalogação de peças no museu, sua organização no espaço cedido pela Cesvasf e posterior disposição dos objetos, de forma a contemplar todos os principais momentos da história local e regional, sendo, em seguida apresentado o projeto às escolas participantes do projeto.

A metodologia envolveu o trabalho integrado entre as escolas participantes e a equipe responsável pelo tratamento das informações e do material em questão. Nesse sentido, os professores foram convidados a conhecer o museu e seu acervo, em seguida planejar aulas direcionando para a compreensão de períodos históricos específicos e sua correlação com eventos históricos brasileiros na mesma época em que os objetos foram constituídos/adquiridos.

Em seguida à apresentação da proposta, deu-se a realização do trabalho, conforme explicado no capítulo 03, com a apreciação do acervo pelos educandos das escolas trabalhadas e, em seguida, com a análise do aprendizado dos mesmos, por meio dos mecanismos escolhidos pelos professores, com vistas a promover o melhor aproveitamento do momento de apreciação do museu.

2.2.1 Museu Elísio Caribé: surgimento, contribuição social e situação atual.

A falta de registros documentais e a existência de informações desconstruídas presente em relatos das pessoas que estiveram envolvidas na fundação do museu, ou até mesmo de familiares dos fundadores, deixa em dúvida o início do funcionamento do museu, no entanto estas são as únicas formas viáveis de falar sobre o surgimento do museu, unindo os dados obtidos em entrevistas para reunir informações que compõem a história da instituição. Assim, seguiu-se com a busca por pessoas que tinham ao menos uma relação com o a história do Museu Elísio Caribé (Figura 3). A princípio procurou-se os descendentes do Dr. Alípio e dona Delourdes, apontados com os responsáveis pela fundação. Como também contou-se com os relatos do Sr. Marlindo Pires Leite (historiador), que participou da primeira organização do museu. Como também buscou-se informações sobre Dona Maria Dinorá Aquino de Carvalho (doadora de várias peças do acervo e professora do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio e da Faculdade de Formação de Professores).

O museu Elísio Caribé é uma proposta que foi concebida a várias mãos. Segundo os relatos e os documentos históricos disponíveis na própria instituição revelam que além do Dr. Alípio e da esposa, dona Delourdes, a fundação do museu é conjuntamente atribuída à Benedita Maria de Carvalho Barros, sendo esta personagem, uma importante colaborador na formação e classificação do acervo. Benedita também foi a responsável pela classificação da genealogia dos habitantes da fazenda Panela d'Água, ponto histórico importante na evolução histórica de Belém do São Francisco, já que fora o berço de muitos patriarcas importantes no município e região circunvizinha, tendo sido esta informação ditada por sua mãe, Maria Firmina de Carvalho ("Siacota").

Confirmando o aspecto coletivo da construção do museu elísio Caribé, diversas evidências podem ser apontadas. Além dos relatos dos atuais mantenedores, no livro de tombo do museu consta, inclusive, a origem, a importância e a trajetória de algumas peças doadas assim como a relação entre elas, a história local e a biografia de seus respectivos patrocinadores.

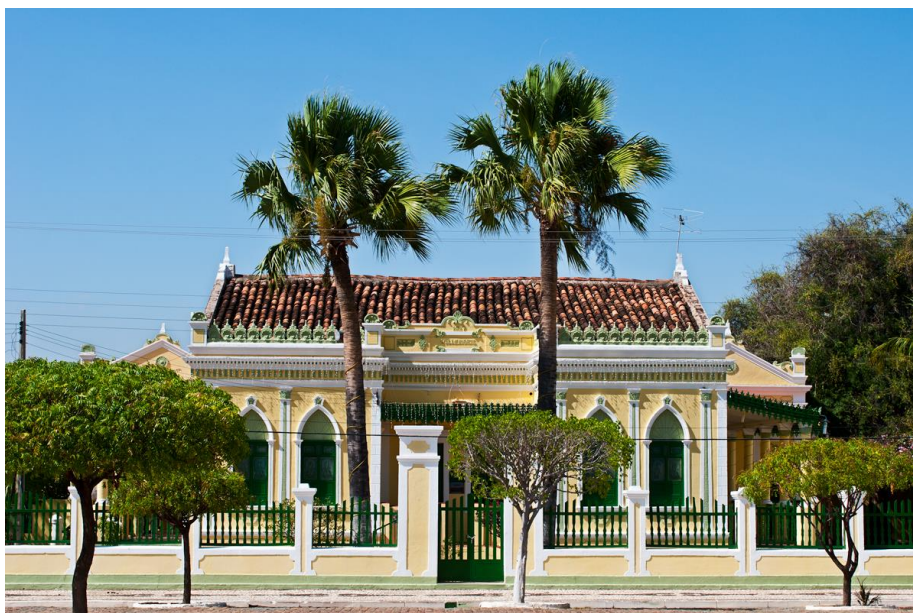


Figura 3 - Museu Elísio Caribé (Fonte: Prefeitura Municipal de Belém do São Francisco, 2017).

Segundo a pesquisa bibliográfica nas fontes bibliográficas (documentação oficial) e dos relatos coletados em campo, o incentivo à educação pública em Belém do São Francisco foi marcado pela chegada do professor Auxêncio Viana em 1902 para lecionar, especificamente, aos garotos da cidade. Dois anos mais tarde chega de Recife a Profa. Maria das Dores Pereira para dar oportunidade de aprendizado às meninas. Em 1905, seguindo o trajeto dos antecessores, chegou a Belém do São Francisco o Professor Alfredo Reis, que deixou sua marca na história da educação do município, sendo a sua personalidade dinâmica, gosto pela política e pela atividade empreendedora no contexto local, as principais características que o definiam.

Já em 1906 o prefeito Coronel Jerônimo Pires de Carvalho implantou o sistema de ensino municipal a partir da nomeação da profa. Maria Emília Cantarelli que junto a outros grandes docentes contribuiu bastante tanto pelo desempenho do seu trabalho na gestão do prefeito Coronel Jerônimo Pires de Carvalho, sistematizando e assegurando a execução das metas educacionais, como pessoalmente, por meio da tomada de iniciativas, como a organização de artefatos em exposições locais, evidenciando assim a cultura e o patrimônio histórico belemita, para a construção do saber na região, como também para o desenvolvimento intelectual local.

Na gestão municipal do Dr. Alípio, um grande educador, houve um intenso investimento voltado para área da educação com intuito de combater o analfabetismo. Assim, entre os anos de 1947 e 1951 o município alcançou índice próximo de zero em analfabetos. Neste mesmo período ele, juntamente com outros cidadãos sensibilizados à causa da educação criaram a SAIJ, para que fosse mantenedora da Escola Normal para formação de professores. Belém de São Francisco teve, com a implantação da Escola Normal, a terceira instituição do sertão pernambucano com este tipo de ensino iniciando as atividades de educação superior (LUCENA, 2007).

O Museu Elísio Caribé constitui-se um dos primeiros museus do sertão pernambucano, que dentre tantas outras funções é importante por concentrar registros da história do povo belemita e consequentemente onde ocorre a preservação e difusão ativa da memória local e regional. A existência do museu é parte de uma iniciativa público-privada, formada pela Sociedade Amigos da Instrução de Jatinã (SAIJ) que desejou criar uma identidade para este espaço urbano. A princípio situava-se no âmbito do Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio (CNNSP) para servir à comunidade e aos escolares. Porém, hoje encontra-se situado na Rodovia BR-316, s/n - Alto Encantado, no prédio da CESVASF. Fundado por Benedita Alves de Carvalho ("Sinhá" Dita) e de diversos (e mencionados) co-fundadores, no ano de 1970, o museu é patrimônio cultural da comunidade de Belém do São Francisco.

Após a contextualização histórica, é interessante analisar a perspectiva educacional e suas filosofias (tradicional, progressista, inclusiva, etc.) dentro de um panorama formal, para se entender a importância, no contexto da pesquisa, da relevância do museu em questão.

De acordo com Libedidinsky (1997) é possível desmembrar a educação em diferentes categorias conforme o local e metodologia pedagógica utilizados, mesmo havendo um consenso de que a construção do aprendizado acontece em vários momentos ao longo do dia e na mais pura e simples troca de informações ou experiências. A educação formal é representada pelo padrão do sistema educacional dentro dos limites físicos de uma instituição de ensino, incluindo desde todas as séries iniciais até o último pilar correspondente a pós-graduação. A educação dita não formal promove a construção de um aprendizado específico ou técnico considerados como extracurriculares, que resultam na capacitação do

indivíduo para tal atividade, como por exemplo aula de pintura ou canto. Já a educação informal é desenvolvida ao longo da vida, é mais empírica e ocorre nas primeiras experiências que são vivenciadas no seio da família (com pais, irmãos, parentes, etc.), em ambientes de trabalho, museus, bibliotecas e através da mídia.

No cenário educacional os museus sempre tiveram um papel definido no aprendizado sobre a história dos alunos. Além de aprendizagem, estes lugares possuem função de entretenimento, identidade e memória no público e na relação deste com o acervo museal. Entretanto, com as mudanças na comunicação e agregação de tecnologias, a discussão sobre a nova relação dos espaços de museus e seu público ganham outros significados, bem como a conexão entre as instituições e as tecnologias que o aproximam da linguagem dos jovens (MARTINS, BARACHO E BARBOSA, 2016).

2.2.2 Preservação patrimonial do Museu Elísio Caribé e da história de Belém de São Francisco

O surgimento de museus públicos após o século XVIII trouxe consigo a conformação de ambientes ligados não apenas a arte, história e arqueologia, pois outras temáticas passaram a ser discutidas e demonstradas nesses espaços, tais como ciência, etnografia, antropologia e tecnologia (MENDES 1999). Logo, desde a implantação destes espaços o cunho educacional fazia parte de suas essências e assim como nesta época se há possibilidade de manter a sua função enquanto instituição de educação, esta deve ser alimentada e posta em discussão por educadores e grupos mantenedores de museus.

De acordo com Mendes (1999) no início dos anos 1900 houve uma forte difusão do papel de conservação e preservação dos museus, que aos poucos deixavam de exercer o papel educativo de forma prioritária. Entretanto, de maneira paralela à maior atenção voltada para o estudo da conservação de coleções com o passar dos anos a museologia voltava a evidenciar o seu potencial educativo, mesmo que de maneira discreta, abrindo, gradativamente, mais espaços para grupos escolares, tendo como público-alvo crianças e adolescentes.

O pensamento de Dabul (2008) sobre artes plásticas pode ser atribuída na relação existente entre os museus de maneira geral e o seu público. O autor relata que,

O contato da população com objetos de arte tradicionalmente apresentados para as classes privilegiadas é acompanhado de algumas surpresas. Em primeiro lugar, coloca em questão um vetor que perpassa essas exposições, voltado preferencialmente para os olhos dessas classes privilegiadas. Ainda, a presença de novos atores sociais sugere e projeta possibilidades de contato com objetos de artes plásticas que se afastam dos procedimentos solenes e educativos frequentemente preconizados, ou idealizados, como constitutivos da experiência estética (DABUL, 2008, p. 257).

Assim deve acontecer com os museus de maneira geral, a história contada pelo seu acervo deve promover a identificação das pessoas com as suas origens, sem distinção de pessoas por raça, cor, gênero ou classe social a que pertencem. A experiência no museu deve ser inclusiva, promovendo a percepção do indivíduo que se sente confortável num local em que ele enxerga e identifica suas semelhanças. Os museus devem ser ambientes lúdicos, que propiciem a construção do conhecimento a partir cada vez mais da percepção individual do que pelo aprendizado ensinado que geralmente ocorre na sala de aula dentro das escolas. A partir do princípio de que existem diversas formas de construir e alcançar o conhecimento. Neste caso, sustenta-se na possibilidade de estimular no aluno a afetividade, emoção, o romantismo, a ação, a interação e a reflexão (REIS, 2005).

A historiografia sobre o museu Elísio Caribé descreve sua história por três fases: a primeira fase, ainda nos momentos iniciais da cidade de Belém do São Francisco, da década de 30 do século XX, quando um homem denominado Alípio Lustosa, considerado pela população local como “o pai da educação belemita²⁵” dá início a fundação de várias associações voltadas para o desenvolvimento da arte, do esporte, da cultura e educação no município. A partir dessas manifestações e associações surge em 1948 a Sociedade de Amigos da Instrução de Jatinã (SAIJ), sendo Jatinã um dos primeiros nomes dados ao município. Em 1950, a SAIJ, idealiza e implanta a Escola Normal Rural Nossa Senhora do Patrocínio, a 3ª a funcionar no sertão pernambucano. Assim, em 1960 o museu Elísio Caribé, foi

²⁵ Nascido há mais de 100 anos, Dr Alípio Lustosa é o mais importante nome da cultura e educação belemita: além de uma vida dedicada à educação fundamental no município, foi um dos principais responsáveis pela construção da CESVASF, o que promoveu notável desenvolvimento local (BRASIL, CESVASF, 2018).

criado no âmbito do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio para servir não só a escola, mas também a toda comunidade (FACESF, 2016).

A segunda fase a ser descrita é marcada pelo período em que o museu Elísio Caribé funcionou no mesmo prédio do atual Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Neste período as visitas eram agendadas e na maioria das vezes eram compostas por discentes de escolas municipais e universidades, acompanhados por seus professores. Após uma maior demanda de espaços pela instituição, em 2000 o acervo do museu Elísio Caribé foi desmontado e encaixotado, sendo, posteriormente, armazenado em uma sala, o que ocasionou um prejuízo imenso ao acervo por conta da deterioração e falta de manutenção. Além disso, houve perda de identificação de peças, avaria e extravio em detrimento do mau acondicionamento e aceleração dos processos de deterioração.

Com o arquivamento do acervo do museu nas dependências da CESVASF, um processo de caráter previamente acertado como temporário, o mesmo acabou perdendo a sua função social, a estima da sociedade, deixou de receber novas peças e proporcionar a experiência de visitá-lo a centenas de alunos (FACESF, 2016).

O declínio do interesse na manutenção e exposição das peças que compõem o museu Elísio Caribé demonstra, de forma clara, a pouca importância que se tem imprimido ao patrimônio cultural local. O patrimônio cultural é parte fundamental na existência de qualquer comunidade. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), o patrimônio cultural é o que define a personalidade de uma comunidade, é, em linhas gerais, todo o arquétipo que constitui o DNA das expressões culturais que formam um povo. Podem ser materiais as suas representações, bom exemplo disso são as obras de arte, os monumentos, os prédios públicos, etc (BRASIL, IPHAN, 2018).

O patrimônio cultural é essencial porque ele confere também relevância ao chamado patrimônio social, que se define essencialmente por ser mais imaterial: compõe-se dos valores, normas imateriais e de relevância para a regulamentação social (tradição), bem como para construir o significado da identidade de um povo, o que é excepcionalmente relevante, porque impede a alienação cultural em face de outro, e permite que os sujeitos possam construir vínculos com o território e o próprio patrimônio cultural em si, já que este pode ser considerado uma forma de desdobramento do mesmo, já que a sua relevância comunitária é indiscutível de

forma que a comunidade passa a ser definida pela junção dos aspectos materiais (patrimônio cultural) e imateriais (patrimônio social) (RIBEIRO et al., 2016).

O fechamento do museu privou a população e os jovens de terem acesso e direito de conhecer o seu próprio passado e um bem de uso comum a todos, o patrimônio cultural. Conforme relata Mazzili (2002, p. 150):

[...] o conceito de patrimônio social está ligado ao que seja interesse social, o qual tem sido utilizado para alcançar: a) a defesa de interesses de grupos, classes ou categorias de pessoas que suportam algum tipo de hipossuficiência (pessoas pobres, desempregadas, faveladas, vítimas de crimes, presas, discriminadas); b) a defesa da sociedade como um todo (valores materiais ou imateriais, como o patrimônio cultural).

Considerado um contrassenso, o museu passou por um processo de revitalização, após seu período de fechamento e consequente danos ao acervo. Na terceira fase, já mais recente, no ano de 2007 a sede do CESVASF é transferido integralmente para outro campus da CESVASF. Contudo, no mesmo período a SAIJ liderada por herdeiros do prof. Alípio Lustosa e demais sócios promovem a implantação da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco (FACESF), a qual o museu viria a ser vinculado e por ela administrado. Assim, em 2011 a FACESF lançou um projeto denominado “Entre Muros”, como primeiro passo de resgate e reestruturação do museu Elísio Caribé. Este momento histórico marcou a definição de nova sede do museu, assim como também uma proposta diferenciada, mais aberta ao público, já que anteriormente as visitas eram supervisionadas e com data agendada. Dada a necessidade de melhor acondicionamento e o interesse em dar novo aspecto à ideia do museu Elísio Caribé, a partir de 2011, o museu passou a ser sediado no casarão do Dr. Joaquim Crispiniano Coelho Brandão (FACESF, 2016). Esta transição marca a revalorização da cultura local, já que a FACESF segue com uma administração mais ativa e direcionada a um público que pode visita-lo mais livremente, em mais horários e dias na semana.

O dinamismo de um museu pode ser evidenciado por atividades e ações que se pode encontrar nestas instituições, tais como: a realização da função social e educacional numa comunidade, por haver política de atuação pelo comprometimento com a socialização do conhecimento, papel na preservação e comunicação, método de trabalho focado no processo curatorial, aquisição de acervo/ formação de coleções, conservação preventiva e restauração; comunicação de temas referentes

ao acervo por meio de exposição, monitoria e outras estratégias, suas atividades são orientadas pelo acervo e a exposição é a principal forma de comunicação (CURRY e BARRETO, 2000).

A comunicação estabelecida numa comunidade será diferente de acordo com a localização geográfica e com os fatores físicos e sociais que a distinguem das demais, influenciando de forma singular no processo de civilização, comportamento e da cultura do lugar. Assim, a visão sobre o mundo resultante da interação social determina a construção da identidade das pessoas do lugar, o que resulta nos desdobramentos e na vasta diversidade cultural existente num país como o Brasil que por sua dimensão continental alberga povos social e culturalmente diferentes, mas que conseguem se identificar num ponto de encontro por pertencerem a mesma nação (LUZ, 2000).

A comunidade deve reconhecer e identificar sua memória para poder preservá-la, sendo esta a maior responsável por guardar seu próprio patrimônio. É preciso se reconhecer e simpatizar-se pela memória para poder protegê-la. O reconhecimento pode ser construído de forma focada na intimidade daquela comunidade, como também a partir da semelhança e pertencimento que abrange de maneira generalizada toda a humanidade (MAGALHÃES, 1997; CERQUEIRA et al., 2011).

Estimular a identificação dos alunos com a sua história não significa, no entanto, fazê-los excluir as demais culturas, e sim ter conhecimento sobre a sua para que possa defendê-la e respeitar a cultura das demais comunidades. Compreender que as pessoas dividem o mesmo espaço e convivem numa sociedade multicultural globalizada é aceitar que há espaço para as mais diversas manifestações culturais. Enxergar a riqueza de ideias, pensamentos e comportamentos permite as pessoas buscarem referências em outras culturas para construir e definir sua própria identidade cultural (HERNANDEZ, 2010).

Este mundo construído sobre as redes de telecomunicações abriu aos museus uma era de grandes possibilidades. Sabe-se que os museus são na atualidade um dos empreendimentos culturais mais bem sucedidos, principalmente quando se fala dos grandes museus na Europa, EUA, México, Egito e de alguns Estados do Brasil, que, além de atraírem milhões de turistas todos os anos, exaltam a imagem de cada nação através da arte, da história, etnologia e criações diversas acontecidas em cada lugar, fonte para a identidade cultural e incursões científicas. Eles se constituem naturalmente em

objeto de interesse público, uma vez que são guardiões e zeladores do patrimônio cultural (OLIVEIRA, 2007, p. 3).

Pode-se citar uma lista de funções exercidas por museus numa sociedade, mas para contextualizar a preservação patrimonial do Museu Elísio Caribé com a história de Belém do São Francisco, é necessário ater-se, principalmente, ao papel destas instituições em “preservar e comunicar”. A compreensão da riqueza presente na história do povo belemita e do quanto ela contribuiu para que a construção e evolução da cidade de Belém do São Francisco é fundamental para que os alunos possam ter a iniciativa de registrar, proteger e perpetuar suas origens. Alguém só consegue defender algo quando, de fato, é capaz de apropriar-se de suas ideias, causas e dar sua devida importância. Os alunos da rede municipal de ensino, assim como os demais que integram a perspectiva da educação local em nível médio/técnico e superior, são o futuro da sociedade e devem receber orientação para não deixar a história se perder em meio as novidades e às novas páginas que são adicionadas a história do povo.

(...) o estabelecimento de canais informativos cada vez mais amplos e abrangentes assume fundamental valor para maximizar a responsabilidade social e cultural dos museus. Com isso, o grau de acessibilidade pode fazer da informação um fator essencial em sua eficiência informacional. Assim sendo, o museu não deve ser pensado como algo estático, mas dinâmico, que depende fundamentalmente do seu público, e para que essa relação melhor ocorra, a comunicação deverá estar presente no planejamento estratégico do museu (MARTINS, BARACHO e BARBOSA, 2016, p. 8).

De acordo com Cerqueira et al. (2011) a proposta da educação e cultura patrimonial é pautada na capacitação de profissionais da educação e demais envolvidos sobre o universo que compõe o patrimônio, seja sobre questões conceituais ou jurídicas para que esses possam atuar como seres multiplicadores da ideia, munidos de conhecimento e habilidade para defender o patrimônio cultural junto a suas áreas de atuação, levando em consideração um movimento multidisciplinar.

A utilização da educação museal em Belém do São Francisco evidencia o aproveitamento de recursos locais para promover a formação dos jovens da rede municipal de ensino, principalmente, mas sem excluir os demais educandos em

todos os diversos níveis no município. Muitos jovens podem apresentar uma melhor percepção do assunto dado em outro ambiente que não seja a sala de aula, tornando o aprendizado mais dinâmico e democrático, além de favorecer o desenvolvimento da percepção de todos os alunos. O museu, portanto, funciona como um complementador da educação fornecida. Ele não substituiria a sala de aula, já que sua estrutura a este fim não atende, mas promoverá uma série de percepções que, poderão fornecer aos educandos uma perspectiva diferenciada sobre o objeto de estudo.

De acordo com Lopes (2008) muitas escolas permanecem prisioneiras de didáticas unidimensionais e edificadas no espaço e tempo letivo. Em contrapartida, os museus são espaços livres e despidos de restrições de conteúdo que estimulam a reflexão dos seus visitantes. O autor acredita que sem desmerecer nenhuma das propostas das instituições há como identificar um ponto em que ambos os métodos possam colaborar um com o outro para desenvolver o conhecimento proposto.

As atitudes dos cidadãos do futuro dependerão da forma como seu senso crítico foi estimulado. O investimento em educação e em práticas pedagógicas que formem seres pensantes e capazes de administrar com sabedoria as riquezas do mundo deve ser feito agora, para isso deve-se utilizar as ferramentas que se possui para agregar valor e dar sentido a educação dos jovens.

Capítulo 3 - O PROJETO “EXTRA-MUROS” E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENTENDIMENTO DA HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

O museu Elísio Caribé vem desenvolvendo um significativo papel na educação patrimonial no município de Belém do São Francisco, no entanto as escolas da região ainda devem explorar mais as suas potencialidades assim como o próprio museu planejar mais ações em torno da educação patrimonial. Neste tópico, o estudo apresentará como o museu se adaptou a uma forma prática de contribuição na educação patrimonial junto às escolas do município de Belém do São Francisco e cidades vizinhas, ao introduzir na comunidade a utilização do espaço museal não somente como lugar de depósito de peças, mas como um lugar capaz de ampliar a consciência e estimular no indivíduo o desenvolvimento de sua cultura e identidade. Pretende-se implantar uma “semente” para que o espaço representado pelo museu seja um espaço dinâmico, com rotatividade de pessoas, construção de pensamentos e primordialmente de conhecimento.

Sobre este aspecto, torna-se necessário evidenciar-lo porque os espaços dos museus – assim como todo espaço que possa servir de complemento ao aprendizado – deve ser explorado no sentido de que são importantes meios de melhoria da qualidade didática onde se manifestam. Assim, Lopes (2008) admoesta à necessidade dessa percepção:

Ora, o projeto educativo da escola identifica como um dos problemas mais sensíveis a falta de aproveitamento dos recursos existentes em termos de parcerias, realçando que “a promoção do sucesso educativo, a dinamização e organização de experiências educativas significativas, a afirmação de um clima de escola partilhado coletivamente e a mobilização de uma rede institucional que permita conhecer e acompanhar os alunos dentro e fora das suas paredes são os principais objetivos desta intervenção (p. 692).

A proposta convida justamente a utilizar os recursos existentes na comunidade e no Museu Elísio Caribé onde pode-se fomentar a discussão da cultura, memória e patrimônio da comunidade de Belém do São Francisco, fato que se justifica considerando o valor dos objetos que fazem parte do patrimônio determinados pelos mitos e pelas tradições, que podem ser considerados suportes

da memória coletiva, cultura e história dos homens, de tal forma que pesquisar a educação patrimonial é estar contribuindo para o resgate da história e cultura dos povos (OLIVEIRA, 2008).

A natureza humana é dinâmica, assim como também a formação histórica dos espaços sociais. Nos museus, a exemplo do museu em questão, se encontra parte da dinâmica social que se aventa em face da sua diversidade, que é expressão prática das influências históricas e pessoais que se consolidaram na comunidade. Sobre esta característica, a perspectiva de Borges (2000) evidencia seu caráter de espaço de multiaprendizado:

No âmbito da ação humana, coexistem várias formas de ser e estar no mundo as quais constituem a pluralidade humana marcada por diferenças sociais, étnicas, culturais e religiosas. Por meio da socialização, o ser humano torna-se um indivíduo que se constrói no espelho do outro, num reconhecimento que não se limita a uma relação interpessoal (BORGES, 2000, p. 175).

Considerando que os museus têm potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade do ensino escolar esta proposta de projeto interdisciplinar – *Extramuros escolares: uma viagem ao museu de Belém do São Francisco*, tem a finalidade de contribuir para uma compreensão do que é educação patrimonial e despertar nos alunos a preservação da história do povo belemita. Assim, ao escolher os museus como laboratório para atuar o debate de patrimônio se fez por acreditar que este espaço se apresenta como local de extrema riqueza de acervo e potencialidade para a formação educacional e cultural.

A ideia primordial é estabelecer este projeto como um instrumento de “Alfabetização Humanística”, conceito que segundo Pacheco (2017)²⁶, consiste essencialmente em estabelecer um nível de leitura mais amplo, capaz de dar ao sujeito o domínio cognitivo sobre o meio em que estes sujeito se insere. Sendo dessa maneira, é interessante desenvolver uma dinâmica que possibilite ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia para a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Além de trabalhar a importância do passado histórico formando sujeitos que compreendam

²⁶ PACHECO, Ricardo Aguiar. **Ensino escolar como alfabetização humanística**. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/1850>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

os mecanismos de produção da memória coletiva como também percebam os bens que compõem o patrimônio como novos objetos do ensino de história, respeitando-os e preservando-os.

De forma idealista, podemos imaginar que a educação patrimonial seja um instrumento importante para a construção de uma democracia cultural em escala planetária, baseada em formas de cidadania que se sustentem na valorização de sua cultura e, na mesma medida, na admiração da cultura do outro (CERQUEIRA et al., 2011, p. 21).

Sobretudo, o projeto Extramuros escolares, é um projeto que visa romper os muros da escola levando os alunos a conhecer outros espaços de aprendizagens não formais, compreendo que a busca pelo conhecimento não se limita às salas de aula, uma vez que conforme Lopes (2008) a prática de visitas contínuas e programadas aos museus podem favorecer a descontextualização das aulas do seu espaço físico habitual contribuindo para a potencialização da intencionalidade pedagógica e diversificação do uso de recursos através de uma recontextualização no novo ambiente de construção do saber.

A aplicação, na escola, de práticas pedagógicas multidisciplinares é uma condição para o desenvolvimento da educação patrimonial: a temática do patrimônio cultural, assim como a temática ambiental, demanda um tratamento transversal, que participe das instâncias formais e informais da educação escolar que flua entre o cotidiano da sala de aula e as atividades extra-classe, prevendo inclusive a visitação aos bens culturais, por meio de passeios exercitando-se a faculdade cognitiva do olhar, como sentimento humano de fruição e inteligência do patrimônio (CERQUEIRA et al., 2011, p. 23).

O processo de abordagem dos alunos deve ser convidativo, sem, no entanto causar muito impacto para que eles não enxerguem a proposta de forma negativa. Deve-se introduzir na sala de aula a discussão da temática, sobre história, museus, e contextualizar o universo do patrimônio e da questão preservacionista. O educador realizará uma análise da contribuição do museu Elísio Caribe na educação patrimonial junto às escolas do município de Belém do São Francisco e cidades vizinhas. O conteúdo teórico deve definir história, memória e patrimônio estabelecendo a inter-relação dentre eles. Além de valorizar a inter-relação entre história e memória nas sociedades atuais, e caracterizar o processo de educação patrimonial no Brasil.

Deve haver uma conexão e planejamento dos educadores juntos aos profissionais envolvidos no projeto do museu. A comunicação entre o que acontece no museu e a coerência com o que é discutido em sala de aula deve existir para evitar o desencontro de informações. Ambos devem estar atentos sobre a função social do museu, na contemporaneidade, a contribuição para manutenção da história da comunidade. A ocorrência de exposições e as ações educativas a serem desenvolvidas nestas, a compreensão da comunicação que estas deverão estabelecer com os diversos públicos. Essas informações técnicas, pautadas no diálogo, são substanciais para a composição do projeto de exposição, no estabelecimento de seus objetivos e pressupostos visando à interação e à educação que a coleção poderá propiciar ao visitante (BINA, 2014).

Fazendo uma analogia com uma incubadora, na qual é possível criar as condições necessárias para o desenvolvimento e extensão de um projeto. O Projeto Extramuros escolares: uma viagem ao museu de Belém de São Francisco já vem há um tempo sendo debatido e posto em prática de maneira sutil, porém fundamentada para que o projeto seja estruturado e implantado com êxito. Assim, o mesmo envolve estudantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação para Jovens e Adultos (EJA) e os professores da rede municipal e estadual de ensino ligados ao município de Belém do São Francisco, além dos alunos em estágio docência supervisionados pelos professores.

O projeto possui característica interdisciplinar e a princípio abrange as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Artes, com a proposta de desenvolver uma aprendizagem complementar ao que é visto em sala de aula e estimular o desenvolvimento da educação patrimonial, a partir da compreensão do que ela representa no contexto da construção da cidade e de sua história. A escolha do museu como laboratório para o desenvolvimento desta educação é fundamentada pelo fato do local compreender um ambiente disponível ao público, constituído por uma riqueza de acervo que é necessária para favorecer o crescimento cultural dos indivíduos envolvidos.

Desde 2000 o museu em parceria com o curso de Direito da Faculdade de ciências Humanas e Exatas do São Francisco – FACESF e do curso de História do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF vem desenvolvendo ações de acessibilidade e sendo palco de debates, em especial no curso de História, sobre temas como Memória, Identidade e Representatividade.

Segundo os dados fornecidos pelo museu, o espaço conta com artefatos materiais que remontam ao início do século XX no Brasil e conta a história de famílias que detinham status socioeconômico e comandavam politicamente a cidade de Belém do São Francisco. O coronelismo e o surgimento de oligarquias familiares explicam boa parte da história no contexto belemita, tanto que, parte dos objetos disponíveis no acervo dizem respeito às famílias XXX e YYY, que, devido sua contribuição, tanto do ponto de vista material (emprego de recursos financeiros) e histórico (papel nos eventos históricos relevantes para o município), definiram parte da identidade do belemita contemporâneo. A importância do museu não está apenas na representatividade, mas na atividade docente e científica, a partir dos encontros realizados e estudos dirigidos que permitiram uma boa experiência discente.

Dentre os anos de 2012 e 2013 foram realizados encontros semanais entre os alunos dos cursos de História e Direito da CESVASF e da FACESF, o museu Elísio Caribé sob a coordenação do Prof. Marcos Vasconcelos e tinha como principais objetivos a organização do espaço, catalogação de objetos, realização de pesquisas de natureza histórica, a fim de conhecer a natureza dos artefatos disponíveis e seu valor para a atividade científica, em parceria com professores da próprio CESVASF, bem como monitores do curso de História, além dos professores das escolas de ensino Fundamental e Médio do município de Belém do São Francisco, a fim de diversificar e promover a aquisição de conhecimento e experiência para a atividade docente e ainda a preparação do espaço e dos estudantes para o recebimento da comunidade para a realização de visitas, em especial das escolas do Ensino Básico.

As atividades desenvolvidas foram promissoras no sentido de conferir à atividade educacional e ao patrimônio histórico local uma nova perspectiva a partir da análise coletiva do material do acervo do museu Elísio Caribé. Esta atividade foi muito positiva da perspectiva educacional, o principal fruto desta iniciativa foi a elaboração de artigos e textos acadêmicos sobre o valor histórico dos objetos e as possibilidades de interpretação dos eventos históricos municipais sob a perspectiva dos seus próprios habitantes. Um desses trabalhos foi a publicação do projeto “Extramuros: uma viagem ao museu de Belém do São Francisco (PE).

O projeto representou um diferencial no contexto educacional e na agregação do museu como parte do arcabouço educacional disponível aos professores, pois desenvolveu competências e habilidades entre os estudantes do curso de História em especial as que envolvem a formação de habilidades pedagógicas e a

interdisciplinaridade, bem como competências para o desenvolvimento de produção científica na área de história aplicada à realidade do município, assim como permitiu uma maior integração entre os cursos de História e Direito fomentando a interdisciplinaridade existente em ambos, garantiu o ensino-pesquisa-extensão e promoveu um novo olhar sobre a importância da preservação de bens culturais e da identidade de um povo, superando preconceitos. Sobre a experiência, o relato da professora Msc. Geyza Kelly (completo em apêndice), participante do projeto, revela-se o seu impacto positivo no contexto da educação local:

(...) o que se verificou foi o despertar do interesse entre os estudantes sobre o patrimônio da cidade, principalmente, com a sistemática utilizada em que crianças e adolescentes apresentavam maior receptividade e interesse em acompanhar as atividades de visitação. As atividades pensadas em materializar as narrativas históricas e a do “Manuseio do Material” envolvendo os estudantes com a possibilidade de pegarem as peças, sentirem sua textura e analisá-los enquanto forma e função foram o diferencial da experiência museológica.

Por fim, a experiência no museu Elísio Caribé foi benéfica aos estudantes de licenciatura do CESVASF não apenas pelo aprendizado que se compartilha no ambiente escolar, como também abriu possibilidades para a promoção de aulas de campo, saindo do ambiente restrito à sala de aula, e permitindo novas experiências com pesquisas, possibilitando assim ao estudante do Ensino Básico a construção do conhecimento histórico de forma mais prazerosa, modificando o olhar sobre a sociedade e contribuindo para o respeito as diferenças sociais, econômicas e culturais. Sobre o espectro da experiência do ponto de vista dos alunos monitores, considera-se também a fala da aluna-monitora Dinaína:

(...) a experiência no museu Elísio Caribé foi benéfica aos estudantes de licenciatura do CESVASF não apenas pelo aprendizado que se compartilha no ambiente escolar, como também abriu possibilidades para a promoção de aulas de campo, saindo do ambiente restrito à sala de aula, e permitindo novas experiências com pesquisas, possibilitando assim ao estudante do Ensino Básico a construção do conhecimento histórico de forma mais prazerosa, modificando o olhar sobre a sociedade e contribuindo para o respeito as diferenças sociais, econômicas e culturais.

De fato, como expresso pela discente, a experiência com os museus pode impactar de forma positiva na prática cotidiana. Todavia, a sua expressão depende necessariamente da construção consciente dos modelos educacionais.

Os profissionais devem definir a função e importância da atividade como de fundamental necessidade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos a fim de que ela não seja vista apenas como um momento de recreação ou de fugacidade da sala de aula. Mas que representa bastante no desenvolvimento do conhecimento e senso crítico, como também na construção de um cidadão disciplinado, hábil, ético e que saiba valorizar o patrimônio de sua cidade.

A metodologia adotada para introduzir os alunos no Museu Elísio Caribé foi feita através de agendamento prévio de visitas para cada turma envolvida nas atividades, além da garantia de acesso gratuito ao museu para os alunos participantes do projeto e visitas monitoradas (Figura 4) para apresentação e estudo dos objetos históricos. O tempo de visitação estabelecido variava entre 1 hora e 1 h e 30 minutos.

O projeto aconteceu em duas etapas, inicialmente com o desenvolvimento de atividades pelos professores e monitores em sala de aula, que levam os alunos a entender a história da cidade de Belém do São Francisco através do patrimônio do museu e do seu acervo relatado de maneira teórica, como aconteceu, entre outros, com os alunos da Escola Estadual Monsenhor João Pires. Os professores titulares das disciplinas envolvidas, previamente, fizeram uma reunião para realizar a avaliação pedagógica da atividade e sua coerência juntos aos objetivos educativos da instituição escolar e, posteriormente, levaram à compreensão dos alunos sobre os objetivos da visita com base no que foi estabelecido na reunião, conscientizando-os com o que irão se deparar.



Figura 4 - Chegada ao Museu Elísio Caribé (Fonte: Manoel Júnior, 2013).

Cada profissional elaborou um plano de aula com base na sua experiência e forma de passar o conteúdo para a turma, mas este plano deve ser elaborado respeitando as individualidades do método de ensino presentes na proposta político-pedagógica da escola. A ideia era passar o conteúdo da realidade vivida no museu e instigar a curiosidade dos mesmos sobre a atividade e o museu deixando-os em uma zona de conforto e motivados para realizar a etapa prática.

Assim, realizou-se a visita dos alunos tendo como conteúdo privilegiado a história do município de Belém do São Francisco no século XIX, sendo previamente organizado pelos professores destes, um roteiro prévio de visita, o que, ao realizar-se a visita, o mesmo foi aplicado. O ingresso dos educandos (Figura 5) ao museu após tê-los orientado com o conteúdo que os preparou para esta atividade, sendo possível observar que as primeiras dúvidas e perguntas sobre o museu partiam voluntariamente deles.

O trabalho tem sido visto e utilizado pelos docentes do Ensino Fundamental e Médio belemita, como instrumento de alfabetização cultural, que tem possibilitado ao aluno compreender de maneira ainda incipiente o universo ao seu redor, suas relações sociais, suas origens e sua contribuição na manutenção do patrimônio cultural no ambiente a que ele pertence, como também fazê-lo visualizar a trajetória histórico temporal da sociedade em que ele está inserido. O mecanismo de ação do

trabalho busca desenvolver atividades que resgatem o significado do passado histórico, possibilitando a produção da memória coletiva e a percepção dos bens materiais e imateriais que compõem o patrimônio.

As análises dos dados do projeto comprovam que o mesmo foi excepcionalmente proveitoso



Figura 5 - Recepção dos alunos no Museu Elísio Caribé (Fonte: Manoel Júnior, 2017).

A ideia de romper os muros das escolas e incentivar a necessidade de desbravar o mundo além da estrutura física escolar, levando os alunos a conhecer e identificar outros espaços de aprendizagem diferentes dos quais estão habituados, denominados espaços não-formais. Assim, os alunos podem compreender que a educação, a construção do aprendizado e a busca pelo conhecimento não está delimitado pela sala de aula. Os museus podem ser identificados como locais de ensino informal e ainda possuem um papel discreto de extensão da sala de aula. No entanto, não se pode deixar de utilizar a sua função educativa como ferramenta agregadora na construção de conhecimento dos alunos.

No museu é possível encontrar ferramentas educativas que não são encontradas nas escolas e o projeto procura preencher esta lacuna, oportunizando às escolas o acesso ao laboratório vivo, rico em acervo histórico e cultural do Museu Elísio Caribé. Havendo grande potencial em incorporar esses conhecimentos às práticas educativas e estabelecer um vínculo entre os envolvidos para que haja a valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade, favorecendo a relação entre os alunos com sua própria herança histórica cultural. Considerando o potencial educativo, abrangência e repertório cultural do museu, busca-se romper qualquer distância que possa existir entre o que é exposto e o cotidiano dos alunos, estimulando o imaginário e fortalecendo o conhecimento através de experiências vividas por outros indivíduos em diversas épocas passadas.

A função do sistema educativo em levar para o conhecimento dos alunos, a cultura do passado ou do presente, seja ela local, regional, nacional ou global é bastante válida, visto que os alunos podem ter subsídios e parâmetros para compreensão de sua própria vida. Através da observação do que exposto nos museus os alunos são capazes de valorizar cada objeto e o que ele representa, passando desta forma elaborar o conceito de valorização cultural em sua mente.

O projeto tem possibilitado aos professores a identificação de aspectos referentes a melhorias em suas práticas educativas para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, pois com o projeto é possível trabalhar leitura e escrita dos alunos através de laboratórios apresentados pelos mesmos. Como também tem estimulado a socialização dos alunos fora do ambiente escolar, a integração da escola com a comunidade e possibilitado a avaliação do conhecimento adquirido além dos livros.

Para os alunos da graduação em atividades de estágio em docência foi possível vivenciar o trabalho de docentes juntos aos professores titulares das matérias tanto para a faculdade e também para as escolas da rede pública de ensino. Além de trabalhar a ideia de uma educação e aprendizagem construídas fora da sala de aula, este projeto influenciou bastante na formação dos futuros profissionais da educação. Proporcionando que estes fossem à campo pesquisar sobre museus, suas funções, a importância do Museu Elísio Caribé na história de Belém de São Francisco. Sendo possível registrar esses fatos, como também praticar todas as ações que eram propostas pelo projeto e vivenciar a satisfação dos

alunos das escolas públicas no âmbito do museu e conhecendo a história de sua cidade.

A percepção de que a aprendizagem vai além da sala de aula é automática, o projeto “Extramuros” faz jus ao seu título e provoca uma experiência de aprendizado. Fomenta a reflexão de que o conhecimento não existe apenas na sala de aula, dentro da escola. Então quando a teoria é trabalhada dentro da sala de aula e põe em prática um projeto como o “Extramuros”, fica fácil visualizar o seu funcionamento e o quanto o conhecimento resultante é nítido. Também pode-se observar a riqueza em conteúdo cultural de um trabalho que envolve estudantes, orientandos, estagiários e professores. O acervo do museu não é composto somente por objetos aleatórios, existe uma história por trás de cada peça e envolvem o âmbito do museu.

Os envolvidos possuem o museu como espaço alternativo de aprendizagem formal, elemento que poderá ser averiguado junto aos relatórios produzidos pelos docentes partícipes desse projeto, um aprendizado de extensão da sala de aula, sem excluir a sala de aula, que tem a sua função educativa bastante estabelecida no processo do conhecimento. O Museu Elísio Caribé representa um laboratório ativo da história e cultura de Belém de São Francisco. O projeto possui o seu potencial, imensidão, orgulha e satisfaz os envolvidos. Gerando influências na formação dos envolvidos, fomentando a paixão pela história local e por sua preservação.

As atividades iniciadas propiciaram a construção de uma visão lúdica e formativa dos alunos e dos professores sobre o espaço representado pelo museu. Ao discutir a temática foi possível fomentar o aumento de visitas aos museus, às instituições culturais e o desenvolvimento pleno da cidadania. Além de resgatar a história do município, apresentar moções de patrimônio e desenvolver princípios de educação patrimonial junto aos discentes, desenvolver a consciência histórica e o senso crítico dos jovens em desenvolvimento.

Os resultados positivos da iniciativa podem ser considerados a partir do exame do desempenho no Índice Nacional de Educação Básica (IDEBE) dos alunos da Escola Monsenhor João Pires e da escola Maria Emília Cantareli, na oitava série do Ensino Fundamental (9º ano) e no fim do Ensino Médio (3º ano), alvos do projeto em sua fase de execução.

A análise do desempenho da Escola João Pires em 2010 apontava a média de 3.75 pontos de desempenho geral no Ensino Fundamental e 2,73 pontos no Ensino Médio; em 2011, o colégio apresentou desempenho de 4.11 pontos no geral

no Ensino Fundamental e 2.60 no Ensino Médio; no ano da aplicação do projeto em discussão, 2012, após executadas as suas ações, a média dos educandos para o Ensino Fundamental foi de 4,71 pontos no Ensino Fundamental (0,8 pontos superior ao desempenho do ano anterior), e 3,33 pontos entre as turmas de Ensino Médio; em 2013, por sua vez, o desempenho para o Ensino Fundamental naquele colégio foi de 4,56 no Ensino Fundamental e 3.98 no Ensino Médio (FONTE: INEP, 2018).

A escola Maria Emília Cantareli também experimentou situação semelhante entre as notas do Ideb: em 2012 a escola contava com uma média de pontos de 3,86 no Ensino Fundamental e 3,33 no Ensino Médio; em 2013, por sua vez, o Ensino Fundamental registrou a média de 4.04 de desempenho do Ensino Fundamental, à parte de 3.11 de média neste período; em 2014, o desempenho do Ensino Fundamental foi de 4,45, ao passo em que no Ensino Médio de 3.66 pontos médios (INEP, 2018).

A evolução nas médias, especialmente a partir do ano de 2012 e 2013 reflete a modificação da conduta docente reflete a percepção da sensibilidade dos educadores ao experimentar e aplicar no contexto da educação formal contemporânea, já que ela são mantenedores, também o arcabouço social encontrado, entre outros no museu.

3.1 Resultados apresentados pelo projeto.

O projeto intermuros teve como principal espaço de atuação, duas escolas municipais: a escola Monsenhor João Pires e a Escola Maria Emília Cantareli, escolas estaduais com tradição de mais de 40 anos na comunidade belemita.

O objetivo principal do projeto foi desenvolver o tema da valorização do patrimônio cultural, o principal pilar da educação patrimonial, assim como sua preservação. Como metodologia adotada, optou-se pela visitação do acervo e seu conhecimento, por parte dos educandos, sob a supervisão dos professores a fim de haver um maior rendimento dos educandos.

O procedimento metodológico do projeto foi organizado em duas etapas. Na primeira etapa, se estimulou que os professores desenvolvessem em sala de aula atividades que envolvessem o patrimônio histórico-cultural local, sob a perspectiva do acervo do museu.

O segundo momento envolveu a visitação monitorada às dependências do museu, a fim de que os educandos pudessem apreciar o acervo e valoriza-lo como parte do patrimônio que define a sua individualidade e a particularidade do município – um dos pilares da educação patrimonial praticada dentro do contexto da sala de aula.

A pesquisa abrangeu um total de 162 educandos do Ensino Fundamental e Médio de ambas as escolas, e um total de 04 professores de ambas as instituições, os quais participaram ativamente das atividades propostas pelo projeto em questão.

Uma das metas buscadas com o projeto intermuros foi a melhor apreensão do aprendizado em nível do conhecimento histórico-patrimonial sobre a importância do acervo do Museu Elísio Caribé na História de Belém do São Francisco, tendo em vista a sua relevância historiográfica não apenas em plano local, mas também regional.

Um questionamento sobre o projeto diz respeito à sua aplicabilidade e aos seus resultados. Os resultados de um projeto dessa natureza se projetam em muitas dimensões: ideológicas, na medida em que fundamenta o aprendizado de valores locais, históricos, no contexto da realização de resgate historiográfico a partir do acervo cultural local, não se pode esquecer também da dimensão educacional. Esta, por sua vez pode ser observada sob diversos aspectos. Nesse contexto resolveu-se tomar como referência o desempenho da escola nas habilidades da disciplina de História nos anos de 2011 a 2015.

É evidente a evolução na competência História da avaliação do Saeb em ambas as escolas. A análise demonstrou que o Ensino Médio da escola Monsenhor João Pires saltou de 4,86 pontos no Ensino Fundamental e 3,86 no Ensino Médio em 2014 para média de 4.90 no Ensino Fundamental e expressivos 4,40 pontos no Ensino Médio, até 5.9 pontos no segundo semestre de 2015, havendo decréscimo de média devido a fatores internos apenas no Ensino Médio, que fechou 2015 com média de 3,68 pontos em 2015.

A outra participante do projeto também teve significativo avanço percebido. A escola Maria Emília Cantarelli, sendo a mais proativa na pesquisa, trabalhando a linha de pesquisa patrimonial de maneira direta, com base no projeto Extramuros, registrou uma evidente evolução nas habilidades trabalhadas no ensino de História. Em 2011 a escola registrou média de 3,86 pontos no Ensino Fundamental (9º ano) e 3,44 pontos no Ensino Médio em 2011, apresentou decréscimo em 2012 no Ensino

Médio, conquistando 3.33 pontos, mas mantendo melhorias no Ensino Fundamental, com 3,98 pontos médios; em 2013, embora o índice tenha reduzido ainda mais para o Ensino Médio, com 3,11 pontos médios, o Ensino Fundamental dentro do Intermuros logrou êxito, com 4.04 pontos na avaliação estadual. Em 2014, todos os ensinos engajaram-se com o projeto e sua proposta, perfazendo o Ensino Médio da instituição na competência História um total de 3,66 pontos e o Ensino Fundamental uma média de 4,45 pontos, ajustando 2015, último ano da análise com 3.83 pontos do Ensino médio a maior pontuação em cinco anos, e 4,00 no Ensino Fundamental, uma pontuação também considerada excepcional.

Os resultados podem ser interpretados pela perspectiva do poder educador dos museus, conforme preceitua Maltês (et al., 1999), que reconhece na educação patrimonial um enorme potencial para a produção de conhecimento genuíno. O modelo aplicado respeita a métrica de identificação com o patrimônio local, sua análise crítica e sua alocação em momento histórico específico, permitindo assim que o educando possa compreender a dinâmica que o cerca e possa aplicar os conhecimentos da maneira mais aberta possível ao seu contexto de estudo.

Os dados apresentados também evidenciam que o conhecimento formal, o que surge dentro do controle do Estado sobre a educação, é uma importante via de demonstração da eficácia do ponto de vista da educação patrimonial. Este aspecto demonstra que, como afirma Farias (2000), o fato de o museu lidar com objetos mnemônicos estáticos, demonstradores de uma realidade temporal específica, não é óbice tal condição para que exista barreiras relevantes à educação contemporânea.

A forma com que o acervo se relaciona com os sujeitos vai além dos dados empíricos demonstrados. O grande diferencial da educação patrimonial no modelo adotado na realidade de pesquisa em Belém do São Francisco (PE), é que a fascinação e o efetivo valor social do acervo material é parte contributiva importante na formação da chamada “identidade cultural” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 59), ou seja, os inúmeros laços que unem os sujeitos à realidade social passam pelo patrimônio, e são constantemente remissivos no contexto da sala de aula.

Estes aspectos, que representam o potencial dos museus como parte do processo educativo, dentro do projeto Intermuros, realizam importante vínculo entre os sujeitos e a realidade local, a tessitura da realidade em que os sujeitos coexistem, como fundamenta Ballard (2006, apud NOGUEIRA), pois mantêm relação intrínseca com uma série de valores importantes, que remontam tanto à questão do patrimônio,

quanto da história, e são fundamentais, especialmente no modelo globalizado de cultura que se vivencia contemporaneamente.

Discutiu-se nesse projeto, à luz do pensamento de VALENTE, CAZELLI e ALVES, (2005) a dimensão globalizada e seus impactos sobre a cultura e sobre a identidade cultural, desvelando a questão da perda desta pela mescla de símbolos e o enfraquecimento da identidade local, fenômeno que atinge muito mais severamente as comunidades pequenas, como Belém do São Francisco. Em contrapartida, a atividade de valorização do patrimônio (educação patrimonial) permite o resgate arquetípico da identidade principal e da sua manutenção, valorização e proteção dos vínculos, permitindo uma diminuição ou mesmo enfraquecimento dos efeitos nocivos da Globalização sobre a identidade e, conseqüentemente, viabilizando o crescimento e o progresso de pequenas comunidades como Belém do São Francisco (PE).

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou analisar a contribuição do museu Elísio Caribé na valorização da preservação patrimonial e educação junto às escolas do município de Belém do São Francisco-PE. Este estudo aborda o conceito de educação patrimonial, alinhando-o com a perspectiva da educação e da formação da identidade cultural.

A pesquisa, sobre a importância do museu Elísio Caribé, situado no município pernambucano de Belém do São Francisco buscou analisar a importância das relações presentes entre os museus e a educação no processo de configuração da identidade cultural a partir da valorização dos objetos culturais como parte da formação da identidade cultural, em um processo capaz de resgatar valores, representações simbólicas e elementos subjetivos importantes para uma comunidade.

A pesquisa apresentou como arcabouço prático para a justificação do contexto de sua aplicação, a execução do Projeto Intermuros, de elaboração deste pesquisador, em parceria com duas escolas municipais no município de Belém de São Francisco (PE), localizado no submédio São Francisco.

Entre os objetivos do projeto estavam a revitalização do contexto cultural local e a integração entre o museu e a educação em nível fundamental e médio no município. A hipótese principal foi a de que o museu, como alternativa às atividades educacionais direcionadas pelo público discente participante do projeto, poderia se tornar uma possibilidade viável para a ampliação do rendimento escolar e para a valorização dos aspectos históricos que fundamentam a sociedade em que os sujeitos vivem.

Como resultados, observou-se que o museu Elísio Caribé encontrava-se em estado de semiabandono, porém, com a execução do projeto, não apenas foram recuperados os danos causados pelo afastamento das exposições e dos ambientes com condições estruturais e climáticas mais favoráveis não foram suficientes para destituir as peças do acervo da sua beleza estética e do seu valor enquanto peças representativas de uma cultura e da sua força.

O trabalho obteve como resposta avanços com relação à visão da comunidade por meio da maior atuação do corpo docente das escolas contempladas

com o projeto, em contraposição às condições necessárias para a aquisição de melhores mecanismos de aprendizagem. Os resultados puderam ser vistos tanto na prática, como se observou pela interação e pelo desejo de participar daquele espaço completamente novo, como alternativa para a educação escolar, quanto na perspectiva da evolução nos índices oficiais de avaliação do estado.

A perspectiva da educação patrimonial, concentrada na valorização de objetos e manifestações que representam o contexto da realidade dos sujeitos participantes da pesquisa, foi contemplada adequadamente, uma vez que a recuperação do acervo do museu Elísio Caribé permitiu que diversos atores sociais, alunos, professores, profissionais envolvidos com a criação e adaptação de estruturas, etc. passassem a compreender o imperativo que representa o acervo em questão, consolidando seu valor face a diversidade de elementos que o compõem.

O projeto, portanto, privilegiou a educação formal no município em questão, somando experiências docentes com o contexto do patrimônio do museu, permitindo, como se analisou nos dados da pesquisa, uma melhora significativa a médio prazo, na qualidade do ensino de história no município de Belém do São Francisco (PE), comprovando a eficácia de iniciativas dessa natureza na melhoria da qualidade do ensino e na valorização e preservação do patrimônio cultural local vinculado aos seus objetos simbólicos, estimulando, dessa forma, nos municípios que já têm, a reflexão sobre a utilização de museus como ferramenta pedagógica, e os municípios que não dispõem, que sejam capazes de se mobilizar no intuito de conseguir conquistar um museu, já que a identidade cultural, como analisado, é uma característica em risco, face as constantes influências no contexto globalizado contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. C. T. M. de. **Identidade cultural, educação e museus: desenvolvendo a educação patrimonial na escola.** Revista Observatório da Diversidade Cultural Volume 3, Nº1, 21-28, 2016.
- ALMEIDA, A. M. **Desafios da relação museu-escola.** In: revista Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP. Moderna. Ano III,n.10, set./dez. 50-56, 1997.
- ALMEIDA, R. A. da.; MOREIRA, L. P. **A relação museu/escola e as potencialidades pedagógicas de um museu de artes.** Plures humanidades (Ribeirão Preto) ON LINE, v.16, 171-186, 2015.
- ALUCCI, R. R. **Consumir as cidades históricas.** VI Congresso Internacional Comunicação e Consumo. São Paulo, Outubro, 2014.
- AZEVEDO, L. M. S. de; LIMA, C. V. F. de M.; BREDÁ, D. O. **Ação de Educação patrimonial no Sertão do Pajeú.** In.: Barrio, Ángel Estina (org). Inovação Cultural, Patrimônio e Educação. Recife: Ed. Massangana, 2010.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo. Perspectiva. 2007.
- BARRETO, S. A. M. **A história do cangaço enquanto atrativo turístico: o caso do produto Xingó (Canindé do São Francisco-SE).** 136f. 2004. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA.
- BINA, E. D. **Museus: espaços de comunicação, interação e mediação cultural.** Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2, pp. 75-86, 2014.
- BITTENCOURT, J. N. **As coisas dentro da coisa: observações sobre museus, artefatos e coleções.** In: Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual. Organizadores: Flávia Lemos Mota de Azevedo; Leandro Pena Catão; João Ricardo Ferreira Pires. 2009.
- BRANDÃO, C. R. **Cultura, educação e interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torna-las educativas.** In: BRANDÃO, C. R. et al. O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.
- CAMPOS, C. S. **Rio São Francisco: o rio da injustiça ambiental.** IV Encontro nacional da ANPAS. 04-06/06, 2008. Brasília-DF, 1-15p.
- CERQUEIRA, F. V.; MACIEL, L. L.; SCHWANZ, J. K.; ZORZI, M. **Considerações conceituais e metodológicas sobre projetos de educação patrimonial.** Arqueologia Pública, Campinas, 20-31, n. 4, 2011.

CHAGAS, M. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação.** In: TOLENTINO, A. B. Educação patrimonial: educação, memórias e identidades. João Pessoa: Iphan, 2013.

CLAUDINO, C. A. **O conceito de patrimônio e patrimonialização da cultura: Considerações sobre educação patrimonial no âmbito dos museus.** Revista RETC 13. Ed. 7-15, 2013.

COMÊNIO, J. A. **Didática Magna – Tratado da Arte Universal de Ensinar tudo a todos.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

CONSIDERA, A. F. **Museus de História Natural no Brasil (1818-1932): uma revisão bibliográfica.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho/ 2011.

COSTA, E. P. **Princípios básicos de museologia.** Coordenação do Sistema Estadual de Museus. Secretaria de Estado da Cultura. Curitiba-PR. 100p. 2006.

CURRY, M. X.; BARRETO, M. I. **Estudo sobre centros e museus de ciências – subsídios para uma política de apoio.** 35p. São Paulo: 2000.

DABUL, L. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 257-278, jan./jun. 2008

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia.** Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

DIAS, I.S. **Competências em Educação: conceito e significado pedagógico.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. v.14, n.1, 73-78, Janeiro/Junho de 2010.

DIMENSTEIN, D. **Educação patrimonial, memória e cidadania: a experiência dos professores de história da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes – PE.** 44f. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) Universidade Federal da Bahia, Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, Fundação Joaquim Nabuco, Universidade de Pernambuco. Recife-PE.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Fundamentos estéticos da Educação.** 3 ed. 150p. Campinas, SP, 1994.

FALCÃO, A. **Museu como lugar de memória.** In: BRASIL, Ministério da Educação (2009), Museu e escola: educação formal e não-formal. Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.

FACESF. **Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco** Disponível em: <http://www.facesf.com.br/historico> Acesso em: 24/04/2017

FERRAZ, T. V. **A formação da sociedade no sertão pernambucano: trajetória de núcleos familiares.** 87f. 2004. Dissertação (Mestrado em História do Norte e Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

FRONZA-MARTINS, A. S. **Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte.** Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/198/195>. Acesso em 12 de maio de 2017.

HEIN, G. E. **Learning in the Museum,** Londres-Nova York, Routledge, 1998, p. 3.

HERNÁNDEZ, F. **"Museos, Multiculturalidad e inclusión social."** II Seminario, 2010.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HOOPER-GREENHILL, E. **Los museos y sus visitantes.** Madri, EdicionesTrea, 1998.

IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos** / texto de Sônia Rampim Florêncio, Pedro Clerot, Juliana Bezerra e Rodrigo Ramassote. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

JULIÃO, L. **Museu, patrimônio e história: cruzamentos disciplinares.** XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. João Pessoa-PB, 2015. ISSN 2177-3688.

KUPPER, A. **Educação brasileira: reflexões e perspectivas.** Revista Terra e Cultura, ano XX, Nº 39, p. 50-60, 2004.

LIBEDIDINSKY, M. **Os museus e as escolas: da visita turística à visita de descoberta.** In: LITWIN, E. et al. Tecnologia educacional: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES, J. T. **Museus e territórios educativos de intervenção prioritária: um triplo jogo.** Departamento e Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal In: Observatório dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (FSE/CED/83553/2008).

LOURENÇO, M. C. F. **Museus acolhem o moderno.** São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1999.,

LUCENA, Z. M. L. de. **Educação em Belém do São Francisco.** In: CD de Belém de São Francisco, v.1, 2007.

LÜCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 143p. 2009.

LUZ, N. C. do P. **Bahia, a Roma Negra: Estratégias Comunitárias e Educação Pluricultural**. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 13, p. 45-62, jan./junho, 2000

MAGALHÃES, A. E. **A questão dos bens culturais no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Fundação Roberto Marinho, 1997.

MAZZILLI, H. N. **A defesa dos interesses difusos em juízo**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MALTÊS, C. R.; SOBRINHO, C. P. C.; BITTENCOURT, D. L. A.; MIRANDA, K. dos R.; MARTINS, L. N. **Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural**. *Pedagogia em ação*. v. 2, n. 2, 1-17, 2010.

MARANDINO, M. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP.: Geenf/FEUSP, 2008.

MARTINS, L. C. **A relação museu/escola teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao museus de zoologia da Universidade de São Paulo**. 245f. 2006. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação da universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

MARTINS, C. E.; BARACHO, R. M. A.; BARBOSA, C. R. **Os museus na era da informação: análise do uso de recursos tecnológicos**. 40º Colóquio Íbero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte-MG, 26-28 de setembro de 2016.

MELLO, F. P. **Guerreiros do sol: violência e banditismo**. 2 ed. São Paulo: A Girafa, 2004.

MENDES, J. M. A. **O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais**. Sep. Da Revista Didaskalia, 29 – fasc. 1 e 2, 667-692, 1999.

MENDES, J. A. **Estudos do patrimônio**. Museu e educação. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MORAES, C.C.P. et. all. **O Ensino de História e a Educação Patrimonial: Uma Experiência de Estágio Supervisionado**. *Revista da UFG*. vol. 07, no. 02, dez. 2005.

OLIVEIRA, L. **Cultura é patrimônio: Uma guia**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2008.

OLIVEIRA, J. C. A. de. **O museu na era do ciberespaço**. Ciberlegenda 1-18, out/2007.

OLIVEIRA, L. L. **Patrimônio ontem e hoje: o caso brasileiro**. Historiografias portuguesa e brasileira no século XX: olhares cruzados. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

PACHECO, R. de A. **Ensino Escolar de História como Alfabetização Humanística**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 116 a 123, jul./dez. 2009.

PRASCH, H. **Musées régionaux, musées locaux: que dialogue?** Museum, n.º 175, 1992.

PEIXOTO, A. L. R. **Museus regionais**. Revista de Portugal, vol. III, n.º 14, Porto, Novembro de 1890, pp. 184-194.

REIS, B. S. S. **Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida**. 2005. 106f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.

ROSA, V. T. **Dispensas nas aulas de educação física do ensino médio: entre a necessidade real e o uso indiscriminado da lei**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.

SANTOS, M.C.T.M. **Museu e educação: conceitos e métodos**. Ciências & Letras, Porto Laegre, n. 312, 207-323. Jan. ;jul. 2002.

SANTOS, M. S. dos. **Museus brasileiros e política cultural**. RBCS Vol. 19 nº. 55, 54-72. junho/2004.

SCHOENARDIE, F. W. **Memória em ação: a importância do Museu, da preservação e utilização da memória no espaço escolar**. História Unicap, v. 3 , n. 6, jul./dez. de 2016

STONE, D. **Preservice Art Education and Learning in Art Museums**. The Journal of Aesthetic Education, 28 (3), 105-115, 1996.

STRAUSS, L. L. **Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para proteção dos bens imateriais**. In: Tempo Brasileiro, nº 147, out/dez 2001.

TOMAZ, P. C. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. v. 7, n. 2. 2010.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. **Museus, ciência e educação: novos desafios**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 12 (supplement), p. 183-203, 2005.

VALENTE, M. E. **Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem**. 1995. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro.

VARINE, H. de. **Decolonising Museology**. ICOM NEWS, nº3, 2005. p3. In: SOARES, Bruno César Brulon. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. Revista Eletrônica Jovem Museologia – Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio. Ano 01, nº. 02/ agosto de 2006.

XANTHOUDAKI, M. **Museum and gallery education programmes: learning process and contribution to art education.** *Journal of Education in Museums*, n. 18, 29-31, 1997.

ZELLER, T. **Museums and the Goals of Art Education.** *Art Education*, 40(1), 50-55, 1987.

APÊNDICES



Projeto de Extensão Extra Muros

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Profa. Msc. Geyza Kelly Alves Vieira

No ano de 2010, na Faculdade de Ciências Humanas e Exatas e do Sertão do São Francisco, o Museu Elísio Caribé retomou as suas atividades com a criação do Projeto de Extensão intitulado Extra Muros, coordenado pelo professor Marcos Vasconcelos, que promoveu a parceria entre as instituições de ensino superior da Cidade de Belém do São Francisco com o trabalho de monitoria dos alunos do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco- CESVASF. O projeto Extra Muros tinha como objetivos a reativação do único museu da cidade de Belém de Belém do São Francisco; desenvolver atividades de extensão de educação patrimonial nas instituições de ensino superior e provocar o despertar da comunidade belemita, através do público escolar, sobre a importância do patrimônio material da cidade.

O projeto foi formatado em 3 etapas: a primeira com a reativação do museu com a seleção do acervo na escolha das peças mais apropriadas para serem colocadas em exposição e organização da exposição tendo como temas: objetos do cotidiano; a relação com o sagrado; e imagens do passado. A segunda etapa voltou-se para a preparação dos alunos de graduação do curso de História do CESVASF, com oficinas de conhecimento do acervo, adequação da linguagem e transmissão das informações durante as visitas, e condução das atividades no espaço do Museu. E por fim, a terceira etapa foi desenvolvido o processo de comunicação e parceria com as escolas das redes estadual e municipal de ensino para o desenvolvimento do projeto de visitação do museu Elísio Caribé.

A metodologia do Projeto Extra Muros passou a ser desenvolvido em função de 04 atividades: inicialmente ainda nas escolas, a primeira atividade se deu em conversas com os alunos e professores das escolas envolvidas no projeto sobre a proposta e roteiro de preparação para a visita, assim a cultura de visitação de museu já perdida em virtude da ausência de tal atividade na cidade pudesse ser restaurada. Já no Museu Elísio Caribé, as crianças e adolescentes eram inseridos em três atividades seguindo a proposta das salas temáticas com atividades de: “Ouvindo sobre o passado”, com a roda de histórias, com alguns objetos do acervo ilustrando as narrativas, de homens e mulheres de destaque ou anônimos da cidade; o “Manuseio de material ou sensibilização tátil” de acervo específico para tal atividade, geralmente peças da reserva técnica e que não se quebram com facilidade; e

a “Visita Monitorada” consta de um passeio pela exposição permanente com o acompanhamento de um monitor, que fornece as explicações necessárias.

Todas as atividades supracitadas foram desenvolvidas pelos alunos-monitores do Curso de História do CESVASF envolvidos no Projeto de Extensão. A oficina “Ouvindo sobre o passado” foi construída pelos alunos graduandos com o monitoramento do professor Marcos Vasconcelos que também estruturou a atividade de “Visita Monitorada. A atividade de “Manuseio de material ou sensibilização tátil”, ficou sob a coordenação da professora Geyza Alves, em selecionar e orientar aos alunos monitores no direcionamento da manipulação adequada nas peças.

Ao final das atividades, os professores das escolas eram convidados para avaliar todo o processo de visitação do Museu Elísio Caribé, tendo assim coletado depoimentos dos docentes, e, o que se verificou foi o despertar do interesse entre os estudantes sobre o patrimônio da cidade, principalmente, com a sistemática utilizada em que crianças e adolescentes apresentavam maior receptividade e interesse em acompanhar as atividades de visita o. As atividades pensadas em materializar as narrativas históricas e a do “Manuseio do Material” envolvendo os estudantes com a possibilidade de pegarem as peças, sentirem sua textura e analisá-los enquanto forma e função foram o diferencial da experiência museológica.

Importa frisar que com a mudança da sede do museu em 2013 para um outro casario, o acervo, infelizmente, não recebeu o cuidado necessário no transporte e acondicionamento de peças e, mais uma vez, o projeto de visita o precisou ser suspenso para que se fizesse um novo trabalho de seleção, restauração e adequação do acervo em novo espaço.

  necessário salientar que antes do Projeto Extra Muros, O Museu Elísio Caribé não possuía procura da população para visitação convencional. O Museu Elísio Caribé, nos dois anos que o Projeto foi implantado, atendeu escolas com o total de XX estudantes. Para o grupo de monitores, foi experiência significativa na preparação do acervo, e na capacitação de desenvolver vistas museológicas significativas, complementando seus estudos acadêmicos. E como fruto desse projeto de extensão foi aberta uma linha de pesquisa de História Local e Patrimônio no Departamento de História e que em 2016 culminou, juntamente com o Departamento de Geografia e Biologia, na produção do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Pablo Michel Cândido Alves de Magalhães, de um Atlas dos municípios de abrangência do CESVASF: um resgate Geográfico, Histórico e Biológico, onde a história e a cultura material se faz presente.

Belém do São Francisco, 08 de janeiro de 2017.

A importância do Projeto Extra Muros do Museu Elísio Caribé

Elaborado por: Dinaina Freire de Lima

Formada no curso de Licenciatura em História (2012-2015)

O Museu Elísio Caribé, localizado na cidade de Belém do São Francisco-PE foi criado em (2000) e a partir desse momento vem até os dias atuais representando a comunidade belemita por meio do seu acervo material. Desde (2000) o museu em parceria com o curso de Direito da Faculdade de ciências Humanas e Exatas do São Francisco – FACESF e do curso de História do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF vem desenvolvendo ações de acessibilidade e sendo palco de debates, em especial no curso de História, sobre temas como Memória, Identidade e Representatividade.

O espaço conta com artefatos materiais que remontam ao início do século XX no Brasil e conta a história de famílias que detinham status socioeconômico e comandavam politicamente a cidade de Belém do São Francisco. A importância do museu não está apenas na representatividade, mas na atividade docente e científica, a partir dos encontros realizados e estudos dirigidos que permitiram uma boa experiência discente.

Dentre os anos de 2012 e 2013 foram realizados encontros semanais entre os alunos dos cursos de História e Direito no museu Elísio Caribé sob a coordenação do Prof. Marcos Vasconcelos e tinha como principais objetivos a organização do espaço, catalogação de objetos, realização de pesquisas para a atividade científica, aquisição de conhecimento e experiência para a atividade docente e ainda a preparação do espaço e dos estudantes para o recebimento da comunidade para a realização de visitas, em especial das escolas do Ensino Básico.

As atividades desenvolvidas foram promissoras, pois desenvolveu competências e habilidades entre os estudantes do curso de História, permitiu uma maior integração entre os cursos de História e Direito fomentando a interdisciplinaridade existente em ambos, garantiu o ensino-pesquisa-extensão e promoveu um novo olhar sobre a importância da preservação de bens culturais e da identidade de um povo, superando preconceitos.

Por fim, a experiência no museu Elísio Caribé foi benéfica aos estudantes de licenciatura do CESVASF não apenas pelo aprendizado que se compartilha no ambiente escolar, como também abriu possibilidades para a promoção de aulas de campo, saindo do

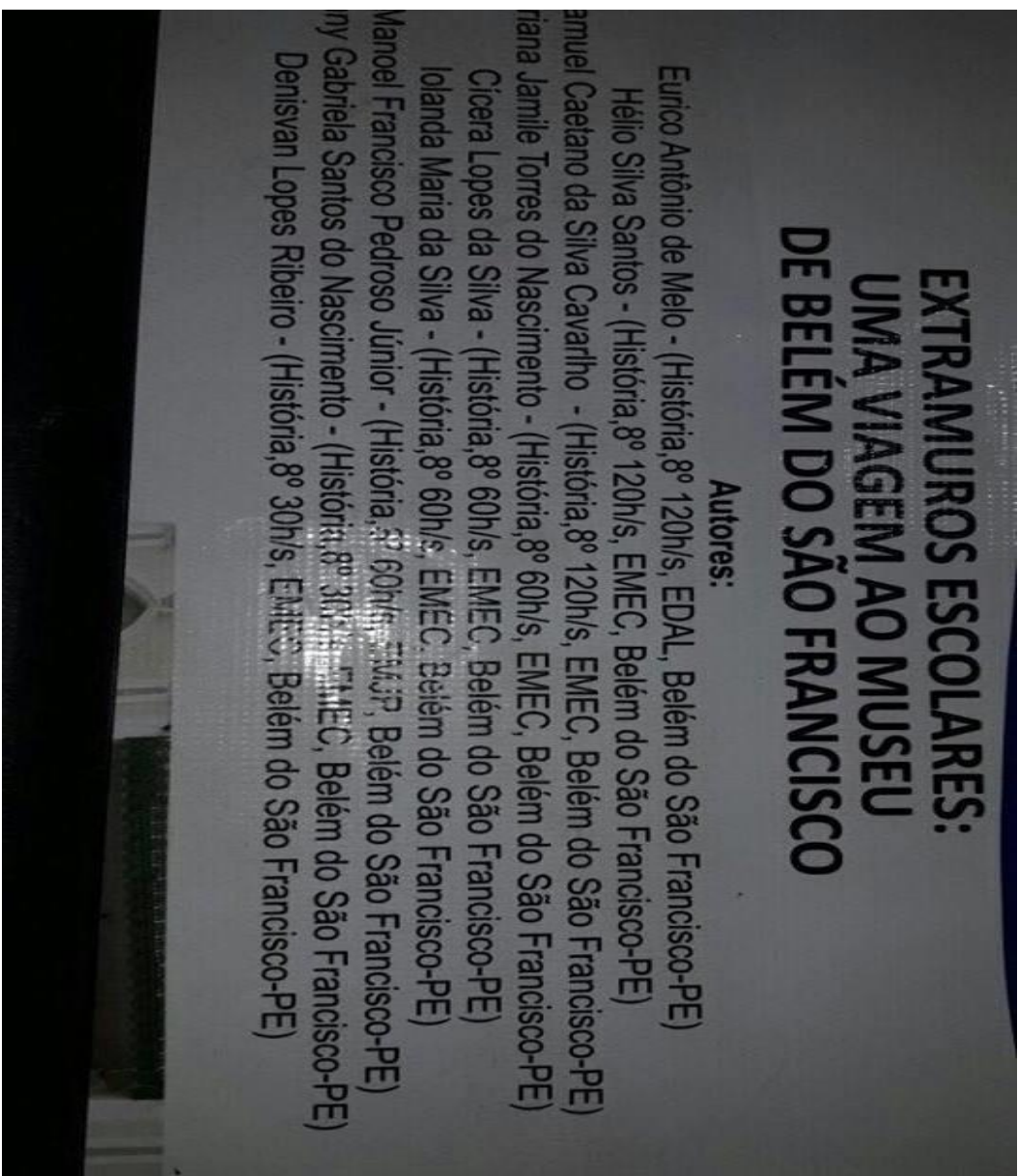
ambiente restrito à sala de aula, e permitindo novas experiências com pesquisas, possibilitando assim ao estudante do Ensino Básico a construção do conhecimento histórico de forma mais prazerosa, modificando o olhar sobre a sociedade e contribuindo para o respeito as diferenças sociais, econômicas e culturais.

SILVA, I.M. (Iolanda Maria da Silva), O Projeto de extensão Extramuros Escolar: uma viagem ao museu de Belém do São Francisco promoveu a construção de conhecimento sobre o patrimônio cultural, histórico e natural nos espaços não formais na cidade de Belém do São Francisco com alunos do ensino fundamental das escolas Estaduais Maria Emília Cantarelli e Monsenhor João Pires, foi uma iniciativa de cunho educativo desenvolvido por graduandos do departamento de História do CESVASF no ano de 2012, sob Orientação do Professor Marcos Antônio de Vasconcelos, Considerando o museu uma ferramenta potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade do ensino escolar esta proposta de projeto interdisciplinar – *Extramuros escolar: uma viagem ao museu de Belém do São Francisco*, teve a finalidade de contribuir para uma compreensão do que é educação patrimonial. Assim, ao escolher os museus como laboratório para atuar o debate de patrimônio se fez por acreditar que este espaço se apresenta como local de extrema riqueza de acervo e potencialidade para a formação educacional e cultural, produzindo um âmbito de educação que se tornou viável tanto para os alunos envolvidos como para minha formação acadêmica, fazendo com que me tornasse uma profissional habilitada a compreender a educação fora do espaço escola levando meus alunos a viver e experimentar experiências notórias de aprendizagem dentro do processo histórico estudado.

Desta forma, visto que o museu é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia para a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Nesse sentido, buscar-se trabalhar a significatividade do passado histórico formando sujeitos que compreendam os mecanismos de produção da memória coletiva como também percebam os bens que compõem o patrimônio como novos objetos do ensino de história, respeitando-os e preservando-os. Assim a minha função como professor em adapta esse mecanismo em minhas aulas proporcionaria cada vez mais para meu aluno a oportunidade de vivenciar e aprender a importância que a história tem e o quanto vale preservar.

ANEXOS

Fotos do Banner científico exposto ao PROUPE





Museu de Belém do São Francisco - PE

Objetivos:

O projeto Extramuros Escolar "Uma Viagem ao Museu de Belém do São Francisco", tem como objetivo principal desenvolver o tema a valorização do patrimônio cultural. Através da observação dos acervos expostos no museu os alunos tiveram a oportunidade de identificar a importância dos mesmos para o estudo sobre a história local.

Procedimentos metodológicos:

O projeto acontece em duas etapas:

1. Desenvolvimento de atividades pelos professores e alunos em sala de aula que levem o aluno a conhecer a história da cidade de Belém do São Francisco através do patrimônio, do museu e de seu acervo.
2. Visitação dos alunos ao Museu - visita monitorada. Os momentos finais da monitoria são dedicados a atividades lúdicas como jogos e brincadeiras. Local: Museu de Belém do São Francisco - PE.

Resumo:

Considerando que os museus têm potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade do ensino escolar esta proposta de projeto interdisciplinar – *Extramuros Escolares: Uma Viagem ao Museu de Belém do São Francisco*, tem a finalidade de contribuir para uma compreensão do que é educação patrimonial. Assim, ao escolher o museu como laboratório para atuar o debate de patrimônio se fez por acreditar que este espaço se apresenta como local de extrema riqueza de acervo e potencialidade para a formação educacional e cultural.

Assim, espera-se que esse trabalho seja instrutivo para a "efetivação cultural" que possibilite ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia. Para isso, a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido, é necessário. Assim, buscando-se com esse projeto trabalhar a significativa do passado histórico, permitindo sujeitos que compreendam os mecanismos de produção da memória coletiva como também percebam os bens que compõem o patrimônio como novos objetos do ensino de história, respeitando-os e preservando-os.

Objetivos:



Alunos Visitantes das Escolas Estaduais

Considerações Finais:

A escola é uma instituição social que deve promover situações de aprendizagens que permaneçam por toda a vida.

Tem-se muito a visão de que o mais importante é trabalhar conteúdos escolares, esquecendo-se da formação humana, dos valores morais que um sujeito deve ter, das questões de cidadania.

Hoje em dia, fala-se muito em interdisciplinaridade, a forma de se juntar diferentes conteúdos em um único projeto educativo, os passeios são formas de se ajustar as necessidades da educação.

Para se fazer uma visita a um museu é interessante fazer a relação entre o conteúdo de história, artes, ciências, e até mesmo da própria matemática.

O importante é a escola se estruturar, não fazendo apenas mais um passeio, mas dando especificidade ao mesmo, através de uma proposta pedagógica que vise a integração do trabalho pedagógico à experiência concreta, vivida.

Referências Bibliográficas:

Referências Bibliográficas:

Patrimônio Cultural: Experiência plurais/organizador Saul Eduardo Sieguer Milder, Josiane Roza de Oliveira - Santa Maria Polini 2008.

Chavez, François, 1925- A alegoria do Patrimônio/ François Chavez Tradução de Luciano Viera Machado, 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP 2006

Patrimônio Cultural da memória ao sentido do lugar / Luciana Martins, organizador - São Paulo: Roca 2006

Tel: 87-3876-1248 / 1033

Coordenador do Projeto: Prof. Marcos Vasconcelles

www.cesvasf

1

Denominação	Origem	Doador	Data
Aculejo	Casa de N. Senhora	Sitônia Carvalho	1792
Caixa de música	Ana Roriz	Manete e irmãos	1870
Imagem de N. Senhora	Odilom Alves Barros	Ibrantina e Donana	1821
Espelho e Mantegueiro	"	"	1871
Esc. Vas. Panela D'água	Manoel Lopes Diniz	Diadita e Nivaldo	1751
Goalha de barbear	Giburtino Carvalho	Diadita	1821
Picora	Odilom Alves Barros	Ibrantina e Donana	1821
Parte de farda	Ep. Luís Rodrigues	Diadita	1790
2 pares de luvas	Manoel Francisco	Valdemar Carvalho	1820
Sedra	Índios Cariris	Diadita	1800
Cesta	Enchaval do Cas. de Eitorino	Clara Rosa de Carvalho	1279
Fogueiro	Ana Gires	Horcelina Gires	1865
Engenho de fiar	Flor Bela M ^a Assunção	Sulina Carvalho	1870
Barra de saia	Silistmina Gires	Horcelina Gires	1879
Lachimbo de Prata	Benedito A. C. Barros	Sitônia Carvalho	1820
Algemas	Manoel Salvador da Cruz	Diadita e Nivaldo	1840
Chave da 1 ^a casa Belém	João de Sá		
Sechadura e chave	Casa da roça	Norberto Alves	1872
Imagem de madeira	Ana Lima C. Gires	Aurea Gires	1868
Santuário	Ana Lima C. Gires	Aurea Gires	1868
Crucifixo	Ana Lima C. Gires	Aurea Gires.	1868
Casal de bonecos	Etelvina Loustosa	Lelecina e Bezinha	1874
Cartola	Antônio Felipe da Cruz	Janilda	1874
Kala	Olegário Gires	Sitônia Carvalho	1883
Santuário	Senhora Belfort	Dinorá A. Carvalho	1893
Campeão	Senhora Belfort	Dinorá A. Carvalho	1893
Lachimbo	Senhora Belfort	Dinorá A. Carvalho	1893
Pevidido	Sury Belfort	Dinorá A. Carvalho	
Bule	M ^a Alves Carvalho	Doralice A. Carvalho	1893
Goalha de Bafizado	Olegário Gires (filhos)	Sitônia Carvalho	1887
Chinelo de cela	Josina Gires	Horcelina C. Gires	1880
Espada	Maj. João A. de Barros	Catarina de Barros Grimo	XIX

Denominação	Origem	Doador	Data
Zequeira	José Feliciano	Raimundo Feliciano	1928
Funhal	Antônio Ingraja	Raimundo Feliciano	1928
Biquinas de fazer balas	Helvécio Gires de Carvalho	Estônia D. Barros	1946
Par de farros de alumínio	Benhur Bellert	Vinicius B. Carvalho	1928
Castiça de alumínio	Ana Loustosa Gires	Ana Loustosa Coelho	1946
Grinaldo de Casamento	Nº de Lourdes R. Santos	Nº de Lourdes R. Santos	1924
Caixa de rapé	Compa. Cantarelli	Comandante do Exército	1924
Relógio	Guarizado		
Tinteiro	Helvécio Gires	Estônia Carvalho	1920
Paro de alumínio			1920
Galiteiro de metal x	Se. Herberto	Celestina e Beninha	1922
Quadro	Rosalina Loustosa Cantarelli	Nº de Lourdes Coelho	1922
Imagem de madeira	Nº de Lourdes Coelho	Nº de Lourdes Coelho	1922
Par de castiças de madeira	Nº de Lourdes Coelho	Ana Loustosa	1922
Título de cidadão R. Henrique	Câmara Municipal Belém	Figário da Saróquia	1910
Varicúlo	Igreja Menino Deus	Estônia Carvalho	
Livro perfumado	Estônia Carvalho	Estônia e Rivaldo Carvalho	
Patente	Manoel Salvador da Cruz	Maria Caribé	
Farda da farda	Bel. Jerônimo Gires Carvalho	Figário da Saróquia	1918
Custódia	Igreja Menino Deus	Luísa Lima	1918
Coalha	Ana Ferreira Lima	Estônia Carvalho	
Sombrinha	Marieta	Quercino S. Carvalho	
Porta Retrato	Jerônimo Gires Carvalho	Figário da Saróquia	
Dois. Missão	Igreja Menino Deus	Irene Gires	
Busto	Moço. João Gires de Araújo	Alunas da G. Normal	1924
Album	Estudantes da G. Normal	Rivaldo Carvalho	
Cruz de Cedra	Rivaldo Carvalho	Diadita	
Sanatório	Antônia Zetirina	Diadita	
Par de ferro metal		Diadita	
Livro do mês de N.º	Nº Firmina de Carvalho	Irene	
Coleção de livros antigos	Diadita		
Retrato	Moço. João Gires de Araújo		

Denominação	Origem	Doador	Data
Relatório pequeno	Major João B. Barros e esposa	Calasias de Barros Grima	1818
Relatório de mão	Conceição Gires	Frete Gires	1824
Cozinha de prata	Santa Maria	Diadema	1826
Relatório de alcaideia d'ouro	Simão José B. Barros	Antônia Carvalho	1826
Relatório de alcaideia d'ouro	Verdeudes Carvalho	Antônia Carvalho	1828
Relatório de ouro	Glizeu Gires	Santa e Carlota Gires	XIX
Relatório de ouro	Major João B. Barros		1828
Relatório de ouro	Santa Maria Coelho	Olindina Coelho	1828
Relatório de ouro	Conceição Gires	Antônia Carvalho	XIX
Relatório de ouro	Teresa Raimunda da Silva	Janilda Gaciel	1828
Relatório de ouro	Teresa Raimunda da Silva	Janilda Gaciel	1828
Relatório de ouro	Carlota Alves	Santa e Carlota Gires	XIX
Relatório de ouro	Major Inácio de Sá	João de Carmo Angelim	XIX
Relatório de ouro	Indeio de Carvalho	Geraciina Gires	XV
Relatório de ouro	Major João B. Barros	Jonas de Carvalho, Barão	XIX
Relatório de ouro	Francisco S. Carvalho	Diadema	1828
Relatório de ouro	Manoel Salvador da Cruz	Diadema	1828
Relatório de ouro	Simão José B. Barros	Diadema	1828
Relatório de ouro	Manoel Francisco	Aldeimar Carvalho	1828
Relatório de ouro	Manoel Antonio	Santa da Cruz Gires	1828
Relatório de ouro	Maria Florentina	Família da mesma	1828
Relatório de ouro	Senhora Belfort	Denora S. Carvalho	1828
Relatório de ouro	Senhora Belfort	Denora S. Carvalho	1828
Relatório de ouro	Carlota	Carlota	1828
Relatório de ouro	Dr. Gossidão	Maria S. Coelho	1828
Relatório de ouro	Glizeu Gires	Santa e Carlota	XIX
Relatório de ouro	Glizeu Gires	Santa e Carlota	XIX
Relatório de ouro	Glizeu Gires	Santa e Carlota	XIX
Relatório de ouro	Maria Alves de Carvalho	Doralice Carvalho	1828
Relatório de ouro	Maria Alves de Carvalho	Doralice Carvalho	1828
Relatório de ouro	Antônia F. C. Barros	Doralice Carvalho	1828
Relatório de ouro	Dr. Gossidão	Antônia F. da Cruz	1828
Relatório de ouro		Dr. Manoel S. Coelho	1828

